



UMA CENTELHA DE LUZ

PE. VALDEMIRO HANEIKO

Editora Kindra
diasporiana.org.ua

PE. VALDEMIRO HANEIKO

UMA CENTELHA DE LUZ

Editoria: João Kindra

Capa: Ir. Mariano Borsuk osbm e João Kindra

Este livro foi editado sob os auspícios da Eparquia
Ucraniana de São João Batista.

Os direitos desta obra estão reservados
Printed in Brazil — Impresso no Brasil

PEDIDOS (REQUEST):

Eparquia Ucraniana

Caixa Postal 6192

Telefone: (041) 242-7469

80000 Curitiba — Paraná
BRASIL

Em homenagem aos meus pais —
THEODORO E JÚLIA NEDILHA HANEIKO
(já falecidos)
e a toda minha família.

О. ВОЛОДИМИР ХАНЕЙКО
Генеральний Вікарій
Української Єпархії в Бразилії

ПРОМІНЬ СВІТЛА

УКРАЇНСЬКЕ ДІЄЦЕЗАЛЬНЕ ДУХОВЕНСТВО
В БРАЗИЛІЇ

PE. VALDEMIRO HANEIKO
Vigário Geral
da Eparquia Ucrâniana no Brasil

UMA CENTELHA DE LUZ

CLERO DIOCESANO UCRÂNIO NO BRASIL
“UKRAINSHKE DIYTSEZALHNE DUKHOVENSTVO
V BRAZYLII”

Em recordação e homenagem ao

**1000.º ANIVERSÁRIO
DO BATISMO DO POVO UCRAÍNO,**

às margens do Rio Dnipro, em Kêiv, capital da Ucrânia, promovido pelo Príncipe São Valdomiro, o Grande, no ano de 988 da era cristã.



S. S. Papa João Paulo II, gloriosamente reinante

5
4
3

4

1. The first part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \frac{1}{x} \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function, i.e., $f(x) = c$ for all x . This result is obtained by differentiating the equation with respect to x and using the initial condition $f(0) = 1$.

2. In the second part, the function $f(x)$ is extended to the complex plane. It is shown that $f(z)$ is a constant function, i.e., $f(z) = c$ for all z . This result is obtained by differentiating the equation with respect to z and using the initial condition $f(0) = 1$.

3. The third part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \frac{1}{x} \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function, i.e., $f(x) = c$ for all x . This result is obtained by differentiating the equation with respect to x and using the initial condition $f(0) = 1$.

4. In the fourth part, the function $f(x)$ is extended to the complex plane. It is shown that $f(z)$ is a constant function, i.e., $f(z) = c$ for all z . This result is obtained by differentiating the equation with respect to z and using the initial condition $f(0) = 1$.

5. The fifth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \frac{1}{x} \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function, i.e., $f(x) = c$ for all x . This result is obtained by differentiating the equation with respect to x and using the initial condition $f(0) = 1$.

6. In the sixth part, the function $f(x)$ is extended to the complex plane. It is shown that $f(z)$ is a constant function, i.e., $f(z) = c$ for all z . This result is obtained by differentiating the equation with respect to z and using the initial condition $f(0) = 1$.

7. The seventh part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \frac{1}{x} \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function, i.e., $f(x) = c$ for all x . This result is obtained by differentiating the equation with respect to x and using the initial condition $f(0) = 1$.

8. In the eighth part, the function $f(x)$ is extended to the complex plane. It is shown that $f(z)$ is a constant function, i.e., $f(z) = c$ for all z . This result is obtained by differentiating the equation with respect to z and using the initial condition $f(0) = 1$.

9. The ninth part of the paper is devoted to the study of the properties of the function $f(x)$ defined by the equation $f(x) = \frac{1}{x} \int_0^x f(t) dt$. It is shown that $f(x)$ is a constant function, i.e., $f(x) = c$ for all x . This result is obtained by differentiating the equation with respect to x and using the initial condition $f(0) = 1$.

10. In the tenth part, the function $f(x)$ is extended to the complex plane. It is shown that $f(z)$ is a constant function, i.e., $f(z) = c$ for all z . This result is obtained by differentiating the equation with respect to z and using the initial condition $f(0) = 1$.

Apresentação

A comemoração de dois acontecimentos importantes na Igreja Ucraino-Católica no Brasil — a vinda dos primeiros missionários ucranios para o Brasil, em 1896, e a fundação do Seminário Diocesano Menor de S. Josafat, em 1959 — tornam oportuna e louvável a edição de “Uma Centelha de Luz”. Mons. Valdemiro Haneiko, o autor, é um escritor que se tem distinguido como conhecedor da nossa história e da nossa Igreja.

No ano de 1986 celebraremos o 90.º Aniversário da vinda da Ucrânia para o Brasil dos três primeiros sacerdotes ucranios — Pe. Nicolau Michalevitch, Pe. Nikon Rosdolsky e Pe. João Voliansky — todos diocesanos. Dos basilianos, o primeiro a vir foi o Pe. Silvestre Kizema, um ano mais tarde, i.é. em 1897.

Os sacerdotes que vieram para o Brasil dedicaram-se inteiramente ao serviço missionário, enfrentando todos os obstáculos para poder propiciar o conforto da fé e as práticas religiosas aos seus patrícios.

É a eles que devemos atribuir os méritos pela conservação da identidade da etnia ucranina, da sua religião, do seu rito e de suas tradições.

Ao recordarmos esses eminentes vultos da Igreja, percebemos o verdadeiro espírito missionário, o amor às almas, a fidelidade a Deus e à Igreja — que os torna dignos do maior respeito e veneração, como verdadeiros apóstolos da fé a serviço de Deus. É verdade que não são muitos os que se interessam em conhecer a vida deles, consagrada à salvação das almas, nem seus nomes, nem seus méritos.

Julgamos imperdoável deixar esses heróis anônimos relegados ao esquecimento. O lançamento deste livro virá a preencher, ao menos em parte, essa lacuna tão manifesta.

Outro acontecimento digno de ser rememorado é o 25.º Aniver-

sário da fundação do Seminário Diocesano Menor de Josafat, em Mallet, Paraná. O ato inaugural solene, a 20 de novembro de 1959, na véspera da festa de Apresentação de N. Senhora no templo foi presidido pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, de saudosa memória, com a assistência de D. José R. Martenetz, do Mons. Clemente Preima, Vigário Geral, de autoridades civís e religiosas, e de fiéis.

Pode parecer que o Seminário não tivesse produzido os resultados esperados. Mesmo assim, muitos jovens que iniciaram ali os seus estudos hoje ou exercem a sua missão de sacerdotes, ou são cidadãos cõscios e bons cristãos.

Atualmente nele se encontram 34 candidatos ao sacerdócio e o Seminário continua como a menina-dos-olhos do clero e como uma grande esperança da nossa Igreja e, em especial, da nossa Eparquia.

Com grande satisfação recomendamos este livro, bendizendo a Deus pelos zelosos pastores que nos suscitou no passado, os quais, cumprindo uma nobre missão na luta pelo bem da nossa Igreja e do nosso povo em terras brasileiras, merecem nossa admiração e um justo reconhecimento.

Humildemente inclinando-nos diante do Altíssimo, rogamos para que esses inolvidáveis missionários sejam um vivo e atuante exemplo para os que abraçaram a mesma vocação do serviço a Deus, à Igreja e ao nosso povo.

Esperamos que aqueles heróis da fé se transformem — para todos nós, irmãos na fé e no sacerdócio, e também para aqueles que futuramente ouvirem o chamamento divino — numa chama viva e ardente a iluminar e a impulsionar a missão voluntária no serviço da salvação das almas do povo de Deus.

Que a lembrança deles permaneça de geração em geração!

Curitiba, 10 de maio de 1985.

D. Efraim B. Krevey osbm
Eparca

Introdução

Ao apresentarmos uma modesta contribuição para a história da imigração ucraina no Brasil, tencionamos, sem maiores pretensões, levar ao conhecimento do nosso leitor amigo as vicissitudes, as lutas, os sacrifícios e os trabalhos que ousada e heroicamente enfrentaram os nossos antecedentes ao aportarem à terra que lhes prometia um futuro melhor.

O que mais nos impulsionou à composição deste trabalho foi o desejo de se fazer justiça e prestar um preito de gratidão aos grandes missionários ucraino-católicos de clero secular, que, em condições as mais adversas, escreveram com muito suor e muita fé uma brilhante página de zelo e de dedicação às almas que lhes eram confiadas. Para que os nomes desses grandes vultos, que valentemente cumpriram a sua missão, não fiquem no anonimato e esquecidos, desejamos registrá-los, ainda que palidamente, nestas poucas páginas que seguem.

Iniciamos o nosso trabalho com informações sucintas sobre as origens do povo ucraino, sua história, suas lutas, tradições e costumes; sobre a situação atual de sua existência, como nação inconformada e jamais vencida e presentemente sob o jugo dos carrascos que a conquistaram. Assim esperamos poder oferecer ao nosso benévolo leitor subsídios suficientes para que possa formar uma idéia justa sobre a verdade do povo ucraino.

O nosso propósito é também de manifestar a nossa repulsa às expressões malévolas de alguns cronistas que, sem o conhecimento dos fatos, têm o costume de denegrir o trabalho dos primitivos imigrantes ucrainos; trabalho este realizado em precaríssimas condições.

Segundo a opinião dos mesmos, a contribuição do elemento ucraino para o progresso do país foi insignificante. Tal afirmação é gratuita e desprovida de qualquer base séria. Faltou-lhes o cuidado

e o capricho de estudar melhor e analisar o problema no lugar para onde os imigrantes foram encaminhados.

Convém que se saiba que os imigrantes foram atirados às florestas virgens, espessas de pinheirais e de imbuías, sem apetrechos agrícolas, sem estradas, sem amparo de ninguém, sem escolas, enfim, desprovidos de tudo para um desbravamento imenso e entregues à própria sorte.

E, no entanto, quem há de negar de sua consciência que eles venceram uma grande batalha, com muito trabalho e suor?

E a prova disto são os seus descendentes, que hoje exercem posições de destaque na sociedade brasileira, em todos os setores das atividades humanas.

Dai a nossa repulsa e revolta contra insinuações nada construtivas e nada condizentes com a realidade dos fatos que se verificaram num passado não muito remoto.

Queremos fazer justiça à obra que realizaram os sacerdotes seculares e regulares do rito ucraino-católico, quando aceitaram e desafiaram as agruras dos primeiros tempos de imigração, enfrentando toda sorte de dificuldades, arriscando a própria vida para proporcionar conforto espiritual, sem preocupação de se enriquecerem, visitando as capelas e os fiéis em suas choupanas, no lombo de cavaladuras ou a pé.

Esses heróis também foram mal interpretados pelos seus irmãos latinos de então, irmãos na fé e na missão comuns.

Apesar de tudo, cumpriram a sua missão com elevado espírito de fé e de abnegação, por isso, merecem que seus nomes e suas obras sejam registrados como exemplo para os porvindouros.

Para a elaboração deste nosso modesto trabalho, consultamos as fontes pessoalmente, isto é, visitando os núcleos coloniais da etnia ucraina e anotando todas as informações que puderam ser úteis.

Nosso reconhecimento especial a D. Efraim Krevey, Eparca da Igreja Ucraino-Católica no Brasil, que foi quem mais influenciou e colaborou na elaboração deste livro, financiando-o com a única finalidade de tornar público e dar um testemunho justo do trabalho desses missionários do bem.

Enfim, queremos afirmar que o autor deste trabalho, ainda que modesto, é um descendente que se honra de sua origem.

Para que possamos apreciar melhor o homem ucraino, desejamos esboçar alguns fatos do passado que envolveram a Ucrânia através da sua história de quatro mil anos como nação de prerrogativas próprias, inerentes à sua nacionalidade, possuidora de um grande território no Sul da atual União Soviética, com mais de 50 milhões de habitantes, falando a mesma língua, conservando os mesmos costumes, tradição e cultura próprias, como um soberbo patrimônio que poucas nações se orgulham de possuir.

A Ucrânia possui uma história real de uma nação orgulhosa de sua cultura e de seus feitos heróicos do passado.



D. Carlo Furno - Núncio Apostólico no Brasil, grande amigo da Igreja Ucrâina

ria, como Professor de Português no Colégio Túlio de França e para atender os fiéis de rito ucraniano de Mallet e arredores.

Em 1955 foi transferido para Apucarana, exercendo o cargo de Reitor da Missão Ucrânio-Católica e trabalhando como professor de Português no Colégio Estadual Nilo Cairo.

Em 1958 foi eleito Deputado para a Assembléia Estadual do Paraná, residindo em Curitiba e continuando a atender mensalmente os seus fiéis de Apucarana e arredores.

É autor do livro "EM DEFESA DE UMA CULTURA", publicado em 1974 com a tiragem de 3.000 exemplares. Participou, como Presidente do Comitê Representativo da Etnia Ucraina do Brasil, no I Congresso Mundial de Ucranianos Livres, realizado em Nova Iorque em 1967. Representou a comunidade ucraniana do Brasil nas Conferências da WACL, realizadas no Rio de Janeiro e em Assunção do Paraguai.

Publicou uma série de Boletins Informativos em português, financiados pelo sr. Miguel Bailak, industrial em Apucarana.

Participou ativamente dos Congressos de Profissionais da Etnia Ucraniana, que se realizaram em Curitiba nos anos de 1975 e 1976 com estupenda concorrência.

Nos Congressos da Juventude Ucrânio-Brasileiro que se realizaram em São Paulo, Curitiba, Ponta Grossa e Pitanga, participou ativamente.

O jornal "O Estado de São Paulo" publicou uma série de artigos seus que tratavam de problemas ucranianos. Colaborou com artigos em jornais de Curitiba e Apucarana.

Traduziu a vida de São Josafat do ucraniano para o português.

Por ocasião do 50.º Aniversário da Fome na Ucrânia, publicou um Boletim narrando a barbárie soviética.

Em Apucarana construiu a Igreja de Nossa Senhora de Fátima no km 10 da Estrada do Rio Bom, de alvenaria, ainda em 1964, e em 1978 construiu a Igreja do Divino Espírito Santo na cidade de Apucarana.

Enfim, por Decreto Canônico de 23.7.1980, foi nomeado Vigário Geral da Eparquia de São João Batista de Curitiba, continuando em Apucarana para atender os seus fiéis de rito ucraniano.



CARDEAL SILVESTRE SYMBRATOVYTCH
*Arcebispo Metropolitano de Lviv, que enviou os primeiros sacerdo-
tes ucrâinos ao Brasil.*

•

•

100

Prefácio

O intuito de me apresentar perante o público que aprecia conhecer fatos do passado juntamente com dados sucintos sobre o autor e suas atividades, eis a razão porque exponho o meu retrato em rápidas pinceladas.

Pe. Valdemiro Haneiko, filho de Theodoro e Júlia Nedilha Haneiko, nasceu no dia 19.9.1910, em Nova Galícia, Santa Catarina. Aos 7 anos começou a freqüentar a Escola Primária em Dorizon, Paraná, para onde se haviam transferido os seus pais. Aprendeu as primeiras letras com os professores Estefano Petretsky, Procópio Biliak e Valentim Kutz.

Em 1924 freqüentou o Colégio de Santo Antônio de Blumenau. Em 1925 ingressou no Seminário Menor de Curitiba, onde terminou o Curso Ginásial e a Filosofia. No ano de 1932 foi enviado a Roma, onde se internou no Colégio Pontifício de São Josafat, no Gianicolo e freqüentou a Universidade Urbaniana (Propaganda Fide) de Roma. Em 29.3.1936 foi ordenado sacerdote, após ter feito o Licenciado em Teologia. Em seguida retornou ao Brasil para assumir os trabalhos pastorais em Mallet, mais tarde em Vera Guarani e finalmente em Ponta Grossa, a convite de D. Antonio Mazzarotto, para cuidar dos fiéis de rito ucraniano e lecionar a cadeira de Português e de Geografia no Curso Pré-Jurídico.

Em 1942 foi transferido para Castro, com o fim de dirigir o Colégio Diocesano de Santa Cruz, onde permaneceu 7 anos. Em Castro contribuiu e possibilitou que 5 estudantes ucranianos pudessem concluir os estudos secundários no Colégio de São José, da mesma cidade, e assim se tornarem as fundadoras da Associação das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus de Prudentópolis, sob a orientação do Pe. Cristóforo Savenko Mechkiv osbm, de saudosa memória. Também facilitou de sobremaneira a aquisição da atual sede das Catequistas de Ponta Grossa, que até então era um clube adquirido para fins culturais. Mais tarde foi transferido para União da Vitória.



METROPOLITA ANDRĚ CHEPTYTSKYI

Arcebispo Metropolitano de Lviv.

*1.º Visitador Apostólico para os ucraninos no Brasil (1922). Hoje com
Processo Canônico de Beatificação.*



D. CONSTANTINO BOHATCHEVSKYI
2.º Visitador Apostólico dos ucrâinos no Brasil, em 1930.



D. JOÃO BUTCHKO — ARCEBISPO
3.º Visitador Apostólico no Brasil, em 1939-1940.



CARDEAL JAIME DE BARROS CÂMARA
Ordinário de Ritos Orientais no Brasil. Grande amigo da Igreja
Ucraina.



CARDEAL JOSÉ SLIPÊI

Arcebispo Maior e Confessor da Fé, com 18 anos de prisão nas masmorras soviéticas. Visitou o Brasil em 1968. Faleceu em 7 de setembro de 1984, em Roma.



D. MYROSLAV IVAN LUBACHIVSKY

Cardeal e Arcebispo Maior da Igreja Ucrâina em substituição ao falecido D. José Slipêi. Visitou o Brasil em abril-maio de 1985. Foi nomeado Cardeal no dia 24 de abril e recebeu as insígnias cardinalícias no dia 25 de maio de 1985, em Roma.

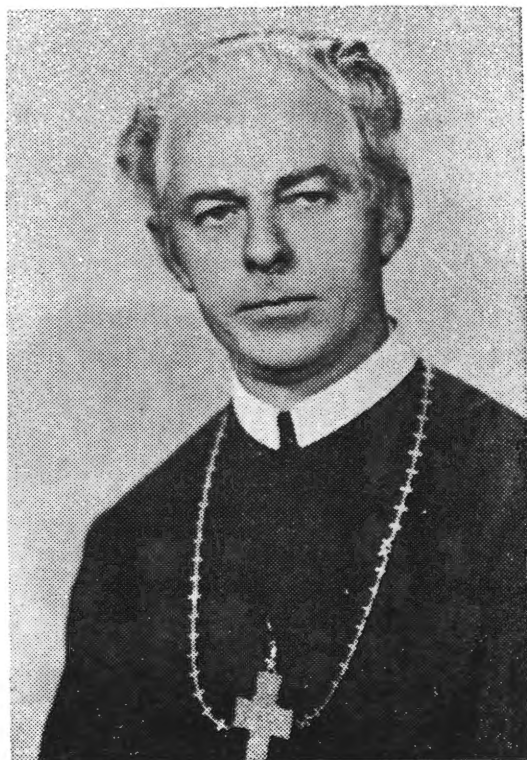


DR. ANTONIO MAZZAROTTO
*Bispo de Ponta Grossa, com jurisdição canônica sobre os fiéis de
rito ucraino durante muitos anos.*



D. JOSÉ ROMÃO MARTENETZ osbm

*1.º Eparca da Igreja Ucrâino-Católica no Brasil,
nomeado a 10 de maio de 1958.*



*D. Efraim Basílio Krevey osbm, eparca da Igreja Ucrâino-Católica
no Brasil.*

I PARTE

Ucráína e Ucráínos

CAPÍTULO I

UCRAÍNA

A palavra Ucráína tem sua origem histórica. Para satisfazer a curiosidade do leitor, vamos historiar a sua origem.

O vocábulo UCRAÍNA é formado de dois elementos eslavos: U — junto de, e KRAI — extremidade, fronteira.

O termo UCRAÍNA significa etimologicamente — região ou Estado Político situado numa extremidade (extremo oriente europeu) ou numa zona fronteira.

A Ucráína limita-se com os territórios dos tártaros, mongóis e moscovitas — campo de lutas contínuas entre poloneses, russos, tártaros e turcos.

A forma correta do patronímico é UCRAÍNO, segundo a etimologia. Enquanto que UCRÂNIA E UCRANIANO, ainda que bastante usadas e difundidas pelos próprios Ucráínos, são formas que entraram na língua portuguesa por influência da pronúncia francesa.

Do francês UKRAINE, que se pronuncia “UKRENE”, formaram-se os patronímicos “UKRAINIEN” (pronunciado “UKRENIEN”) e “UKRAINIENNE” (pronunciado “UKRENIENNE”).

As formas analógicas de alguns nomes geográficos já existentes em português, terminadas em ÂNIA (Lusitânia, Aquitânia, Mau-

ritânia) reforçaram Ucrânia e Ucrâniano.

A mais antiga denominação da atual Ucrânia, a original — foi a de RUSH, e de seus habitantes — RUSHKYI e no plural — RUSH-KI.

No século IX depois de Cristo, ao Sul da atual Rússia, então inexistente, constituiu-se o Grão Ducado de KĖIV ou de RUSH.

O documento que registra esse nome é o mais antigo da vida estatal da Ucrânia; é o Tratado de Paz celebrado por Oleh, Príncipe de KĖiv, com o Império Bizantino, no ano de 911.

O nome Ucrânia entrou em uso muito mais tarde, isto é, quando no século XII os Príncipes de um pequeno principado, chamado “Moscóvia”, constituído de algumas tribos eslavas, húngaro-finesas e siberianas, adotaram o título de “Grão Duque da Rússia”, fato que provocou, entre outros motivos, o ataque do Príncipe de Moscóvia, Boholiúbskyi, em 1169, contra o Estado de KĖiv, declarando que ia contra a “Rush”, reconhecendo assim claramente que o seu território da Moscóvia não era a “Rush”.

Mas foi somente durante o reinado de Pedro I (1672-1725), então tsar (czar) do “Principado de Moscóvia”, que o nome “Rússia” substituiu definitivamente a primeira denominação de Moscóvia ou Estado de Moscou (Moskvá).

Segundo alguns historiadores, o povo ucraino lutou muito pela conservação do seu verdadeiro nome, ligado a tradições milenares do seu genuíno berço natal, mas observando que Moscou criara propositalmente uma artificiosa confusão de nomes, RENUNCIOU ao seu nome histórico de Rush, adotando o de Ucrânia, para sublinhar as fronteiras da sua pátria, já em uso no século XII como “Rush-Ucrânia”.

Convém esclarecer que havia outros nomes para designar a Ucrânia, como “Pequena Rússia”, “Rutênia”, nomes estes todos inventados pelos colonizadores estrangeiros, ocasião em que era proibido por lei o idioma ucraino.

Camões, enumerando os povos europeus, distingue os ucrainos dos russos, chamando os primeiros de rutenos e os segundos de moscos (Os Lusíadas, edição comentada por Otoniel Mota, 12.ª edição, pág. 93).

CAPÍTULO II

RESUMO HISTÓRICO

A Ucrânia é hoje um território ocupado ou “protegido” pela União Soviética como República Socialista Soviética da Ucrânia.

Já gozou períodos de glórias e de poder, aos quais sucederam períodos de domínio estrangeiro, com a perda da sua soberania.

A origem do povo ucraino é remotíssima e os pesquisadores a situam em torno do ano 3.000 a.c. Entretanto, não há dados mais precisos para a reconstrução do seu passado pré-histórico.

Vejamos alguns fatos da sua existência documentada pela história. A Ucrânia já há onze séculos é uma organização estatal definida, tendo desfrutado o seu apogeu no ano de 988, quando foi oficialmente cristanizada e unificada pelo Grão Príncipe São Valdomiro, de Kêiv, e sua avó, a Princesa Olga de Kêiv (945-964), foi a precursora do cristianismo e a emancipadora da mulher ucraina.

O povo ucraino só não teve a sua trajetória histórico-cultural interrompida pelos invasores e colonizadores estrangeiros, que, mediante genocídios e deportações, destruição com incêndios de castelos, igrejas e mosteiros, museus e bibliotecas, assim como da própria capital, a cidade de Kêiv, que no decorrer dos últimos séculos foi destruída três vezes — foi graças à geração de intelectuais e estudiosos que seguiram a sua brilhante e histórica jornada, na voz de canções e fábulas, de odes e lendas.

O Grão Ducado de KÊIV ou de RUSH, organizado no século IX, desempenhou importante papel político-cultural no Leste europeu até o século XII. A sua missão histórica foi a de propagar a cultura ocidental recebida de Bizâncio e proteger a Europa contra as invasões de bárbaros — tártaros, mongóis e turcos. A hegemonia que havia alcançado entrou em declínio, então, devido às dissensões internas dos Príncipes e ao esgotamento causado pelas contínuas lutas que sustentaram contra os moscovitas e poloneses, de um lado, e do outro, contra os tártaros e mongóis. Essa foi a causa da transferência do centro de sua organização estatal para a Galícia (Halychená), com sede em Lviv (cidade dos leões).

No século XVI, em consequência de um Tratado, as suas terras foram unidas ou anexadas à Polônia e à Lituânia, formando com essas um só reino. Essa união degenerou logo depois na mais completa submissão e escravidão. Então, muitos se rebelaram e entraram em lutas para reconquistar a liberdade perdida tão ingloriamente.

Nas estepes do rio Don e do rio Dnipró (Dnieper), os célebres kozakos — cossacos (kozak, kozakê), vocábulo tártaro que significa “guerreiro livre” — camponeses, pescadores, caçadores — durante mais de 100 anos resistiram ao mesmo tempo aos tártaros, moscovitas e turcos. Enfim foram esmagados por forças superiores.

Mais tarde, mesmo com a ajuda de Carlos XII da Suécia, o culto e brilhante guerreiro ucraino Hethmán Mazepa foi derrotado na batalha de Poltava (1709). Em consequência, a Ucrânia Oriental foi incorporada à Rússia e a Ocidental ao território austríaco.

Esses infortúnios não esmoreceram o ânimo do povo ucraino e o movimento nacional desenvolveu-se subterraneamente, vindo à tona apenas no fim da Primeira Guerra Mundial. Aproveitando-se da derrota sofrida pelos russos e da desordem que se seguiu, a 22 de janeiro de 1918 a Ucrânia proclamou-se independente sob a denominação de “República Nacional da Ucrânia”.

Curta foi a duração da nova República. Mais uma vez o poderio russo afogou em sangue a liberdade do povo ucraino em 1923.

Deixou de existir como Nação livre e hoje é transformada em uma República Socialista Soviética.

Em 1933, Stalin promoveu um lúgubre Congresso, na Ucrânia, quando foram executados mais de mil menestres ucranios (kobzari), esses lendários e típicos tocadores de bandura, trovadores e poetas, que constituíam, no passado, verdadeiras enciclopédias perambulantes, cantando a história da Ucrânia, transmitida por séculos e séculos a fio, através das trajetórias heróicas de tantas e tantas gerações. Foram destruídos para que não houvesse nenhum testemunho de um passado de glórias, cantado por esses pitorescos e românticos cantadores dos antigos heróis e das antigas batalhas.

Além de menestres, inúmeros artistas, monges e eremitas, místicos cultuadores das tradições folclóricas e religiosas, estudantes e intelectuais, foram pouco a pouco assassinados ou deportados para trabalhos forçados na Sibéria, para que os moscovitas pudessem torcer e distorcer, macular e ridicularizar, submeter e enquadrar à sua própria conveniência e justificativa, impingindo aos ucranios das novas gerações, e ao mundo, a sua “própria versão” da história da Ucrânia, exatamente como vem ocorrendo nos dias de hoje.

Convém explicar que a bandura é um instrumento genuinamente ucranio e que a sua predecessora é a antiga kobza, que se originou na Ucrânia. Nos tempos do Estado Kozako da Ucrânia, dos séculos XIV e XVII, a bandura foi estritamente proibida pelos colonizadores moscovitas e poloneses. Os menestres eram velhos e quase sempre cegos, ex-combatentes daqueles memoráveis tempos dos kozakos defensores incondicionais da pátria. Esses sábios e líricos filósofos da terra, entre os quais havia monges eruditos, verdadeiros mestres no assunto, com um impressionante espírito de nacionalismo traduzindo e resguardando sobremaneira os anseios de independência do povo, constituíam parte inestimável de um patrimônio cultural, incorporando-se aos mananciais da terra, em cujas torrentes meliflui a mais pura e legítima história da Ucrânia, que apesar dos pesares sobrevivem ainda até os nossos dias de hoje, mormente nos grandes núcleos culturais ucranios: Alemanha e França (os mais antigos), Inglaterra, Bélgica, Estados Unidos, Austrália e Canadá, onde o terceiro idioma é o ucranio e onde se resguarda todo este patrimônio cultural.

Em épocas mais remotas as hordas invasoras de turcos e tártaro-mongóis queimavam os olhos dos prisioneiros ucranios e séculos mais tarde surgiram as primitivas tribos invasoras dos sanguiscedentos moscovitas: esses simplesmente massacravam os kozakos e dizimavam populações; somente os altos mandatários eram apriacionados, e quando resgatados pelos companheiros, já estavam irremediavelmente cegos, pelas más condições dos cárceres, pela escurdição e inanição.

Transformavam-se, dessa forma, de bravos e cultos heróis do passado em mestres e monges-pastores, chamados pelos historiadores de verdadeiros “fênix” ou condores da terra, que, com todo o seu nostálgico lirismo, faziam ressurgir das cinzas o fogo sagrado

da imortalidade do povo ucranio.

Os ucranios tem certeza de que a Ucrânia ressurgirá um dia como nação livre e soberana.

Nos episódios e nas vicissitudes, os ucranios não lutaram para defender bens materiais ou para melhorar as suas condições de existência, mas tudo sacrificaram para defender a sua liberdade espiritual, sua maneira de viver, sua crença e seus ideais.

A Ucrânia é o país das estepes. Planícies infindas, que se perdem de vista em seus horizontes sem limites, com um céu de anil, proporcionam ambiente e panorama inefáveis a despertar sentimentos de liberdade, de livre locomoção, e o do usufruto do solo negro ubérrimo, expandindo o espirito para os vôos altaneiros e às aventuras que a miragem da estepe proporciona.

Toda a beleza das estepes, a grandiosidade, que a vista aprecia e se deleita, conduzem o ucranio a um grande amor à sua terra e à sua gente.

CAPÍTULO III

O UCRÂNIO

No seu tipo étnico e no aspecto antropológico, os ucranios não devem ser confundidos nem com os poloneses nem com os russos, se bem que sejam da mesma raça, isto é eslavos.

De um modo geral, o ucranio difere do russo: este é louro, de ombros largos, pesado, melancólico, agressivo, violento; ao passo que o ucranio aparece mais delgado, alto, alegre, humano, hospitaleiro. A característica facial do russo são os zigomas bastante pronunciados e a leve inclinação dos olhos — sinais de grande mescla com mongóis. Portanto, apesar do ucranio não possuir um tipo único, é ele inconfundível entre os povos europeus.

CAPÍTULO IV

LÍNGUA UCRÂNIA

As línguas ucraniana, russa e polonesa são indo-europeias do ramo eslavo, segundo a classificação de A. Trombetti, mas cada qual com as características próprias. A impressão de um leigo é que o ucranio não passa de um dialeto russo, isto é, apenas uma variante oral ou uma forma de expressão deturpada do idioma russo. O linguista, porém, que conhece as origens e a evolução histórica dos dois povos, não confunde as aparências atuais com a realidade linguística.

O ucranio e o russo, originariamente formas dialetais do idioma anterior comum, ambos chegaram ao grau de línguas por fatores políticos, culturais e históricos. Tornaram-se idiomas oficiais e nacionais dos respectivos corpos políticos — Grão Ducado de Kéiv e Moscúvia, e posteriormente instrumentos de culturas distintas. Da

atual inferioridade política não se pode concluir da sua inferioridade lingüística e cultural. Por mais que os tsares russos proibissem o seu uso oral e escrito, com evidente propósito de anular a alma do povo e reduzi-lo mais facilmente à servidão, a língua ucraina serviu de expressão a numerosos poetas e prosadores, que criaram rica e variada literatura. Foi essa literatura, na voz e na pena de seus poetas, como Tarás Chevtchenko, o sustentáculo moral do seu povo nas árduas e intermináveis lutas pela sobrevivência.

Ainda hoje é a língua de comunicação e expressão de 50 milhões de indivíduos, que vivem no seu próprio território étnico, e de outros 10 milhões espalhados pelo mundo.

Os tsares de Moscou, quando subjugaram a Ucrânia em 1654, iniciaram uma violenta perseguição a todos os intelectuais e líderes nacionalistas, deportando-os para a Sibéria. Os direitos de autonomia e independência eram negados ao povo ucraino. Uma rica e vasta literatura florescia desde o século IX, tempos memoráveis do Grão Príncipe São Valdomiro de Kêiv, o cristianizador e unificador da Ucrânia. Os moscovitas profanaram toda a história e a cultura milenar da Ucrânia, minando as suas mais profundas e legítimas raízes, o direito de ter o próprio idioma, apresentando-o como um dialeto. Daí então o idioma oficial da Ucrânia passou a ser o russo. Entretanto, a língua ucraina não foi extinta, permaneceu viva e palpitante no acalanto dos lares, no embalo do berço e nas canções de ninar, nas orações e no trabalho, no seio da terra-mãe, nos mananciais, na sementeira e nas colheitas, na voz de seus trigais.

Foi o seio desta fecunda mãe-terra que gerou um dos seus maiores filhos: nascia em 1798 Ivan Kotliarevshkyi, que seria o Pai da Moderna Literatura Ucraina. Esse corajoso moço começou a escrever e publicar na Alemanha as suas obras, em prosa e em verso, no genuíno idioma ucraino. Esse fato provocou uma onda de protestos nos mais altos meios moscovitas.

Houve então uma série de críticas e polêmicas, uma verdadeira revolução nos meios literários e a sua repercussão foi tão grande que resultou num histórico Congresso, na Alemanha, de sábios e intelectuais, estudiosos de idiomas eslavos.

E finalmente, após meses de estudos e discussões, o Congresso deu o veredito: "a língua falada pelos ucrainos é um belo e evoluído idioma eslavo, e jamais, como se fazia acreditar, um dialeto ou jargão".

Desde essa data o idioma ucraino passou a figurar oficialmente e em nível de igualdade entre os mais conceituados idiomas eslavos, além de ser o mais admirado e estudado pela sua riqueza e pelo lirismo peculiar da alma ardente de seu povo.

O idioma ucraino evoluiu lírica e praticamente do antigo idioma eslavônico, criando, em meio às riquezas fabulosas da própria terra, nuances, filigranas, consonância, harmonia e musicalidade, e desabrochando em suas OITOCENTAS MIL PALAVRAS.

Após essa gloriosa redenção do idioma, automaticamente houve um renascimento de valores. As pretensas estruturas sócio-culturais

dos opressores estavam seriamente ameaçadas por uma maravilhosa safra de talentos em eclosão.

E o povo que eles julgavam irremediavelmente subjugado e abatido, cujos líderes nacionalistas jaziam há muito como heróis mortos, renascia do seio latente da mãe-terra.

Os opressores moscovitas não se conformaram, iniciando uma verdadeira guerra à palavra falada e impressa na Ucrânia. E em 1823, o tsar Nicolau I assinou uma lei proibindo terminantemente, sob pena de prisão e deportação, qualquer publicação em idioma ucraniano.

Entretanto, na impossibilidade de se tampar o sol com a peneira, a Academia de Ciências de São Petersburgo em 1905, reconheceu oficialmente que o ucraniano e o russo são dois idiomas diversos.

Atualmente, o idioma ucraniano é universalmente reconhecido como o mais rico, puro e lírico, e, sobretudo, como o idioma básico dos demais idiomas eslavos.

O INSUPERÁVEL ROUXINOL DOS TRIGAIS DA UCRAÍNA (1)

Tarás Chevtchenko (1814-1861), o maior poeta da Ucrânia e de todos os povos eslavos, nasceu na Ucrânia Oriental na época do terrível e sangrento jugo dos tsares de Moscou. Nasceu cativo e filho de cativos lavradores ucranianos aquele que reataria a chama do amor à liberdade no coração de todos os ucranianos; "O poeta do ressurgimento do povo e de toda a nação ucraniana"; aquele que 100 anos após a sua morte seria cognominado na Europa e nos Estados Unidos como "O maior cantor da liberdade do mundo, de todos os tempos". Aquele, cujas obras, e principalmente o seu poema "Testamento", seriam traduzidas para mais de 100 idiomas (até 1980) cuja vida e cujas obras seriam citadas nas principais enciclopédias do mundo, e em cuja honra se ergueriam centenas de monumentos.

O seu grande destino começou a cumprir entre os tortuosos caminhos daqueles que nascem para as grandes missões da humanidade, aos 9 anos de idade. Nessa época, Chevtchenko, já órfão, fora entregue a um sacristão, que o alfabetizou. Este fato foi o marco glorioso de sua vida (descrito no poema Ventura — "Dólia"), considerando-se que o povo era mantido na mais negra ignorância. Dessa data em diante começou a via-crucis do menino Tarás, que fora revendido diversas vezes, sofrendo duros castigos por não adaptar-se a nenhum trabalho. Tentaram fazer dele pastor, lavrador, cozinheiro e lacaio; tudo em vão. O menino vivia ausente, devaneando, dialogando com Deus e a natureza, refugiando-se nos bosques, já escrevendo versos e chorando a solidão da orfandade (poemas ao

(1) — LYDIA S. DNIPROVEY, emérito escritora, estudiosa da cultura ucraniana. É poetisa, conhece bem o idioma ucraniano e o português. Apoiando-se no princípio: "O que faz de um povo uma nação, é a sua literatura", produziu o belíssimo trabalho sobre "O Insuperável Rouxinol dos Trigais da Ucrânia". Com sua vênua, reproduzimo-lo nestas páginas. E ressaltamos, ainda, que a sua influência foi decisiva na redação dos Capítulos II e IV deste livro.

Amigo Kozatchkovshkyi, Meus Treze Anos, O Barquinho, e muitos outros). Finalmente, tornou-se pajem de um oficial moscovita de origem alemã, Vacylévitch Engelhardt. Na casa deste seu último amo, Chevtchenko dispunha de tempo e tinha acesso à biblioteca e ao material de pintura. Não tardou muito para que o seu amo o surpreendesse altas horas da noite lendo ou pintando. Depois de inúmeras vezes tê-lo castigado pela sua ousadia, Engelhardt, por seu próprio interesse e não por espírito humanístico, decidiu matricular o talentoso rapazinho na Academia de Belas Artes de São Petersburgo. E foi nessa Academia que o jovem Tarás Chevtchenko revelou-se não só como pintor de grande talento, mas principalmente como poeta lírico e historiador, de grande cunho pedagógico e nacionalista.

A referida Academia era o centro cultural mais importante e o ponto alto da mais fina aristocracia, da intelectualidade e das artes da Moscóvia. Entre os grandes mestres da época e os alunos, havia filhos de alemães, franceses, poloneses e ucrâinos que assumiam “aparentemente” a cidadania moscovita, para assim terem acesso e possibilidade de desenvolverem as suas aptidões numa universidade, obtendo um lugar ao sol entre as complicadíssimas “teias” e armadilhas, sempre tão bem planejadas, da moscofilização de todos os cidadãos que estivessem ao alcance do imperialismo moscovita. O ambiente era de absoluta harmonia, onde a maioria fora impulsionada pela chama interior do espírito fraterno do maravilhoso mundo das artes, e sem fronteiras. Foi entre estas pessoas tão altamente dotadas, que Chevtchenko despertou grande admiração e estima. Entre os estudantes de imperturbável idealismo estavam os irmãos ucrâinos Lazarevshkyi, o ucrâino de origem francesa Belman, o alemão Cherberg, muito familiarizado com os pensadores alemães, Petrovski e muitos outros.

Mas, o que foi mais surpreendente, como que por providência divina, Chevtchenko conquistou e fez amigos para toda a sua vida, entre as celebridades da época. E foram estas celebridades da época que num curto espaço de menos de 10 anos se transformaram de mestres em discípulos e seguidores do jovem gênio Tarás Chevtchenko. E foi graças a este pequeno, porém selecionadíssimo grupo de amigos, que Chevtchenko foi resgatado do cativeiro no dia 22 de abril de 1838, pela quantia de 2.500 rublos.

Nessa ocasião, Chevtchenko concluiu os seus estudos na Academia, onde destacou-se com uma medalha de ouro e o título de Artista Livre. Em seguida viajou para a Ucrânia onde juntamente com outros, não só ucrâinos ilustres, mas também concidadãos das demais nacionalidades eslavas, fundaram a Confraria Cirilo Metodiana, em cujas atividades clandestinas desenvolviam um trabalho pró-libertação dos povos oprimidos e subjugados por Moscou. Chevtchenko tornou-se arqueógrafo e um profundo pesquisador da história, cultura e folclore ucrâinos. Viajou por toda a Ucrânia, reportando para a tela e escrevendo em versos e prosa todo o apogeu histórico e sócio-cultural do glorioso império dos kozakos da Ucrânia. Ele

historiou o passado de sua pátria, abertamente, no seu “próprio”... idioma e numa linguagem de tão puro lirismo, que possuía o dom de realentar o coração de seus conterrâneos e de realvorecer as suas mentes, entenebrecidas pela terrível opressão dos inimigos. Nos seus poemas o vento dialoga com o mar e as estepes verdejantes, e o rouxinol com o arvoredor. O salgueiro (verbá) se entrelaça carinhosamente com a formosa kalêna (arbusto de grande beleza, cenário obrigatório dos idílios de amor), à flor d'água dos rios e lagos (poemas Minha Estrela/Zore Moia Vetchirnia, Chora e Geme o Rio Dni-pró/Revé ta Stóhne Dni-pr Chyrókyi, e outros). E tudo se conflui numa só linguagem: — “Onde estão os filhos desta tão radiante e fecunda Mãe-Terra?... Deste tão belo e rico paraíso, onde as raízes das cerejeiras promanam da terra em forma de oração, e as estrelas se confundem com as flores das árvores encopadas, nas embalsamadas noites de verão? Quando as famílias ceiam, e adormecem sob a luz do firmamento, e só o rouxinol ‘desperto’ canta a noite toda, junto aos jovens enamorados” (poema Tarde — “Vétchir”). Por que não estão no seu trono os verdadeiros filhos desta prodigiosa terra que emana mel-e-leite, em que transcende a paz, amor e felicidade?

Tará Chevtchenko, o lírico e romântico poeta, era antes de mais nada um fiel historiador, um líder, um pedagogo e filósofo, além de dramaturgo e pintor, instrumentista e cantor. Ele falou a seu povo através de esquecidos heróis, os Kozakos da Ucrânia e os seus supremos comandantes, os Hethmány. Ele ressuscitou os nossos antepassados e tornou-se o seu porta-voz, que por sua vez lembravam aos seus filhos que eles eram os verdadeiros e legítimos donos da sua terra, a Ucrânia, a lendária, a milenar, a fabulosa Ucrânia. O mais belo e puro berço dos cobiçadíssimos trigais, e que este fecundo e tão disputado berço de ouro gerou única e exclusivamente os seus próprios filhos. Os legionários varonis, os bravos e gloriosos Kozakos da Ucrânia, os “Zaporójsi” da antiga “Zaporíjia” (aqueles que viviam além das cachoeiras, rochas escarpadas e ilhas do Rio Dni-pró), onde era o seu quartel-general.

A Ucrânia sempre possuiu a sua própria língua, a sua cultura peculiar, e sempre foi próspera, livre e conceituada nação. A flor imaculada, que tão belas nuances e matizes adquiriu ao sol do cristianismo. Chevtchenko narra em seus poemas como os garbosos Hethmány eram recebidos com todas as honras pelos dignatários e reis de outros países e principalmente, sob o símbolo do antiquíssimo tridente, e a auriflama do Estado Kozako. E como este destemido e valoroso exército defendia a Ucrânia das hordas tártaro-asiáticas, e atravessava o Mar Negro para guerrear com os turcos em represália aos seus constantes ataques (poema Ivan Pidkova). No poema Haidamáky, Chevtchenko narra toda a epopéia do levante dos ucranianos contra o jugo e a servidão dos colonizadores poloneses, história que lhe foi narrada pelo seu avô, um genuíno ex-combatente ucraniano, descendente de família kozaka. Chevtchenko presta uma homenagem a seu avô no decorrer do mesmo poema, agra-

dece e abençoa as horas que passou a seu lado, ouvindo as suas históricas narrativas.

E ainda entre inúmeros feitos históricos, Chevtchenko recorda as glórias e inglórias de muitos heróis, entre eles Bohdan Khmelhnêshkyi e Ivan Mazepa. Entre as suas obras figuram ainda o bellissimo poema Em Memória a Ivan Kotliarévshkyi, o Pai da Moderna Literatura Ucrâina, ao Escritor Osnovianenko, além de o Cáucaso, o qual lhe valeu a prisão e a deportação para trabalhos forçados no deserto dos Kirkizes, a doença, a velhice e a morte prematuras. O Cáucaso é um poema de dimensões shakespeareanas, e de uma realidade tão latente que fazem o leitor sentir a presença da morte, frente ao cenário de mar de sangue, mar de lama e horizontes em chamas. Neste poema, cujo ponto alto é o retrato fiel da ambição desmedida dos belicosos e sanguissedentos moscovitas, Chevtchenko ressalta, com uma crueza e realidade incriveis, a falsa religiosidade e o vandalismo dos bárbaros, que mascarando-se de catequizadores de povos não cristãos mas que segundo o poeta são mais civilizados que os ditos cristãos, rejubilam-se diante dos massacres e genocídios. Na décima parte do poema, Chevtchenko escreve: "Oh, Senhor! por quem sofreste, / Meu Jesus... Filho de Deus! / Foi por nós... pela verdade, / Ou o sarcasmo dos ateus?!... / Escarnecem os hereges, / E profanam a Tua Imagem, / Queimam mirra e incenso, / Se orgulham do que fazem, / Agradecem a vitória, / A "merecida" liderança! / Pelo sangue, pela guerra, / Pelo roubo e a matança, / Com o dinheiro dos cativos / Eles erguem catedrais! / E se julgam redimidos, / Pelos dogmas... rituais", etc... etc... E mais adiante: "Esta luz retornará. / Tornarás, Deus vencedor! / E contigo viveremos... / Nosso Único Senhor! / Temos fé no Teu poder, / Na palavra imortal! / Surgirá a liberdade, / Com a verdade triunfal! / E a Ti... sucumbirão / Idiomas, potentados. / Enquanto isto / O nosso sangue / Corre em rios... Tinge os prados...", e assim por diante.

A vida de Tarás Chevtchenko e suas obras não poderiam ser resumidas num pequeno trabalho como este, e sim descritas num livro, com a publicação de algumas de suas obras, comentadas. Pois só os seus belíssimos poemas poderiam expressar com toda a sua magnitude e eloquência a genialidade do poeta, a sua biografia tão receptiva e palpitante, no prisma de seus versos. E ainda mais, toda a história de um povo, as suas mais caras tradições, o seu riquíssimo folclore, todo o patrimônio sócio-cultural, espírito-moral e intelectual. Só quem lê esses poemas, e principalmente os traduz para outro idioma, consegue penetrar a fundo e sentir as suas raízes milenares, os milênios de um povo e de uma nação, porque é na confluência de dois belíssimos idiomas, o ucrâino e o português, que se descobre as mil e uma facetas das linhas... e entrelinhas... com todo o seu poderoso nacionalismo, e a melifluência lingüística do legítimo e genuíno, do belo e do eterno!... E na auri-voz de um poeta — a própria voz de Deus!

CAPÍTULO V

VIDA RELIGIOSA

O povo ucraniano é profundamente religioso por tradição milenar. Recebeu a fé cristã através dos missionários vindos de Bizâncio, que o evangelizaram e foram os seus primeiros guias espirituais.

No século X, um dos maiores Príncipes de Kêiv, Valdomiro, o Grande, promoveu o batismo em massa dos seus súditos e oficializou a religião cristã em seu reino.

Até o ano de 1595, toda a Igreja Ucrânia seguia a orientação dos Patriarcas de Constantinopla.

Naquele ano, os Bispos reunidos em Sínodo na cidade Brest-Litovsk, proclamaram a sua União com a Sé de Roma. Somente a parte Ocidental da Ucrânia (Galícia) permaneceu fiel a essa União. A região Oriental, a Grande Ucrânia, devido à situação política de submissão à Rússia, viu-se obrigada a depender da Igreja Ortodoxa Russa.

Presentemente, a Igreja Ucrânia faz parte da "Igreja do Silêncio", atrás da Cortina de Ferro que o comunismo estabeleceu. A perseguição que os vermelhos ateus lhe movem é implacável, cruel e odiosa. Todos os Bispos foram assassinados ou enviados aos campos de concentração ou desterrados para as estepes siberianas, em consequência de sua lealdade à Sé Apostólica de Roma.

Jamais um povo católico sofreu tanto e perdeu tantas vidas em defesa da fé católica como o povo ucraniano.

Nos países em que se refugiaram como imigrantes, gozam de inteira liberdade religiosa, conservam intactos o culto, o rito e todas as tradições.

CAPÍTULO VI

SACERDOTE

Na vida comunitária ucraniana o sacerdote desempenha papel importante e ocupa um lugar de relevo. A orientação dele é palavra de ordem que todos acatam com o máximo respeito. Consideram-no realmente como um representante de Deus e o ministro do altar. A sua missão não se limita aos serviços do culto, estende-se a todas as atividades de seus paroquianos, os quais recorrem a ele em suas dificuldades espirituais e materiais e dele recebem o conselho adequado.

Os sacerdotes geralmente possuem grande cultura e erudição, fazem seus estudos superiores em Seminários Ucranianos, sujeitando-se a viver num meio bastante primitivo, unicamente por amor ao seu povo, ao qual se dedicam de corpo e alma.

Em sua árdua tarefa de evangelizador e civilizador, devendo atender a várias paróquias e capelas distantes, recebe o sacerdote

a dedicada colaboração de religiosas pertencentes a diversas Congregações de rito ucranio.

CAPÍTULO VII

ESPÍRITO RELIGIOSO

O espírito religioso é manifestamente um dos mais notáveis do mundo. A crença e a prática religiosa vêm-se mantendo inalteráveis através dos séculos, apesar de todas as perseguições que lhes foram movidas e até pelos próprios vizinhos católicos, que sempre procuram latinizar os ucranios, para transformá-los em poloneses. Infelizmente.

A fidelidade dos ucranios à sua fé destaca-se pela prática constante de atos a ela ligados, e a sua vida é dirigida pelos mais rígidos princípios da moral cristã. Conduta moral duvidosa e mancebia raramente se verificam na comunidade; a sanção social do grupo é nesses casos rigorosa e temida. Seitas heréticas não tem fácil acolhida ao seio da população e seus pregadores são sempre repelidos. O povo pratica a sua religião com simplicidade e convicção ao mesmo tempo. Em virtude de tudo isso há numerosas vocações sacerdotais e religiosas na comunidade.

AS CANÇÕES NATALINAS. (1)

As canções de Natal dos ucranios são de uma beleza singular, e tem as suas raízes na era pré-cristã, de até mil e quinhentos anos atrás, quando eram cantadas em louvor às maravilhas da natureza e às dádivas da Mãe-Terra. A sua letra e melodia são de um cunho profundamente religioso, inatos na alma de seu povo. Com o advento do cristianismo, todas estas canções foram pouco a pouco se transferindo para o louvor do nascimento de Cristo, mas conservando sempre a característica de encantamento diante dos milagres da vida, da poesia e opulência das quatro estações do ano, e o triunfo do amor e da caridade. Esta canção porém eclodiu entre o povo ucranio depois de 1933, quando a Ucrânia Oriental foi assolada pela sanha assassina dos russos-comunistas, antigos colonizadores e usurpadores de sua história e cultura.

Quando os moscovitas, depois da segunda guerra mundial, invadiram a Ucrânia Ocidental, que estivera subjugada pelos poloneses desde 1667, liquidaram todas as dioceses, e transformaram as igrejas em repartições do governo. Os bispos foram todos encarcerados e martirizados até à morte. Os padres, freiras e o clero em geral, deportados para a Sibéria; foram ao todo — sete mil pessoas. Todas as instituições religiosas e órgãos da imprensa católica foram transformados em órgãos soviéticos-comunistas. O Cardeal José Slipêi, Arcebispo-Mor da Igreja Ucrânia, fora deportado para

(1) — Cooperação de Lydia S. Dniprovey.

a Sibéria, e submetido a trabalhos forçados. Depois de dezoito anos de confinamento, o "Santo Mártir" do povo ucraniano foi libertado, graças à intervenção do Papa João XXIII e do Presidente Kennedy. O Cardeal ucraniano faleceu no dia 7.9.1984 no Vaticano, com a idade de 92 anos.

Por ocasião de sua viagem ao Vaticano, foram confiscados pelo governo soviético todos os seus manuscritos de História da Ucrânia de XVIII volumes, além de dicionários e coletâneas folclóricas, trabalhos de toda uma vida que jamais serão devolvidas.

Existe uma lenda na Ucrânia, segundo a qual Santo André, o apóstolo de Cristo, fez uma profecia nas colinas do Principado de Kêiv, de que ali germinaria uma grande cultura eslavo-cristã, a qual se propagaria por toda a Europa Oriental, e que o seu povo seria terrivelmente combatido por povos estranhos, ateus e hereges, muitos impérios se ergueriam e se extinguiriam, mas o povo da terra... seria eterno, pela sua grande fé cristã.

O tridente é o símbolo milenar da Ucrânia, adotado pelo Grão-Príncipe de Kêiv, São Valdomiro, simbolizando o poderio de três mares, Mar Negro, Azov e Cáspio. Com o advento do cristianismo, passou a simbolizar paralelamente a Santíssima Trindade. Todos os símbolos ucranianos são atualmente proibidos sob pena de prisão e deportação para a Sibéria.

Os irmãos cristianizadores dos povos eslavos, São Cirilo e São Metódio, propagaram a fé cristã na Ucrânia no século IX. Mais tarde, quando finalmente os príncipes ucranianos aceitaram o cristianismo, este já estava bastante arraigado entre o seu povo, existindo inúmeras capelas e igrejas por todos os seus principados.

Prática e publicamente, os ucranianos demonstram o seu espírito religioso com a sua habitual saudação de fórmula cristã:

- "Glória a Jesus Cristo!" — (Slava Issússu Khrystu!)
- "Glória para sempre!" — (Slava na vike!)

No tempo da Páscoa:

- "Cristo Ressuscitou!" — (Khrystós Voskrés!)
- "Ressuscitou verdadeiramente!" — (Voístynu Voskrés!)

Na época do Natal:

- "Cristo está nascendo!" — (Khrystós siá Rajdáie!)
- "Louvêmo-lo!" — (Slavim Iohó!)

CAPÍTULO VIII

FOLCLORE UCRÂNIO (1)

Folclore é o conjunto de lendas e crenças, é a ciência das tra-

(1) — Cooperação de Lydia S. Dnirovey.

dições de um povo. É a tradição de uma lei, que nunca foi escrita ou imposta, mas é fielmente cumprida, porque brota espontaneamente na alma e no coração de todos os povos da humanidade. O povo que cultiva as suas tradições é indestrutível, porque mantém viva a chama da própria identidade. É através da mais pura arte, como a música, a dança e a poesia, que os povos manifestam todos os seus anseios, sonhos e realizações, interligadas ao seu próprio meio-ambiente; as dádivas da terra, a alegria de viver, o amor à liberdade, à verdade, e a luta pela sobrevivência nacional.

O folclore ucraniano reflete por si só os destinos históricos da Pátria, ora um império florescente e poderoso, desde os tempos dos principados até a poderosa “Nação dos Kozakos da Ucrânia”, dos séculos XVI a XVIII, grande centro científico e cultural da Europa, e posteriormente a terra arrasada e ensanguentada pelos bárbaros invasores, e o povo subjugado, submetido ao analfabetismo, e privado até do direito do próprio idioma.

As canções ucranianas, criadas pelo próprio povo, constituem por si só a expressão máxima dos seus mais íntimos sentimentos. Existem célebres canções natalinas, “Kolhadê”, de uma beleza impressionante, desde as mais singelas até as profundamente dramáticas, de um grande potencial religioso, abrangendo céus e terra em louvor do mais importante nascimento da humanidade. A maioria destas canções remontam da era pré-cristã, porém são de um cunho sempre religioso, maravilhosamente adaptadas à era cristã, devido à profunda religiosidade tão latente na alma do povo ucraniano. Uma característica predominante nas canções é a saudade e a dor da despedida dos kozakos quando partem para as frentes de luta, em defesa da terra, deixando a família e a namorada, ou esposa, da qual recebem um lenço de seda vermelha chamado “kytaika”, que segundo a tradição simboliza o amor e a fidelidade eterna, e que o acompanha até a última morada. Existem ainda uma infinidade de canções humorísticas, de noivados e casamentos, de culto ao pão, e as tradicionalmente religiosas, de cunho particularmente nacionalista. Entre as canções folclóricas, trechos de óperas, operetas, canções natalinas e religiosas, mormente as ligadas ao plantio e à colheita, algumas tornaram-se verdadeiros hinos da Pátria, simbolizando uma época e toda a sua resistência contra os algozes invasores. Estas canções são atualmente proibidas na Ucrânia, sob pena de deportação, sendo porém preservadas pelos ucranianos radicados no mundo livre.

As danças, por outro lado, constituem uma expressão das mais antigas da cultura ucraniana. Algumas têm origem no antigo culto religioso, em agradecimento à fecundidade da terra, cujo clima, na maior parte do ano, é ameno e semi-mediterrâneo. Cada região possui as suas danças e ritmos bem definidos. As mais populares são as danças dos kozakos, que representam os seus exercícios diários com os sabres, as competições, o espírito de aventura, e principalmente o seu tão pronunciado bom humor. Existem ainda as danças românticas, desde as brincadeiras de adolescentes até a con-

quista e o namoro, as danças nupciais, etc. Mas a dança mais tradicional de toda a Ucrânia é o antigo e célebre "Hopak", que tão bem define todo o ardor, a coragem e o arrojo, a candura e o lirismo, predominantes na alma do seu povo. A princípio, o seu ritmo é lento e romântico, e aos poucos vai acelerando, com magníficas evoluções. Em seguida os pares, um a um, se exibem numa competição de livre criatividade, num ambiente de acrobacias, mímica, grande entusiasmo e euforia. E o seu ponto alto é quando no final, num ritmo vertiginoso, cada um dos componentes dança a seu bel-prazer, seguindo exclusivamente o impulso do seu coração.

Porém o folclore mais rico e original é o dos habitantes dos Montes Cárpatos, denominados de Hutzúly, que são donos da mais tradicional e genuína arte, e do mais característico e variado folclore. O seu panorama é um fantástico cenário, repleto de montanhas azuladas, densas florestas, bosques, regatos, rios, cascatas, e sobretudo os decantados remansos dos verdejantes planaltos. A fabulosa riqueza da fauna e flora carpáticas faz de cada habitante um romântico poeta, um sonhador, e um apaixonado artista, mas, antes de mais nada, um bravo e ardente defensor de sua amada terra.

Quanto aos trajes típicos, cada região possui os seus. Muito característicos são os célebres bordados em ponto cruz, e outros, cujos motivos e cores variam até de uma aldeia à outra. Por exemplo, na Ucrânia Oriental, à qual pertencem a cidade de Kêiv e outras, sendo também a mais antiga, os seus bordados são em forma de rosas, dos mais variados desenhos, tamanhos e formas. Entram também em sua composição uvas e cerejas, somente nas antigas e tradicionais cores, vermelho e preto. Os bordados da Ucrânia Ocidental são simétricos, predominando o vermelho e o preto, ligeiramente pontilhados de azul, verde e amarelo. Já os bordados da Bukovyna são muito coloridos, vermelho e preto, marron e verde, amarelo e bronze, muito azul, e todos também simétricos.

O traje típico considerado o mais genuíno, e oficialmente utilizado por grupos folclóricos, é o de Poltava, Ucrânia Central. A blusa e a anágua formam uma só peça de linho branco, chamado "sorotchka", com as mangas muito largas e franzidas, e muito bordadas, um pouco de bordado na frente, e uma tirinha na barra. É um tipo de camisa comprida. A saia é tecida em tear, e pode ser de lã ou linho, e as cores predominantes são vermelho, preto e amarelo, às vezes um pouco de verde. Esta saia é a originalíssima "plakta", e consiste numa só peça dobrada em prega-macho atrás, e totalmente aberta na frente, presa por uma faixa larga na cintura, caindo em duas pontas franjadas. O avental é também tecido em tear do mesmo tipo da saia, e pode ser liso, trabalhado, ou ainda bordado. Em algumas regiões o avental é de fino linho branco, com amostras de três bordados, um dos quais deve ser o mesmo da blusa. O verdadeiro corpete do traje feminino é de veludo ou seda, nas cores preto, vermelho, vinho ou verde. é acinturado, e o seu comprimento é de dois palmos abaixo da cintura, com pregas atrás da cintura para baixo. É delicadamente bordado com miçangas miúdas, com mo-

tivos campestres, trigo, papoulas, margaridas, centáureas, etc. As botas são de couro vermelho, um palmo abaixo do joelho. O "vinók" é a tradicional grinalda de flores coloridas, com muitas fitas soltas nas costas, batendo nos quadris, nas cores vermelho, azul, verde e branco. As demais cores e os seus sobretons não são permitidos nos trajes típicos, por não existirem antigamente. O "vinók" é usado somente por moças solteiras, e simboliza a meninice, a época do amor e do noivado. As meninas até treze anos de idade usam os mesmos trajes das moças, porém sem o "vinók", apenas uma fita contornando a cabeça, com uma florzinha na altura de cada orelha. As senhoras usam lindos toucados, ou diademas bordados com pedrarias, ou ainda lenços coloridos, artisticamente atados. O cabelo é usado numa só trança solta nas costas. As franjas, pega-rapazes, ou cabelos soltos são estilizações modernas que tanto comprometem a autenticidade de uma época. Igualmente a bijuteria ou relógio não são permitidos, somente os tradicionais colares de contas vermelhas.

A mulher ucraina foi a primeira da Europa a ser emancipada, e a sua beleza, elegância, e charme muito sutil comprovam isto, visto que foi a primeira camponesa a encurtar a saia, e a usá-la com insinuante abertura, na frente ou dos lados. Cabe também às ucrainas o privilégio de serem as precursoras da bota feminina (enquanto que em outros países usava-se ainda as rudimentares sandálias ou então as primitivas tiras, atadas aos pés).

O artesanato da Ucrânia pode ser considerado como um dos mais ricos e originais da Europa. Desenvolvendo-se nas mais diversas formas e materiais, desde os tecidos caseiros, bordados típicos em ponto cruz, tapeçaria, e os célebres ovos de Páscoa, chamados Pessankê, que são um capítulo a parte, amplamente divulgado em livros de arte e enciclopédias européias e norte-americanas.

A cerâmica pintada assume as mais diversas formas, desde utensílios domésticos, objetos de arte, até esculturas, de um sentido altamente artístico. Essa cerâmica, descoberta em pesquisas arqueológicas, foi um marco decisivo da pré-história da Ucrânia, denominada pelos cientistas de "Trepilshshka-Kulhura", a Cultura da Cerâmica Pintada.

A madeira é fartamente utilizada em objetos de arte, móveis, etc. Em princípio os desenhos são finamente entalhados, pintados, e entremeados com pequenas incrustações de origem vegetal ou mineral. Na arte de ornamentação da cerâmica, madeira, capas de álbuns, livros, etc., existe ainda um revestimento típico de cascas de grãos de trigo, previamente preparadas em diversas cores e desenhos simétricos, coladas sobre a superfície dos objetos. Este trabalho produz grande efeito decorativo, além de resistente e durável, devido a um apropriado envernizamento. A louça e a porcelana também são manualmente decoradas com motivos típicos. E há ainda uma antiga arte ucraina, atualmente revivida pela artista plástica Iaroslava Surmak, radicada nos Estados Unidos. Esta arte consiste em pintar o vidro em seu reverso, e é desenvolvida na elabo-

ração de quadros. Existem na Ucrânia achados arqueológicos de objetos de adornos de vidro colorido que datam do século XI; já do século XVIII há inúmeras e mais variadas formas destes belíssimos objetos, em museus ucranios.

Em todas as aldeias existem ainda pintores inatos de arte sacra, retratistas, decoradores de teatros locais, e elaboradores do presépio típico chamado "Vertép".

A Ucrânia Carpática, uma das mais ricas e antigas regiões do país, também nos oferece um espetáculo à parte. Possui mais de cinquenta espécies diferentes de madeira, para mil e uma finalidades, utilizadas na construção de casas, igrejas e mosteiros. O couro e os minérios também são abundantes nesta região. As casas têm as suas paredes ricamente trabalhadas em entalhes e incrustações, igualmente as prateleiras, móveis, objetos de adorno e utensílios. Tapetes, cortinas, panôs, colchas e toalhas variam de tecido de acordo com as estações do ano, e são elaborados em cores vivas e motivos próprios de cada aldeia ou povoado.

Os trajes típicos são de lã de carneiro, couro, peles, feltro ou linho. O couro é utilizado na manufatura de calçados, bolsas, coletes, casacos, calças, etc., que são bordados com fio de lã ou de linho, ou então pintados, lembrando um pouco a arte asteca.

As lareiras são grandes, e sabiamente funcionais, possuindo amplas prateleiras laterais, que servem para a manutenção quente dos alimentos; outras prateleiras servem de camas para os mais velhos, nas noites de inverno. Estas lareiras são revestidas de azulejos de fabricação local, e manualmente decorados pelas próprias famílias. No verão são desativadas e suas prateleiras servem para a colocação de potes de geléias e outras iguarias, preparadas nestas ocasiões. São ainda utilizadas para a disposição de cestos, pratos e travessas com frutas, cogumelos, hortaliças, e outros produtos colhidos nas estações mais propícias do ano.

Durante as estações mais quentes e amenas, as refeições são servidas e preparadas em varandas, ou caramanchões. São uma espécie de cozinhas típicas de verão, anexada às casas, ou em meio aos pomares.

Na elaboração de originalíssimos instrumentos musicais, mormente os pastoris, cujo som se assemelha ao barulho das águas ou ao ruído da fauna e da flora, ou ainda são cômicos, alegres, ou irreverentes, entram elementos derivados da própria terra, como madeira, couro, chifre, latão, cobre e pedras semi-preciosas. São virtualmente ornamentados da mesma forma que os demais objetos de arte, provenientes da recrudescência do homem com a terra, e os seus vínculos com Deus.

CAPÍTULO IX

EMIGRAÇÃO

Não nos estenderemos em pormenores históricos, econômicos,

políticos que envolveram a Ucrânia na sua ampla história de lutas de heroísmo, em defesa daquilo que o ucraino sempre prezou e defendeu — a liberdade. Os ucrainos, em virtude de condições econômicas em sua pátria, privados da liberdade política e expostos à insegurança constante na prática de sua religião, de seu rito, se viram forçados a se expatriarem.

No início, pequenos grupos de famílias e depois levadas iniciaram a emigração ucraina para o Brasil no ano de 1876, que se prolongou através dos anos de 1884 a 1891. O primeiro grupo de famílias, ao que consta, se estabeleceu nos arredores de Curitiba.

O grosso da emigração para o Brasil começou no ano de 1895, quando camponeses ucrainos partiram da Galícia (Ucrânia Ocidental), território então anexado à Áustria. Em menos de dois anos chegaram ao Brasil cerca de 15 mil pessoas, fixando-se no planalto paranaense: Prudentópolis, Mallet, Dorizon, União da Vitória, Antonio Olinto, Iracema (Santa Catarina), onde fundaram colônias até hoje existentes, algumas florescentes.

Novas levadas continuaram chegando, graças à política imigratória brasileira, formando outros núcleos coloniais e alcançando até a 1.ª Guerra Mundial a cifra de 45 mil pessoas.

Após a 2.ª Guerra Mundial, o Brasil recebeu cerca de 10 mil ucrainos.

Durante esse período, vieram intelectuais e técnicos que preferiram as grandes cidades, onde o mercado de trabalho atenderia melhor ao seu preparo.

O afluxo imigratório, após dezenas de anos, fez uma etnia de cerca de 180.000 indivíduos, dos quais residem no Paraná mais de 160.000 habitantes, nas seguintes localidades: Prudentópolis, Pitanga, Pato Branco, Ivaí, Guarapuava, Curitiba, União da Vitória, Porto União, Dorizon, Mallet, Cruz Machado, Ponta Grossa, Rio Azul, Irati, Antonio Olinto, São José dos Pinhais, Apucarana, Maringá, Campo Mourão, Roncador, Foz do Iguaçu, Cascavel, Araruna e outras.

Foram imensas e ásperas as dificuldades com que deparam os primeiros imigrantes. Sem nenhuma assistência dos poderes públicos, não conhecendo a língua do país, sem meios de comunicação e transportes, sem estradas, sem ferramentas, sem recursos, se viram forçados a desbravar regiões incultas, arrotear a terra e fundar aldeias e vilas.

Filhos de uma grande nação, mas sem governo próprio, não podiam sequer pedir apoio aos seus cônsules ou embaixadores, pois não os tinham.

Imigrantes ucrainos trouxeram nos corações a fé em Deus. Esse foi o segredo que lhes dava força e coragem para vencer as dificuldades que enfrentaram no início de uma nova vida, ainda que desprovidos de tudo.

Ao começar pela alimentação, que era a mais precária possível. Quirera de milho era o alimento quotidiano. A abóbora era um prato para os dias de festa. Para comprar sal, havia necessidade

de percorrer 20 ou mais km, atravessando mata cerrada e rios volumosos, perdendo-se muitas vezes, sem jamais retornar ao baraco.

Derrubaram florestas cerradas de pinheiros e imbuais para poder cultivar o solo. Quantos morreram nessa derrubada por falta de prática para tais empreitadas, quando árvores entrelaçadas nos cipozais caíam sobre os cortadores, vitimando-os.

As colheitas em terras férteis eram abundantes, mas não havendo mercado para negociar e permutar os produtos por mercadorias necessárias à subsistência, os mesmos apodreciam na lavoura. A roupa de uso para o trabalho, que trouxeram da Europa, também foi se estragando e havia necessidade de adquirir nova. E como comprar sem dinheiro e sem crédito, já que o produto colhido não tinha preço nem mercado?

Tempos difíceis para o imigrante que veio das terras planas, das estepes de sua mãe-pátria e foi atirado sem misericórdia na selva, sem nenhuma proteção ou amparo por parte do governo ou por parte dos agentes colonizadores, muitos dos quais ainda os exploravam. Mesmo assim, atirados à própria sorte, não desanimaram no seu constante trabalho, duro e árduo, mas sempre animados pela fé em Deus que na alma trouxeram da sua pátria distante.

Partiram de sua pátria na esperança de dias melhores em novas terras, que a propaganda apresentava como a Canaã da fartura e da felicidade. É evidente que a desilusão foi imensa ao constatarem a dura realidade: florestas imensas pela frente, para serem derrubadas e o seu solo cultivado. Sem ferramentas e apetrechos agrícolas, já que na Europa não conheciam a foice, instrumento indispensável agora. A muito custo adquiriram foices, machados, cortadeiras e serras. As tendas ou barracos que construíram eram de pau, de xaxim e folhas de taquara. Com o machado derrubaram grossos pinheiros e imbuais, cujo diâmetro, às vezes era de dois metros ou mais. A foice lhes servia para limpar e desbastar o solo para o cultivo. Serravam grossas toras de madeira para reduzi-las a tabuas, vigas e pranchões, a fim de iniciarem a construção de suas residências para se resguardarem contra as intempéries do tempo, como as chuvas e o frio. O povo de fato viveu uma epopéia das mais dolorosas e tristes. Entretanto não desanimou. Para retornar à terra de origem não tinha condições financeiras. Devia permanecer confiando na força de seu braço e no amparo da proteção divina, e assim aguardar dias melhores.

Um povo profundamente religioso, praticante e acostumado às práticas espirituais: assistência às missas, frequência aos sacramentos, apegado às suas tradições típicas, aos seus costumes, estava desprovido de tudo isso que tanto prezava. Morriam sem sacramentos, crianças cresciam sem batismo e sem escolas. Triste a sina de uma situação inglória para um povo que provinha de uma nação cuja cultura perfaz vários milênios.

Mas como a esperança é a última que morre, confiavam em Deus e esperavam que receberiam missionários para lhes propor-

cionar mais ânimo, mais fé para vencer os obstáculos que pareciam intransponíveis.

Através de cartas, solicitavam às autoridades eclesiásticas da Ucrânia para conseguirem missionários que lhes mitigassem a sede de amparo espiritual, indispensável para a conservação da fé em Deus, única fonte em tais circunstâncias para suportar os dissabores da vida na esperança de dias melhores.

Com uma luta tenaz e contínua conseguiram desbravar a mata, cultivar o solo, construir escolas para os seus filhos. Aos domingos, quando se dirigiam para o local da missa, todos, velhos e moços, mulheres e crianças, transportavam nas costas a madeira necessária para a edificação de capelas. Professores da rede oficial não havia. Recrutavam entre si pessoas mais instruídas. Essas reuniam as crianças em determinados lugares, ao sol, ou na sombra de frondosas árvores, e ministravam as primeiras lições de leitura e contas. Naturalmente, as lições eram dadas na língua de origem. Não foi fácil dominar a língua do país, mas, aos poucos, venceram também essa barreira difícil para estabelecer o relacionamento com os nativos do país. Ainda são lembrados com saudades os primeiros professores dos sertões.

Num trabalho perseverante, ainda que desprovidos de todos os meios, conseguiram vencer todos os obstáculos, dominar a língua do país, construir suas casas, formar hortas, pomares e jardins, abrir picadas para poder sair às novas estradas de acesso para centros maiores. Integrando-se aos poucos no novo ambiente, puderam pensar no futuro de seus filhos.

Famílias numerosas, na média de 8 a 10 filhos.

A posse de 10 alqueires de mato virgem não lhes era suficiente para desenvolver maiores atividades. Daí a necessidade de procurar mais terras para os seus filhos, que também iriam constituir famílias. Os moços deixavam os pais para procurar serviço em outras áreas onde pudessem fazer algum dinheiro, que lhes bastasse para formar uma nova família, caso o pretendessem.

Com grandes dificuldades melhoraram a sua situação econômica. Mais tarde, alguns jovens arriscavam enfrentar a vida nas vilas e cidades, onde obtiveram trabalho e, economizando algum dinheiro, puderam estudar à noite. Assim aprenderam ofícios e se empregaram no comércio e nas oficinas. Aos poucos abriram seus próprios mercados e pequenas oficinas.

Esse movimento inicial se ampliou gradativamente até que surgissem casas comerciais, oficinas, alfaiatarias, sapatarias, marcenarias, ferrarias e padarias.

Após um trabalho tenaz e persistente lucraram condições econômicas suficientes para poder proporcionar aos seus filhos estudos secundários e superiores.

Assim aos poucos, com o decorrer do tempo, surgiram os primeiros médicos, advogados, engenheiros, perito-contadores, farmacêuticos, dentistas, e outros profissionais que hoje labutam em centros maiores e menores no sul do país.

Na política galgaram posição de responsabilidade, ocupando cargos de Vereador e de Prefeito.

Muitos já disputaram cargos de Deputado Estadual e Federal e tiveram êxito, exercendo os seus cargos com brilhantismo.

No campo econômico, há muitos industriais e comerciantes com presença destacada.

Enfim, ucrâinos e seus descendentes têm dado provas de sua inteligência e capacidade, cooperando para o progresso e o bem estar da comunidade em que se integram.

CAPÍTULO X

A 1.^a CONCENTRAÇÃO UCRÂNIA NO BRASIL, EM DORIZON

Após uma luta ingente e difícil, quando já melhoraram as condições de vida com a construção de escolas e capelas, com a abertura de vias de comunicação, sentiram a necessidade de se organizarem e se unirem em associações para a defesa de interesses comuns.

E aconteceu que, de 7 a 9 de julho de 1922, se realizou a 1.^a Concentração Ucrânia no Brasil, juntamente com a 1.^a Assembléia Geral da União Ucrânia no Brasil, em Dorizon, centro de uma vasta região densamente povoada pela imigração ucraina.

Essa 1.^a Concentração Ucrânia conseguiu reunir Delegados de quase todos os núcleos mais importantes de imigrantes.

A Assembléia se realizou na Escola de Dorizon e foi orientada por Pedro Karmansky, que discursou longamente sobre a finalidade dessa reunião. Foi então escolhida a Mesa Diretora dos trabalhos, constituída de: Presidente: — Pedro Karmansky; Vice-Presidente: — Pe. E. Turkoved osbm; Secretários: — E. Kobilanski e Kozanh.

Entre os Delegados presentes recordamos Pe. Pedro Protzkiv, Pe. Marquiano Shkirpan osbm, Valentim Kutz, Semen Kukurúza, Antonio Firman, Maksem Chafransky, Gregório Tadra, Paulo Podolhan, Alexandre Szeremeta, Nicolau Doniak, Alexandre Vacilevski, João Kutchma, Pedro Mazurechem, João Chandoha, Gregório Parteka, Fedir Liubei, Kost Odretskei, e outros.

A finalidade principal foi a fundação de uma organização ucraina para todo o Brasil. Essa organização recebeu a denominação oficial de *UNIÃO UKRAÍNA NO BRASIL*.

Em seguida se discutiram as atribuições dessa União, e entre essas: organização dos ucrâinos em seus núcleos, cursos para professores, criação de um internato para os jovens, fomento de cooperativas agrícolas, etc, etc.

Os Estatutos da nova entidade foram aprovados. Foi assim que se fundou a 1.^a União Ukraína do Brasil, cuja sede mais tarde foi transferida para Curitiba, sob o nome de União Agrícola Instrutiva.

CAPÍTULO XI

OS MAIORES NÚCLEOS DA ETNIA UCRAÍNA NO BRASIL

CURITIBA.

Curitiba é o polo de maior convergência da etnia-ucraína no Brasil, onde cerca de 3.000 famílias desenvolvem as mais diversas atividades, tanto no âmbito profissional, educacional, comercial e industrial, como no âmbito espiritual e religioso.

É Curitiba a sede da Eparquia Ucrâniana de São João Batista, sob a chefia de D. Efraim Krevey.

A Paróquia da Catedral de São João Batista, na Vila Guaíra, sob a administração do Pe. Josafat Gaudeda, atende os seus fiéis de rito ucráino, como também os de outras capelas espalhadas pelos bairros de Curitiba.

A Paróquia de N. Sra. Auxiliadora à Rua Martim Afonso, sob os cuidados dos Padres Basilianos, com várias capelas nos bairros da cidade, também atende os fiéis de rito ucráino.

Sucintamente, vamos enumerar as Associações, Colégios e Clubes da etnia ucráina em Curitiba:

1 — *Associações religiosas.*

a) Irmãs Servas de Maria Imaculada; possuem a sede da sua Cúria e um colégio de 1.º Grau.

b) Irmãs Basilianas; estão no Boqueirão com uma casa de formação.

c) Irmãs Catequistas de Sant'Ana; com a sede da sua Cúria Geral.

d) Catequistas do Coração de Jesus; com um pensionato.

2 — *Associações civis.*

União Agrícola Instrutiva;
Sociedade dos Amigos da Cultura Ucráina.

3 — *Clubes:*

Clube Ucráino-Brasileiro;
Centro Eparquial Religioso, Cultural, Recreativo e Esportivo (Clube "Poltava").

Convém destacar que nas Universidades e Faculdades de Curitiba estudam alunos da etnia ucráina e que todos os anos muitos deles concluem os estudos superiores.

Nos últimos anos se realizaram em Curitiba dois Encontros de Profissionalistas da Etnia Ucráina, com grande participação.

O jornal mensal "O Lavrador", boletim informativo da União Agrícola Instrutiva, é impresso em ucráino e português. A Associação da Juventude Ucráino-Brasileira vem editando, ultimamente, um

boletim em português, denominado “Mê Rostém” (“Nós Crescemos”). Em 1984 foi lançada uma revista mensal bilingüe, de nome “Nova Era”.

PRUDENTÓPOLIS.

Outro importante núcleo da etnia ucraina é Prudentópolis, onde há um convento dos Padres Basilianos, que mantém ainda o Seminário Menor São José e uma soberba Igreja Matriz, sede de Paróquia. Possuem uma gráfica, onde se imprime o semanário ucraniano “Prácia” e uma revista de nome “Missionar” (Missionário).

Tem uma grande casa de formação das Irmãs Servas de Maria Imaculada, além de um grande colégio e um hospital.

É sede das Catequistas do Coração de Jesus, e do seu Instituto Santa Olga, para meninas.

Há um grande clube paroquial ucraniano, denominado Clube São Josafat.

OUTROS NÚCLEOS.

Outras cidades com respeitável número de núcleos de ucranianos: Ponta Grossa, Mallet, Irati, Dorizon, Vera Guarani, Paulo Frontin, União da Vitória, Pato Branco, Cascavel, Mamborê, Ivaí, Guarapuava, Pitanga, Roncador, Campo Mourão, Araruna, Maringá, Apucarana, Antonio Olinto, Canoinhas, Cruz Machado, Rio Azul, Wenceslau Braz, Mafra, Iracema, Ortigueira, Reserva, São Paulo e Porto Alegre, além de outras localidades menores.

II PARTE

Clero Diocesano Ucraino no Brasil

CAPÍTULO XII

SACERDOTES SECULARES UCRAÍNOS NO BRASIL

A vida dos primeiros padres missionários no Brasil foi verdadeiramente uma epopéia. A passagem deles, pelas terras em que exerceram a sua missão pastoral, deixou marcos profundos e indeléveis, merecedores de admiração e respeito e que constituem um exemplo ímpar de fé, de coragem e de amor ao próximo.

Esses homens extraordinários, conduzidos pelo amor a Deus e às almas, vieram ao Brasil sabendo que iriam se expor aos maiores perigos para vencer mil dificuldades, arriscando a saúde e a vida, com a única finalidade de levar o conforto espiritual aos fiéis que se espalhavam pelas florestas inóspitas de então. Sem estradas, apenas picadas e carregadores, sem pontes nos rios, enfrentando animais selvagens, como serpentes venenosas, onças e tamanduás, nada disso os impediu que, à pé ou a cavalo, chegassem às cabanas, na sua maioria construídas de xaxim e taquaras, e assim levassem aos imigrantes, vindos da velha Europa, os benefícios que a fé deles tanto reclamava e exigia.

Convém notar já desde o início que os missionários não vieram impelidos pela ambição de acumular riquezas. A prova disso está no fato de que todos eles vieram sem dinheiro e morreram pobres. Passando necessidades, dificuldades de toda ordem, não passaram fome, porque a generosidade do povo os provia do necessário para o sustento deles.

Já que o nosso propósito foi, desde o início, tratar da vida dos primeiros missionários do clero secular do Rito Ucraino-Católico que para cá vieram, devemos afirmar que nem com isso queremos significar o menosprezo aos valores, ao zelo e à dedicação dos Padres Basilianos na sua missão de levar e acalentar a fé do povo ucraino. Para nós esse trabalho seria incompleto, pelo pouco que conhecemos da vida heróica desses sacerdotes e, além do que, não possuímos dados suficientes para uma tarefa tão importante. Nomes de Padres Basilianos que o povo recorda com saudades e reconhecimento são: Pe. S. Kizema, Pe. A. Martiniuk, Pe. A. Tytla, Pe. M. Szkirpan, Pe. C. Bjuchovsky, Pe. J. Kocylowsky, Pe. E. Turko-ved, Pe. R. Krynitsky, Pe. B. Seniuta, todos já falecidos e que foram verdadeiros símbolos, merecedores de admiração geral, exemplos de virtudes e de amor para com o próximo.

Aguardamos que algum membro da Ordem possa perpetuar os seus nomes e os seus feitos na seara brasileira, na forma de uma publicação mais extensa.

Muita pesquisa foi feita e muita informação foi obtida daqueles que ainda viveram os primórdios da chegada dos primeiros imigrantes, e que sentiram na própria carne os sofrimentos e as lutas que tiveram que enfrentar com o desbravar das florestas e preparar o solo para o plantio dos produtos necessários para a própria sobrevivência. Veremos num breve esboço a preocupação que tiveram para conseguir das autoridades eclesiásticas da Ucrânia a vinda de sacerdotes para lhes dar atendimento espiritual e religioso.

A primeira Igreja Ucraino-Católica no Brasil foi construída já nos primórdios da imigração ucraina, em 1897, na Colônia 5, que em 1975 foi demolida e reedificada, mas, infelizmente, não conservou o estilo original. A Colônia 5 faz parte do Município de Mallet, que então se chamava Colônia de Rio Claro.

Essa igreja de madeira permanece até hoje, servindo o povo com a assistência do Vigário de Mallet.

Os primeiros imigrantes ucrainos chegaram ao Município de Mallet em 1892 e formaram um grupo de famílias, de 97 pessoas, provenientes da aldeia de Zolotchiv — Ucrânia Ocidental (Halytchná-Galícia). Entre esses pioneiros da região de Mallet, convém citar os nomes de: Teodoro Passievitch, do Vicinal 2, e Demétrio Korjan, que em breve retornou para a Europa, indo residir na Bósnia, um Departamento da atual Iugoslávia.

Em meados de 1895 iniciou-se a imigração ucraina em massa, que se estabeleceu na Colônia de Rio Claro. No início de 1897 já havia nesta região cerca de 300 famílias, que se espalharam pelas Linhas e Vicinais.

Até o ano de 1900 se estabeleceram cerca de 800 famílias recém-chegadas, sendo que dessas se estabeleceram em Dorizon cerca de 600 e as restantes em outras Linhas e Vicinais.

No fim do ano de 1895 os ucrâinos da Colônia de Rio Claro, por iniciativa de Teodoro Potoskei, Gregório Kultchetskei, Gregório Montchak e outros, encaminharam uma solicitação ao Metropolita D. Silvestre Symbratovyth, Cardeal e Arcebispo de Lviv, para que enviasse sacerdotes ao Brasil, missionários que pudessem servir ao povo. O problema não era de fácil solução. Havia uma proibição que impedia a vinda de padres casados ao Brasil, ainda que em sua Pátria esses casamentos fossem legais perante a Igreja. De outra parte, havia propaganda entre o clero latino de que não havia necessidade de sacerdotes de rito ucrâino, porque havia na Diocese padres que compreendiam a língua ucrâina e que também os ucrâinos entendiam a língua deles. Lamentavelmente, se esqueciam que se tratava de rito diferente, apesar de católico.

CAPÍTULO XIII

SACERDOTES SECULARES UCRÂINOS NO PARANÁ

PE. NICOLAU MICHALEVITCH

Na história da imigração ucrâina no Brasil, Pe. Nicolau Michalevitch foi o primeiro sacerdote ucrâino, secular e casado, que aqui chegou em fins de junho de 1896.

Veio por incumbência e a mando do Metropolita Silvestre Symbratovyth, Cardeal e Arcebispo de Lviv, capital da Ucrâina Ocidental, oriundo da região de Ternópilh.

Como tivesse vindo com a sua legítima esposa, o Bispo de Curitiba lhe negou a jurisdição, permitindo apenas que visitasse os núcleos coloniais de Prudentópolis, Rio Claro e Curitiba. Diante disso se viu forçado a retornar para a sua Pátria.

PE. NICON ROZDOLSKY

nasceu na Ucrâina em 1866 e foi ordenado em 1895.

Veio para o Brasil em julho de 1896 e se dirigiu para Prudentópolis, onde atendeu o povo durante um curto espaço de tempo, pois logo recebeu ordens do Bispo de Curitiba para se dirigir para a Colônia de Rio Claro.

Parece estranho esse medo e zelo esquisito dos latinos em relação aos sacerdotes do rito ucrâino. É uma demonstração de ignorância dos padres do rito latino de então com a realidade da existência de muitos ritos na Igreja, todos reconhecidos, protegidos e pelos quais a Igreja sempre teve igual consideração, pois cumprem uma missão igual à dos latinos. Os padres de ritos orientais não são menos padres que os de rito latino.

O jovem sacerdote, Pe. Nicon, enérgico e dedicado aos proble-



Pe. Nikon Rozdolsky

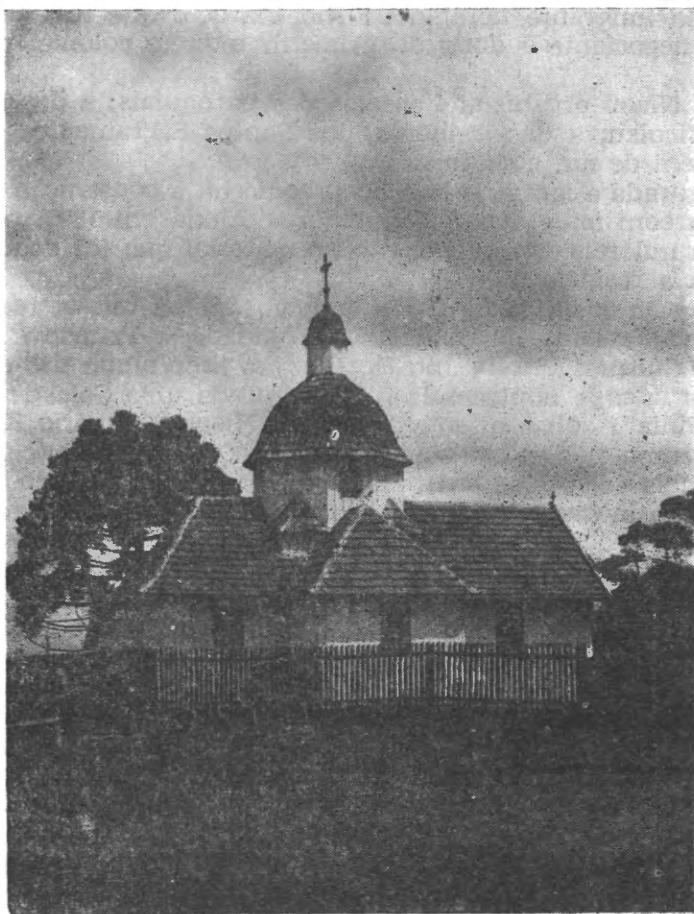
mas do povo, veio para a Colônia de Rio Claro, iniciando uma *nova página na história* da Imigração Ucrâina no Brasil. Estabeleceu-se na Colônia 5, na residência de Teodoro Potoskei. Desde o início se preocupou com a organização da vida religiosa, social e cultural de seus fiéis. Apareceram colaboradores mais ativos e conscientes entre os seus Patrícios.

Já no início de 1897, convocada uma reunião de todos os lavradores da região, que compreendia 6 Colônias além dos Vicinais, foi planejada e decidida a construção de uma igreja, uma moradia para o sacerdote e de duas salas: uma para reuniões e outra para a biblioteca.

Foi escolhida então a Colônia 5 como o ponto central da região e onde deveria ser edificada a igreja e a casa de residência sacerdotal. Para se obter verba suficiente para a obra, foi estabelecido que as famílias da quarta, quinta e sexta Colônias colaborariam com 20 mil réis; os da terceira, segunda e primeira com 10 mil réis.

Ofereceram-se para a execução da obra uns vinte homens, mediante um pequeno salário. A chefia da construção foi entregue a Panás Zavadski de Barra Feia (Fluviópolis). De meados de janeiro a meados de fevereiro de 1897 foi aplainado o terreno, serrada a madeira e transportada para o local da obra.

No dia 14 de fevereiro, um domingo, o Pe. Nikon benzeu o lo-



Igreja Ucrâino-Católica da Colônia 5 — Mallet-PR, cuja bênção deu-se em 11-04-1897.

cal, e já na segunda-feira foi iniciada a construção da igreja; em 55 dias a igreja foi construída: tempo recorde. No dia 10 de abril do mesmo ano foi colocado solenemente o cruzeiro no alto da igreja. No dia 11 de abril o Pe. Nikon fez a solene bênção da primeira Igreja Ucrâino-Católica do Brasil e em seguida celebrou a Santa Missa.

Os construtores da igreja foram: o Pe. Nikon, Teodoro Potoskei, Gregório Montchak, Miguel Maliuta, Tomás Bartchechen, Basílio Potoskei, Teodoro Baran, José Hretziv, João Ferensovich, Demétrio Kobuletski, todos da Colônia 5; Miguel Rudatskei, Elias Futerko, João Rudatskei e Alexandre Triska, da Colônia 4; Haracem Sembay e Basílio Tratch, da Colônia 6.

As despesas da construção, sem o material que foi doado, somou a importância de 2.800 réis. Foi formado um Comitê Paroquial

composto de 24 membros, sob a Presidência de Demétrio Korjan, o mais velho imigrante ucraniano de Rio Claro, e que foi também o primeiro negociante e dono do primeiro moinho colonial da Colônia 5.

O Pe. Nikon organizou 4 associações paroquiais: a dos homens, de São Nicolau; a das senhoras, dos Santos Sacramentos e a dos jovens, além de um coro misto.

Inaugurada a igreja, o Pe. Nikon começou a construção de uma residência com mais duas salas maiores. Ainda em 1897, pelo preço de um mil réis, com a exceção do material que foi doado, estava pronta a residência.

No dia 25 de julho de 1897, domingo após a missa, realizou-se uma grande assembléia, quando foi fundada a Primeira Associação Sócio-Cultural Ucraniana no Brasil, com sede numa das salas recém-construídas, e noutra sala foi inaugurada uma Sala de Leitura ("Tchytálnia") sob a orientação do Pe. Nikon; Gregório Kultcheskei, tido como pessoa de grande cultura; Gregório Montchak, tido como o mais célebre pioneiro ucraniano de Rio Claro; Teodoro Potoskei, como iniciador de todas as obras no campo cultural.

Em agosto de 1897 foi aberta a Primeira Escola Ucraniana no Brasil, com a matrícula inicial de 40 alunos. Na escola se lecionava religião, português, ucraniano e contas. No começo quem dava aulas, todos os dias, era o Pe. Nikon, até o meio dia. Mais tarde foi convidado o Prof. João Lech, que lecionava numa escola polaca de Rio Claro.

A Escola da Colônia 5, pelo número de alunos e pela organização, tornou-se modelo para outras, que seriam criadas em outras Colônias.

Por essa ocasião, já havia na região de Mallet cerca de 5.000 ucranianos.

De 1900 em diante começaram a surgir novos núcleos, como Serra do Tigre, Linha 3, Dorizon e outras localidades.

O Pe. Nikon transferiu-se para a Serra do Tigre, onde, em 1903, construiu uma igreja das mais bonitas e mais antigas do Brasil e que até o presente, conservando o seu estilo original, serve ao povo. Essa foi construída pelo próprio povo, que, aos domingos, ao se dirigir à Missa, transportava às costas todo o material de construção. Foram homens, mulheres, moços, moças, crianças carregando todo o material, subindo o morro da Serra do Tigre, com alguns km de extensão.

Pe. Nikon foi um grande batalhador, sabia lidar com o povo e o povo o obedecia sempre, porque ele mesmo dava bom exemplo. Ensinava às crianças o catecismo, o canto litúrgico e canções populares. Infelizmente, após anos de duras lutas e sacrifícios, acometido de grave doença, entregou a sua alma a Deus em novembro de 1906, e seu corpo repousa no cemitério que fica junto à igreja da Serra do Tigre.



Pe. João Voliansky

PE. JOÃO VOLIANSKY

Veio ao Brasil em novembro de 1896, em missão oficial do Cardeal S. Symbratovytych, e como Delegado do Governo da Ucrânia Ocidental para verificar a situação e as condições de vida do imigrante ucraniano e entregar um relatório à autoridade governamental de Lviv.

Durante 7 meses de viagem, que empreendeu pelos núcleos ucranianos do Paraná e Santa Catarina, pôde observar e conhecer os problemas e as dificuldades que tiveram os primeiros que aqui vieram, como a miséria, abandono total por parte das autoridades, falta de recursos, sem estradas, sem escolas, sem nada, entregues à própria sorte. Antes de retornar à sua Pátria conseguiu obter do Bispo Latino de Curitiba a necessária jurisdição para permanência em definitivo do Pe. Nikon Rozdolsky no Brasil. Esse sacerdote era então já viúvo.

PE. PAULO PETRETSKEI

Pe. Paulo Petretskei veio ao Brasil em dezembro de 1907 e já em janeiro de 1908 se encontrava em pleno exercício de suas funções em Dorizon e Serra do Tigre. Era sacerdote católico, casado, vindo da Ucrânia Ocidental.



Pe. Paulo Petretskei

Como fosse casado e tivesse vindo com a sua esposa, o que era normal na sua Diocese de origem, no Brasil os Bispos latinos se escandalizaram com o fato de ser casado e conseqüentemente não deram permissão para que pudesse exercer a sua missão. Diante disso, o Pe. Petretskei resolveu exercer a sua missão, sem jurisdição latina. Assim, foi considerado cismático.

Tendo adoecido, foi internado no Hospital de Ponta Grossa e sentindo a morte pediu ao sacerdote para se confessar. Faleceu no mesmo hospital no dia 15.02.1932.

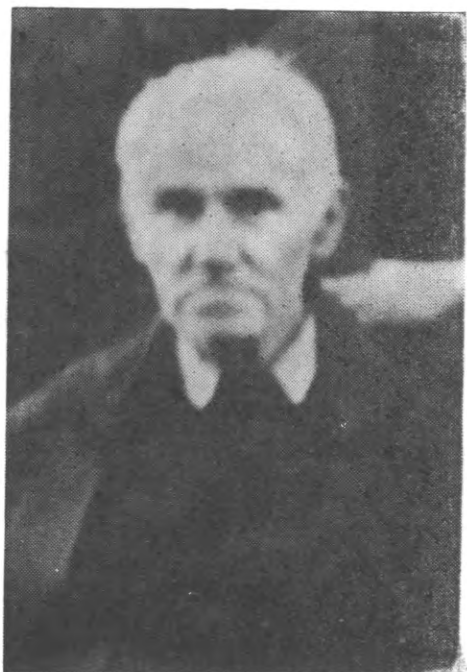
No mês de abril de 1911, com as bênçãos do Metropolita André Cheptytskyi, chegam ao Brasil para o trabalho missionário três sacerdotes seculares: *Pe. Pedro Ossintchuk*, *Pe. Miguel Berejuk* e *Pe. João Michaltchuk*.

Nessa mesma data, também vieram para o Brasil as primeiras sete religiosas ucrâinas da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada.

PE. PEDRO OSSINTCHUK

O Pe. Pedro Ossintchuk nasceu na Ucrânia Ocidental, no dia 10.6.1877, e foi ordenado no dia 3.1.1910.

Vindo ao Brasil, começou administrando a Paróquia de Ivaí.



Pe. Pedro Ossintchuk

Calmon. Em 1932 entrou para a Ordem dos Basilianos, recebendo o nome de Pe. Pacômio. Faleceu em Ivaí, no dia 20 de novembro de 1958, tendo sido sepultado no cemitério local.

PE. MIGUEL BEREJUK

O Pe. Miguel Berejuk, ao chegar, dirigiu-se para Mallet, donde atendia o povo da Serra do Tigre e Dorizon. Depois de 5 anos de trabalhos, retornou para a Europa.

PE. JOAO MICHALTCHUK

O Pe. João Michaltchuk, desde a sua chegada ao Brasil, fixou-se em Antônio Olinto, permanecendo ali até a sua morte. Nasceu na Ucrânia no dia 10 de outubro de 1884 e faleceu em Antônio Olinto no dia 13 de julho de 1950.

Foi um grande batalhador em favor do povo, de seus paroquianos. Construiu uma bonita igreja, que se orgulha de possuir um ícone (imagem) de Nossa Senhora dos Corais, artística e de rara beleza. Exerceu também o cargo de Delegado de Ensino.

No seu leito de morte, entrou para a Ordem dos Padres Basilianos com o nome de Inocêncio. Descansa o sono eterno no cemitério de Antônio Olinto.

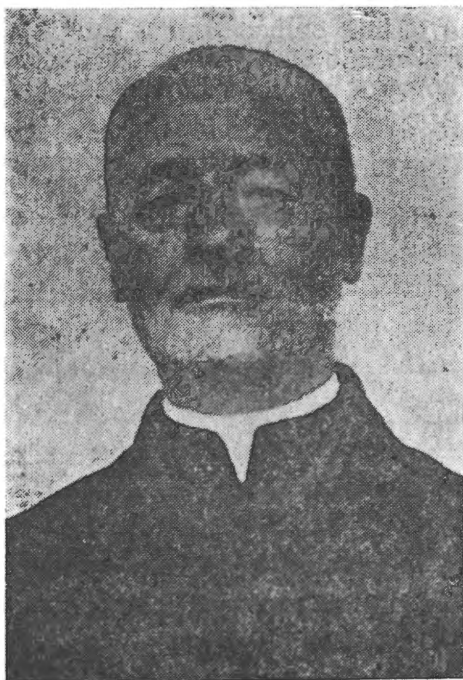


Pe. João Michaltchuk

PE. PEDRO PROTSKIV

Nasceu na Ucrânia, em 1886. Sacerdote formado pela Universidade Gregoriana de Roma, veio ao Brasil ainda em 1911, quando foi designado como Vigário de Mallet. Foi um digno e verdadeiro missionário, que desde o início se consagrou inteiramente ao serviço da salvação das almas. Amava os seus fiéis com tanto amor que nunca fugia dos maiores sacrifícios para atendê-los bem, levando o conforto espiritual. As suas visitas às capelas e aos doentes fazia a cavalo e, muitas vezes, confiando apenas na Providência Divina e no seu cavalo. Muitas vezes foi surpreendido nas suas viagens noturnas por violentas tempestades, atravessando matas espessas de pinheirais, arriscando a própria vida.

Aos domingos, enquanto não tivesse confessado a todos que desejassem, não começava a missa dominical. Acontecia que quase sempre essas missas dominicais começavam ao meio dia e terminavam às 14 horas. Não consentia que alguém, vindo de longe, voltasse sem receber os sacramentos. Esse seu zelo bem demonstra a religiosidade do povo ucraniano. Foi nessa ocasião, durante a sua permanência em Dorizon, que se realizou a 1.^a Grande Concentração de Ucranianos no Brasil, da qual participou ativamente.



Pe. Pedro Protskiv, 1.º Vigário de Mallet e Dorizon

Esse Sacerdote extraordinário foi vítima de denúncias caluniosas por ocasião do Movimento Nacionalista Brasileiro, que perseguia os estrangeiros de um modo geral. Foi preso e remetido a Curitiba. O Delegado da OSP, encarregado dos processos contra os estrangeiros presos, não encontrava culpa nenhuma, pois as denúncias eram por demais ingênuas, contudo, impôs ao Pe. Pedro a proibição de se afastar de Curitiba, obrigando-o a comparecer todos os dias à Delegacia para dizer apenas: "Aqui estou".

Lamentavelmente o Bispo de Curitiba D. Ático não interferiu no caso.

Com mais de 60 anos de idade, teve que se submeter a esses vexames injustos, que lhe impuseram sem nenhuma definição de culpabilidade. Com esse estado de incerteza e com profundo abalo moral inocente, sofreu uma grande depressão nervosa, de consequência grave para sua saúde. E numa dessas idas a Curitiba, antes de chegar à estação da estrada de ferro de Dorizon para tomar o trem, tendo passado a noite em claro, dominado por um forte nervosismo, foi fulminado no caminho por um colapso cardíaco, o que se deu no dia 3.1.1941.

As exéquias foram concorridíssimas pela estima que havia conquistado. O povo compareceu em massa, pois todos o consideravam

santo. Assim o povo e um grande número de sacerdotes compareceu, prestando sua última homenagem a um verdadeiro missionário, que está descansando o eterno sono dos justos no cemitério de Dorizon. O povo chorou a perda inestimável do pastor querido, mas é com certeza que Deus o recebeu na sua glória.



Pe. Emiliano Ananovich, grande missionário ucraniano no Brasil

PE. EMILIANO ANANOVICH

O Pe. Emiliano Ananovich nasceu na Ucrânia Ocidental em 1886. Foi ordenado sacerdote pelo Bispo D. Gregório Chomychen, em Stanislaviv, no dia 11 de novembro de 1911. Após a ordenação, foi o primeiro padre secular celibatário que se apresentou para trabalhar nas missões além do Oceano. Em companhia do Pe. João Senychen embarcou para a Argentina e foram se estabelecer no Território das Missões, onde exerceram o seu trabalho no meio dos ucranianos até o ano de 1917, quando o Pe. Emiliano veio para o Brasil. Em 1915 escrevia ao Jornal "Prácia" que ele pretendia vir ao Brasil, onde havia mais liberdade para os trabalhos missionários, enquanto que na Argentina reinava e ainda hoje reina um chauvinismo insuportável. No Brasil se estabeleceu em Mallet, onde juntamente com o Pe. Pedro Protskiv atenderam uma vasta região que compreendia Mallet, Dorizon, Serra do Tigre, Fluviópolis, Vera Guarani, Carazinho, Paulo Frontin e Cruz Machado.

Em 1922, 1.º Centenário da Independência do Brasil, o Metropolita D. André Cheptytskyi, Arcebispo de Lviv, veio para o Brasil para uma visita pastoral, tendo percorrido todos os núcleos ucranios do Paraná e Santa Catarina. O Pe. Emiliano o acompanha nessa visita, ajudando em todos os misteres pastorais. Com insistência consegue que as Irmãs Servas de Maria assumissem o compromisso de se estabelecer em Mallet e Dorizon. Em 1922 ainda organiza um hospital em Dorizon, com a presença de um médico. Em 1924 escreve um artigo no "Prácia" sobre a vida de S. Josafat, demonstrando que era seu devoto, pelo que, mais tarde, assume o nome de Josafat, ao fundar nos Estados Unidos o ramo de Franciscanos do Rito Ucranio.

Entre os anos de 1924 e 1930 enfrenta com coragem a luta contra o escritor Pedro Karmansky, que procurava revoltar o povo contra os padres e a Igreja. Pe. Emiliano escrevia seus artigos, demonstrando a necessidade de escolas, onde as crianças pudessem aprender as primeiras letras. Fundou em todas as Colônias da sua região mais de 20 escolas primárias.

Em 1925, junto com o Pe. Pedro Protskiv fundaram a Associação de S. Cirilo e S. Metódio, com a finalidade de desenvolver uma ação em favor das vocações sacerdotais.

Com a morte do Pe. João Senychen, na Argentina, o Pe. Emiliano retorna para lá e permanece até a vinda do Pe. Estefano Vaprovitch a Apóstoles, em Missiones. Em seguida retorna ao Brasil, em 1927, para continuar a sua missão pastoral, tão eficiente quanto necessária.

Os artigos e reportagens que publicava no jornal "Prácia" eram por demais apreciados, pois tratavam de problemas que então interessavam a todos.

Sempre se fazia presente e ativo em todas as comemorações do dia 1.º de novembro, data histórica que lembra a revolta dos ucranios da Galícia contra a ocupação do seu território e pela libertação de sua pátria.

Quando em 1930 o Bispo D. Constantino Bohathevskyi, como Visitador Apostólico, veio dos Estados Unidos para uma visita pastoral aos fiéis do rito ucranio no Brasil, ficou resolvida a criação de uma Congregação de Irmãs Catequistas, com a aprovação e a bênção do Visitador Apostólico, o que aconteceu em 1932. São hoje as Irmãs Catequistas de Sant'Ana.

Em 1933 organizou a Juventude Ucrânia para Cristo em Mallet, nos moldes da existente em Lviv — Galícia. Foi um acontecimento que movimentou todos os jovens de todos os núcleos da região.

Pe. Emiliano não era rico e nunca se interessou para economizar algo visando o futuro. As espórtulas que recebia mal davam para o sustento e para as viagens constantes que realizava às capelas e aos doentes.

Era de uma iniciativa corajosa, sobretudo na construção de Capelas, Escolas, Hospitais e Asilos, que até hoje estão aí para atestar o seu espírito empreendedor. Sem dinheiro, confiando na Providência Divina e na generosidade do povo, iniciava uma obra e, quando

menos se esperava, chegava ao seu término.

Com o seu zelo de pastor de almas, vivia preocupado com a falta de mais cooperadores para dar melhor e mais assídua assistência espiritual ao povo.

Constantemente visitava as famílias para sondar as vocações para as Ordens Religiosas, Congregações e Institutos Religiosos. Os Irmãos Maristas receberam por seu intermédio centenas de candidatos. As Irmãs de S. José, do Cajuru, foram igualmente contempladas com grande número de candidatas. Alguns jovens também foram encaminhados para os Franciscanos.

No entanto, o seu empenho maior foi de encaminhar candidatos ao sacerdócio do rito ucranio. Uma população de imigrantes ucranios, aumentando constantemente, não possuía um número suficiente de padres. Pe. Emiliano entrava em contato com seminaristas de origem ucraniana que estavam estudando em seminários latinos, convidando-os e insistindo na necessidade de que eles entendessem que, como descendentes de ucranios, deveriam se formar padres do rito dos seus pais, para trabalhar no meio do seu povo, que reclamava com clamor melhor serviço espiritual.

Com muitas lutas e dificuldades, pois os padres latinos se opunham terminantemente a essa pretensão, conseguiu realizar o seu intento, enviando candidatos ao Seminário de São Josafat de Roma, onde, terminados os estudos teológicos, se ordenaram no rito ucranio. Assim, graças ao empenho e ao esforço do Pe. Emiliano, ordenaram-se em Roma os Padres: Valdemiro Haneiko, Pedro Busko e Clemente Preima.

O primeiro sacerdote secular do rito ucranio nascido no Brasil foi o Pe. Valdemiro Haneiko, que retornou ao Brasil Licenciado em Teologia pela Universidade de Propaganda Fide. Logo depois, no ano seguinte, veio o Pe. Pedro Busko e em 1939 o Pe. Clemente Preima.

Em 1939, para realizar o seu velho sonho de entrar na Ordem dos Franciscanos, embarcou para os Estados Unidos, pobre como sempre, com a passagem paga pelo Bispo D. Bohatchevskyi e duzentos mil réis que lhe deu, para a viagem até o Rio de Janeiro, o Pe. Valdemiro Haneiko.

Estabeleceu-se em Syberstville Pa., no Convento dos Franciscanos, onde não só se tornou franciscano, como também conseguiu a criação do ramo de Franciscanos do Rito Ucranio.

Pelo seu zelo e dedicação, conseguiu atrair outros jovens, que também se tornaram sacerdotes franciscanos de rito ucranio, formando uma comunidade com essa finalidade. Como franciscano desde abril de 1945, celebrou o seu JUBILEU DE OURO DE SACERDÓCIO em 13 de novembro de 1961. Viveu mais alguns anos inteiramente dedicado ao serviço das almas, pregando retiros, fazendo missões, e, com o seu peculiar sorriso que lhe era tão próprio, conseguiu atrair muitas almas ao serviço de Deus.

Entregou a sua alma a Deus, depois de haver cumprido a sua missão, para receber do Juiz Supremo o galardão da eterna glória, no dia 3 de maio de 1964, em Syberstville — USA.



Mons. Valdemiro Haneiko
3.º Vigário Geral da Eparquia Ucrâina

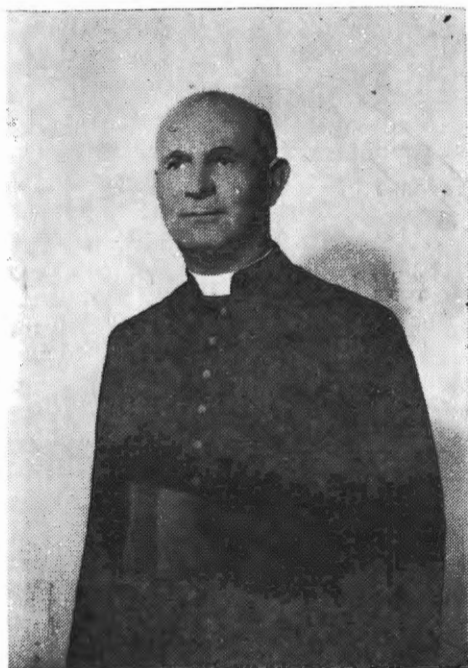
MONS. VALDEMIRO HANEIKO

Para não quebrar a ordem cronológica dos nomes de sacerdotes seculares que exerceram as suas atividades no Brasil, eis a razão da inclusão do nome do Pe. Valdemiro Haneiko, cuja biografia consta no Prefácio.

MONS. PEDRO BUSKO

Pe. Pedro Busko nasceu no dia 12.3.1911, filho de Demétrio e Maria Polistchuk Busko. Fez o curso primário em Dorizon, tendo como professores Estefano Petretskei, depois Volodymêr Dorotskei e mais tarde Dr. Procópio Biliak. Este último, médico e cirurgião, tendo fugido da Ucrâina ao ser perseguido pelos soviéticos e condenado à morte à revelia, refugiou-se no Brasil e mais precisamente em Dorizon, onde começou a lecionar na Escola Primária. Sempre vestia uma camisa bordada, declamava versos do grande poeta ucrâino Tarás Chevtchenko, ensinava canções ucrâinas e aprendia o português com os alunos, conversando. Mais tarde partiu para S. Paulo, onde exerceu a sua profissão de médico até a sua morte.

Foi pelo exemplo, dedicação e zelo pelas almas, que os grandes



Mons. Pedro Busko
2.º Vigário Geral da Eparquia Ucraina

missionários Pe. Pedro Protskiv e Pe. Emiliano Ananevitch demonstraram e exerceram grande influência sobre a mocidade.

Foi encaminhado pelos mesmos ao Seminário Menor de Curitiba, onde completou o Ginásio e o primeiro ano de Filosofia.

Em fins de 1932 foi encaminhado, juntamente com o Pe. Valdemiro Haneiko, para o Colégio Pontifício de S. Josafat, em Roma, para freqüentar as aulas na Universidade Pontifícia de Propaganda Fide. Completou a Filosofia e foi agraciado com o grau "magna cum laude" em Teologia. Em 18.4.1937, no último ano de Teologia, foi ordenado na Capela do Colégio.

Ao retornar ao Brasil, foi designado como Coadjutor de Mallet, para atender as Capelas de Dorizon, Vera Guarani, Carazinho e Vargem Grande.

Enfrentou com coragem e prudência a luta pelo calendário novo, então apenas introduzido e mais tarde aceito pelo povo. Quando o Pe. Mateus Siantchuk foi designado como Vigário de Vera Guarani, o Pe. Pedro foi removido para Dorizon.

Criada a Paróquia de S. José de Dorizon pelo Decreto n.º 2, de 20.8.1959, o Pe. Pedro foi nomeado como o seu primeiro Vigário.

Em 15.10.1962 foi nomeado Vigário Geral da Eparquia de S. João Batista, de Curitiba, permanecendo como Vigário de Dorizon.

Dedicou sua vida inteiramente à cura de almas.

Nunca demonstrou excessiva preocupação pelos bens materiais. Muito metódico, em sua vida privada; simples, humilde, atencioso, inteligente e culto.

Sempre disposto a prestar ajuda aos colegas no serviço das almas.

Amado pelo povo, deixou imensas saudades. E teve méritos de ter construído com grandes sacrifícios a belíssima Igreja Paroquial, conseguindo um pintor artista de nome Denessenko, cujos quadros originais são admirados por todos. A Igreja é o orgulho dos fiéis dorizonenses.

Vítima de uma doença traiçoeira, morreu ainda com muito vigor, no Hospital de S. Pedro de Mallet, no dia 14.7.1980. O solene Pontifical e as Exéquias foram oficiados por D. Efraim Krevey, por D. Albano Cavalin, Bispo Auxiliar de Curitiba, além de muitos vigários vizinhos e distantes, outros muitos sacerdotes, irmãs religiosas, e catequistas, ao meio de grande multidão de fiéis.

E o povo chorou a sua partida para a Casa do Pai, onde foi receber o prêmio da eterna glória. Os seus restos mortais descansam no cemitério de Dorizon.

MONS. CLEMENTE PREIMA

Nasceu em Iracema, Santa Catarina, no dia 12.5.1914, filho de Miguel e Bárbara Preima.

Fez estudos primários em Iracema, no Colégio das Irmãs. Entrou para o Seminário Menor de Brusque e mais tarde estudou em S. Leopoldo — Rio Grande do Sul. Foi enviado a Roma pelo Pe. Emiliano Ananevitch, para terminar os estudos filosóficos e teológicos.

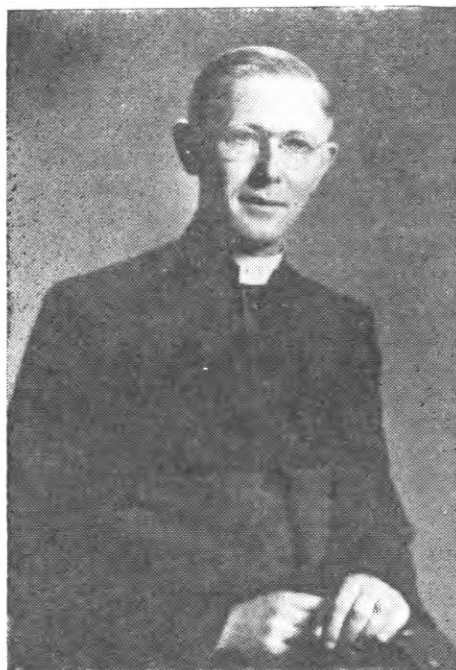
Estudou na Universidade de Propaganda Fide de Roma, onde terminou os estudos teológicos em 1938. Ordenado Sacerdote no Colégio de São Josafat em 3.4.1938. Em 1939 assumiu a Paróquia de Mallet, em substituição ao Pe. Emiliano Ananevitch, que se transferira para os Estados Unidos.

Foi um sacerdote inteligente, culto, zeloso e trabalhador, músico e compositor, dirigente de coro. Escrevia e falava corretamente as línguas: português, francês e ucraniano, além de conhecer o latim, o grego e o hebraico. Como rádio-técnico, montava e consertava rádios para amigos.

Organizou uma sociedade anônima para adquirir todo o aparelhamento para a montagem de uma radioemissora, que instalou em Mallet. A Rádio Malletense — “A voz dos trigais lourejantes de Mallet” — através de alto-falantes instalados em diversos pontos da cidade, transmitia aos domingos lições de catecismo, sermões e missas cantadas.

Tendo obtido o brevato, comprou um teco-teco para viagens distantes, pilotando sozinho o aviãozinho.

Por essa ocasião, se iniciou o Movimento Nacionalista Brasileiro contra os estrangeiros, sobretudo contra os Padres estrangeiros



Mons. Clemente Preima
1.º Vigário Geral da Eparquia Ucrâina

que faziam sermões na sua língua. Como brasileiro, enfrentou essa luta com muito vigor. Não foi preso, como outros sacerdotes, mas lutou, e através do diálogo com as autoridades que comandavam o Movimento, conseguiu que essa proibição fosse sustada, enquanto os Bispos Latinos, ao que parece, apoiavam esse Movimento, porquanto nenhum deles se pronunciou contra o mesmo.

D. Antonio Mazarotto, Bispo da Diocese de Ponta Grossa, à cuja jurisdição pertencia a maioria da população de rito ucrâino-católico, lamentava a perseguição que as autoridades civis moviam contra os sacerdotes estrangeiros, sem, contudo, tomar quaisquer atitudes positivas e enérgicas para denunciar os abusos de poder contra pessoas inocentes e indefesas, só pelo fato de serem estrangeiras.

Contudo, como Bispo, D. Antonio foi um Pastor zeloso, consciencioso de suas atribuições, e os ucrâinos sempre o estimaram e respeitaram. Podemos afirmar que foi amigo de seus fiéis ucrâino-católicos.

A exigência era descabida. O Governo não construía escolas nos núcleos de imigrantes, como poderiam aprender a língua do País? Não era sensato fazer sermões numa língua que o povo não entendia. Seria falar às paredes.

Mas, felizmente, predominou o bom senso e tudo acabou bem. Os Padres Poloneses agradeceram ao Pe. Clemente pela luta vitoriosa que enfrentara com resultados positivos.

Mais tarde, os fiéis de ritos orientais existentes no Brasil receberam a nomeação do Cardeal do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, como Ordinário de Ritos Orientais no Brasil. Em seguida o Cardeal Câmara designou como seu Vigário Geral para os fiéis de rito ucranio o Pe. Clemente Preima, em 1953.

Agora, como Vigário Geral, recebeu o título de Monsenhor.

Conseguiu, com a ajuda do então Secretário da Congregação das Igrejas Orientais de Roma — Cardeal Tisserant, a construção de um Seminário em Mallet, que recebeu o nome de Seminário Menor Cardeal Tisserant, quando foi inaugurado no dia 20.11.1959.

Em 1972, o mesmo Seminário Menor recebeu o nome de Seminário Menor de S. Josafat, em homenagem ao grande mártir da Igreja Ucranio-Católica.

A 10.5.1958, foi nomeado o Primeiro Bispo de Rito Ucranio-Católico no Brasil, na pessoa do Pe. José Martenetz da Ordem de S. Basílio Magno.



Seminário Menor Diocesano de São Josafat, em Mallet-PR, inaugurado por S. Excia. D. Jaime de Barros Câmara e pelo eparca D. José Martenetz osbm, no dia 20 de novembro de 1959, com a participação de vários sacerdotes, religiosos e religiosas, e inúmeros fiéis.

Ainda como Seminarista em Brusque, escreve um livrinho sobre a vida de Santa Terezinha do Menino Jesus, da qual era muito devoto.

Fomos colegas e amigos, bem o conhecíamos e admirávamos as suas constantes atividades pastorais, a sua cultura, seu zelo como pastor, imune das preocupações materiais, confiando sempre na Providência Divina, à qual sempre se submetia.

Por razões que desconhecemos, Mons. Clemente Preima se transferiu para os Estados Unidos, precisamente para a Diocese de Stamford, cujo titular era seu amigo e antigo colega de estudos teológicos em Roma, D. José Shmondiuk, já falecido. Nessa Diocese foi Vigário da Paróquia Ucrânia de Brooklyn — na cidade de Nova York.

Ainda longe do Brasil, nunca deixou de visitar os familiares e amigos todos os anos.

Com a intenção de voltar ao Brasil, foi protelando sempre, até que a morte o surpreendeu após um derrame cerebral, vindo a falecer no dia 19 de abril de 1979. O seu corpo, depois de embalsamado, foi trasladado dos Estados Unidos para o cemitério de Mallet, onde o enterro foi acompanhado pelo Eparca D. Efraim Krevey, Bispo Auxiliar de Curitiba D. Albano Cavallim, muitos sacerdotes, irmãs religiosas e uma grande massa de fiéis. O seu corpo descansa no Cemitério Ucraino de Mallet. Que Deus o tenha na glória do Céu.

PE. MATEUS SIANTCHUK

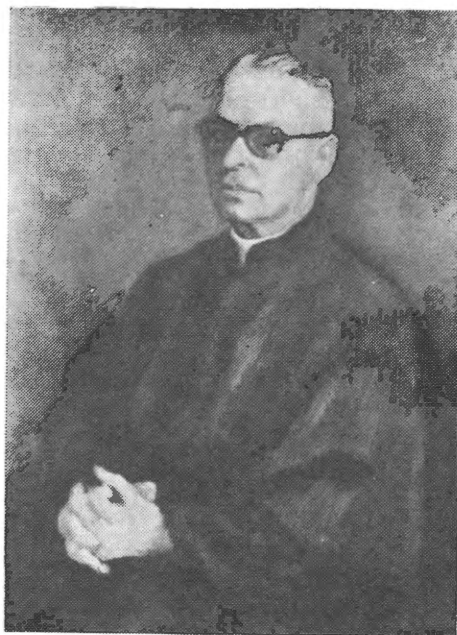
Veio do Canadá em 1944, como Basiliano. Com o tempo passou para os Padres Seculares, e a partir do ano de 1946 trabalhou como coadjutor na Paróquia de Mallet e depois como vigário de Vera Guaraní. Em 1947 retornou ao Canadá.

PE. JOSÉ SKULHSKEY

Nasceu no dia 16.8.1893, em Lviv, na Ucrânia Ocidental. Foi ordenado em 2.9.1930. Veio ao Brasil no dia 26.6.1946. Estabelecido em São Paulo, na região de S. Caetano do Sul, Vila Bela, onde desenvolveu um profícuo trabalho no campo religioso e cultural, iniciando a construção da Igreja de Imaculada Conceição. Chegou aqui já casado com Melânia Redtchuk. Tiveram um filho de nome Andrônico. Em 1954 se transferiu para os Estados Unidos da América, onde permaneceu até a sua morte, que se deu a 26.7.1976, na Paróquia de New Hiveny, pertencente à Eparquia de Stamford. Teve grandes méritos pelo seu trabalho na Ucrânia, no Brasil e nos Estados Unidos. Foi o primeiro padre de rito ucraniano em São Paulo, entre os anos de 1946 a 1954.

PE. DEMÉTRIO POPERETCHNEI

Veio ao Brasil em 1947. Foi coadjutor na Paróquia de Mallet.



Pe. José Skulhskey

Após um ano de permanência em Mallet, partiu para os Estados Unidos.



Pe. Nicolau Dubetskei

PE. NICOLAU DUBETSKEI

Nasceu no dia 8.12.1903 na Ucrânia. Ordenado em 16.06.1928. Veio ao Brasil em 1947. Casado com Natália, teve dois filhos: Marcos e Eugênia. Trabalhou como reitor da missão ucraina de Antonio Olinto até dezembro de 1958. No início de 1959, partiu para os Estados Unidos, onde veio a falecer.



Pe. Volodymer Soiomka

PE. VOLODYMER SOLOMKA

Nascido na Galícia, Ucrânia Ocidental, em 26.10.1887, e falecido em Curitiba, no hospital Santa Casa, no dia 25 de setembro de 1963. Chegou ao Brasil em 1947. Trabalhou nas missões de Campo Mourão, Apucarana e em Curitiba, onde veio a falecer. Seus restos mortais descansam no cemitério da Água Verde, na Capela Eparquial.

PE. METÓDIO KOVAL

Pe. Metódio Paulo Koval, nasceu no dia 17.6.1909 no Vicinal 8, Dorizon - PR. Filho de João Koval e Carolina Repechka. Iniciou o curso primário na Escola de Vicinal 8, onde lecionava a Professora Ana Bilek, e depois frequentou a Escola de Dorizon, a cargo do Professor Nicolau Bilek.



Pe. Metódio Kovai

No início de 1923, sob os cuidados do Pe. Emiliano Ananevitch, foi enviado ao Colégio Seráfico dos Padres Franciscanos em Rio Negro - PR, onde permaneceu nos estudos até 1931. Em seguida entrou para o Noviciado Franciscano de Rodeio — Santa Catarina. A Filosofia estudou no Colégio dos Franciscanos em Curitiba. Em fins de 1935, partiu para Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, para os estudos teológicos. No dia 28 de novembro de 1937, recebeu as ordens sacras no rito latino. Exerceu o seu apostolado em Campos de Jordão — São Paulo, e mais tarde em União da Vitória — PR. Em 1942, conseguiu a autorização para poder também exercer as funções no rito ucraino-católico.

Em fins de 1949 volta em definitivo para o rito de seus pais, o ucraino-católico, tendo para isso obtido da ordem franciscana o seu afastamento para dedicar-se unicamente aos fiéis do rito ucraino, a começar por Vera Guarani. D. Jaime de Barros Câmara, a 28.1.1953, confiou-lhe a Paróquia de Vera Guarani, nomeando-o como seu Vigário, cargo em que permaneceu até a sua morte, que se deu no dia 25.1.1979. Seus restos mortais descansam no cemitério local.

Pe. Metódio foi um sacerdote humilde, de grande simplicidade evangélica, sem exibição e sem pretensão, apesar de dono de uma vasta e sólida cultura.

Exerceu o cargo de Diretor Espiritual das Irmãs Catequistas de

Sant'Ana, cuja sede, com o Noviciado, era em Vera Guarani. Grande amante da literatura ucraina e portuguesa. Organizou uma riquíssima biblioteca particular, própria, de obras e livros em português, ucraino e alemão. Conhecedor perfeito da língua alemã. Sempre procurado pelos jovens estudantes para realizar pesquisas nas obras da sua biblioteca.

Atencioso, pontual e querido pelos jovens. A parte da biblioteca que se compunha de livros e obras em ucraino, antes de morrer, vendeu à Curia Eparquial e a importância arrecadada, cedeu-a a seu colega, recém ordenado, Pe. Jaroslau Susla para que pudesse adquirir um automóvel para os serviços da paróquia.

O restante da biblioteca deixou à disposição e uso dos paroquianos de Vera Guarani e das Irmãs Catequistas de Sant'Ana.



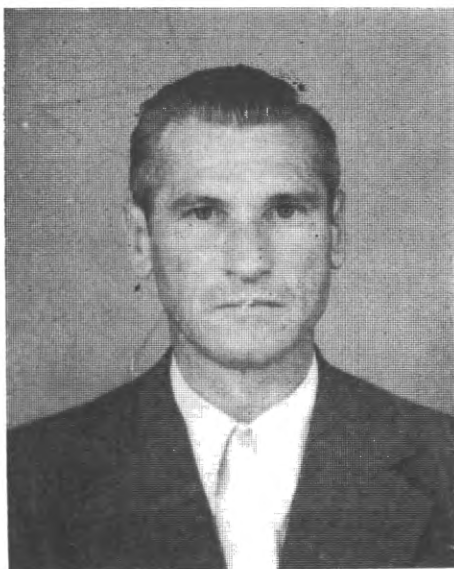
Pe. Severo Preima

PE. SEVERO PREIMA

Pe. Severo Preima, filho de Miguel e Bárbara Preima nasceu em Iracema, Santa Catarina no dia 23.8.1926. Enviado a Roma para concluir os estudos superiores, foi ordenado no dia 14 de maio de 1953, no Colégio de São Josafat, Retornando ao Brasil, foi designado como Coadjutor da Paróquia de Mallet. Com a ida do Mons. Clemente Preima, seu irmão, aos Estados Unidos, foi nomeado Vigário de Mallet.

Foi designado para a Reitoria do Seminário Menor de Mallet. Providenciou a nova pintura da Matriz do Sagrado Coração de Jesus de Mallet, como também reformou a velha igreja da Colônia 5. Auxiliou muito o Vigário de Vera Guarani — Pe. Metódio Koval, quando se encontrava enfermo. Permaneceu em Mallet até a sua morte prematura, consequência de um desastre automobilístico em choque com um caminhão, em cuja trazeira havia batido. Isto se deu nas proximidades de São Mateus do Sul, no dia 24.9.1976. Seu enterro foi acompanhado pelo Bispo D. José Martenetz, muitos sacerdotes de ambos os ritos, irmãs religiosas de diversas Congregações, e uma grande multidão de fiéis, que choraram a sua morte. Foi sepultado no Cemitério Ucraino de Mallet, onde descansam os seus restos mortais, aguardando a ressurreição final para a glória do Céu.

Foi um sacerdote humilde, pacato, atencioso e pronto para qualquer sacrifício que o seu cargo lhe exigisse. Foi muito amado e estimado pelo povo.



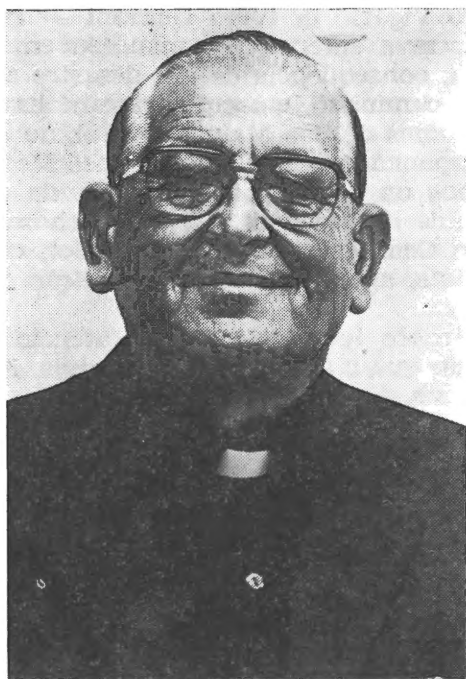
Pe. Carlos Treuk

PE. CARLOS TREUK

Estudou a Filosofia e a Teologia em Roma, entre os anos de 1952 a 1957. Recebeu as ordens sacras a 25.03.1957 em Grottaferrata — Roma.

Pelo rescrito da Sagrada Congregação das Igrejas Orientais, sob o Prot. n.º 212/66, do dia 27.7.1974, foi liberado das ordens sacras e secularizado. Continua como colaborador da Paróquia de S. Basílio Magno de União da Vitória, dirigindo o Coral Paroquial. De-

dica-se ao estudo da música, compõe cânticos e hinos com letra e música.



Pe. Flor Vodonis

PE. FLOR VODONIS

Filho de Simão e Eudoxia Marciniuk Vodonis, nasceu em Mallet, no dia 18.7.1912. Dos 13 irmãos, ele é o 5.º. Começou os estudos primários no Colégio das Irmãs Servas de Maria Imaculada em Dorrison e terminou em Mallet.

Observando e admirando o zelo apostólico dos zelosos missionários Padres Pedro Protskiv e Emiliano Ananevitch, sentiu-se atraído para os serviços de Deus. E como na época não houvesse a mínima possibilidade de estudar em seminário ucraniano, aconselhado pelos padres acima referidos, ingressou no Juvenato dos Maristas em Curitiba.

Estudou durante três anos em Curitiba e cinco anos em Mendes. Nessas escolas fez o Postulado, Noviciado e Escolasticado.

Terminado os estudos iniciou a carreira de professor em diversos Colégios Maristas, como no Colégio do Carmo, durante 5 anos, e no Arquidiocesano de São Paulo, por 11 anos.

Esteve na França, onde freqüentou um curso de espiritualidade. Mais tarde foi Diretor do Colégio de Santa Maria, em Curitiba,

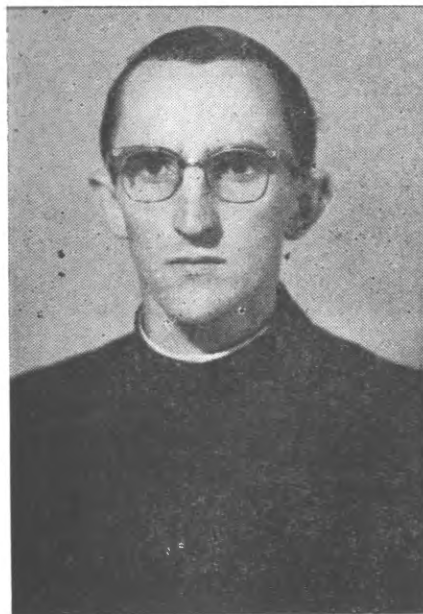
por três anos. Em 1958, obteve da Santa Sé o indulto de secularização a fim de poder abraçar a carreira eclesiástica.

Cursou a Universidade Pontifícia de Propaganda Fide, em Roma, entre os anos de 1959 e 1962.

Em 24.12.1961 recebeu a ordenação sacerdotal pelas mãos de D. Agostinho Horniak.

De 1962 a 1964 foi Vigário em Campo Mourão. Em 1964 foi nomeado Vigário da Paróquia de S. Basílio Magno em União da Vitória. Mais tarde foi designado Vigário de Rio das Antas, Cruz Machado. Transferido para a Cúria Eparquial, foi Coordenador da Pastoral, com o encargo de atender algumas capelas nos arredores de Curitiba e ministrar aulas na Universidade Católica do Paraná. Recentemente foi nomeado Pároco de Dorizon, em 25.2.1985 e ao mesmo tempo Diretor Espiritual do Seminário Menor de Mallet.

Foi nomeado Cônego pelo Decreto de S. Exa. D. José Slipêi do dia 12.5.1970.



Pe. Paulo Barabach

PE. PAULO BARABACH

Nasceu em Antonio Olinto, no dia 27.5.1939. Terminados os estudos seminarísticos no Brasil, partiu para os Estudos Filosóficos e Teológicos em Roma.

No dia 1.º.1.1964, D. José Slipêi, conferiu-lhe as ordens sacras na capela do Pontifício Colégio de S. Josafat em Roma.

No Brasil, tendo atuado na região de Pato Branco, foi nomeado

Vigário da Paróquia de S. Basílio Magno de União da Vitória. Em seguida, sem mais aquelas, de repente partiu para Edmonton — Alberta, no Canadá, onde já se encontrava o seu irmão Pe. Volodymyr em Toronto, para exercer o seu apostolado sacerdotal. Mas, também não demorou muito, retornou ao Brasil, e, após curta permanência, voltou ao Canadá, secularizando-se em definitivo.



Pe. Volodymyr Barabach

PE. VOLODYMYR BARABACH

Nascido em Rio das Antas, próximo de Caçador — Santa Catarina, em 28.7.1942. Fez estudos em Roma e foi ordenado em Mallet no dia 1.º.8.1965 pelo Bispo D. José Marténetz. Foi coadjutor da Paróquia de S. Basílio Magno em União da Vitória. Em 12.2.1979, por motivos desconhecidos, partiu para o Canadá, para a Eparquia de Toronto. Ultimamente retornou ao Brasil abandonando a cura das almas.

PE. SÉRGIO KRASNIAK

Nasceu no dia 13.5.1941 em Dorizon. Registrado no Cartório com o nome de Ernesto e com o mesmo nome foi batizado, filho de



Pe. Sérgio Krasniak

Miguel e Sofia Chmigueiski Krasniak. É o quarto filho, dentre os 13 nascidos: 8 irmãs e 5 irmãos. Iniciou o primário no Colégio das Irmãs Servas de Maria Imaculada em Paulo Frontin e terminou no Colégio das mesmas Irmãs, em Dorizon.

Em 1954 ingressou no Seminário São José, de Prudentópolis, onde iniciou os estudos ginasiais.

Em 1957 foi aceito no Noviciado Basiliano, de Ivaí.

Em 28.5.57, recebendo a veste talar basiliana, escolheu o nome de Sérgio, que conserva até hoje. Em 30.5.59 fez os votos temporais na Ordem de São Basílio.

Entre os anos de 1959 a 1961 fez os estudos humanísticos no Seminário Basiliano, de Ivaí.

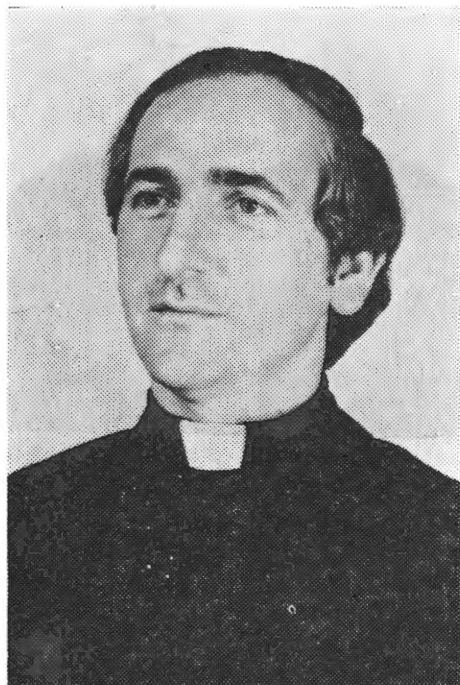
Nos anos de 1962 a 1964, fez a Filosofia no Seminário Arquidiocesano da Rainha dos Apóstolos, em Curitiba. Em 1962 foi aceito para integrar o clero eparquial. Em 1964, foi enviado para Roma, para o Colégio S. Josafat, donde freqüentava os estudos teológicos na Universidade Pontifícia de Propaganda Fide, obtendo a Licenciatura em Teologia em 1968.

Em 17.12.1967, foi ordenado sacerdote pelas mãos do Bispo D. Joaquim Seguedi, titular dos fiéis do rito ucraniano da Iugoslávia, na capela do Colégio de São Josafat. Em 1968 retornou ao Brasil, para iniciar os trabalhos de cura de almas, como coadjutor da Catedral

Eparquial de São João Batista, da Vila Guaira, em Curitiba.

Por ato da Cúria Eparquial, foi nomeado Vigário da Catedral de São João Batista. Em 14.8.72, foi nomeado Chanceler da mesma Eparquia.

Em 1.º.5.79, designado como coadjutor da Paróquia de São Basílio Magno, de União da Vitória. Em 17.2.80, foi nomeado Pároco da Paróquia onde era coadjutor, permanecendo até a presente data e atendendo uma vasta região, de muitas capelas. Estes são os traços biográficos fornecidos pelo próprio Pe. Sérgio Krasniak.



Pe. Josafat Gaudeda

PE. JOSAFAT GAUDEDA

Pe. Josafat, filho de Valdomiro e Tecla Melnyk Gaudeda, nasceu em Ponte Nova, Prudentópolis, no dia 11.11.1941.

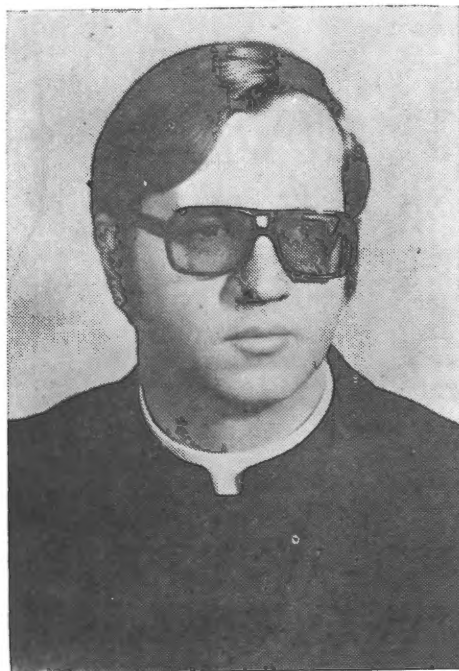
Fez o Primário na Escola Isolada de Ponte Nova. Em 1953 ingressou no Seminário São José em Prudentópolis. Em 1957 foi enviado para o Noviciado Basiliano em Ivaí. Em 1959 fez os votos temporários e terminou o Escolástico em 1961. Em 1962, veio para Curitiba para estudar a Filosofia e nesse período fez os votos solenes.

Em 1964, terminando a Filosofia começou a Teologia no Seminário dos Capuchinhos. Na metade desse ano solicitava a S. Exa. D. José Martenetz que fosse aceito para se tornar Sacerdote Secular; e, sendo aceito, continuou os seus estudos no mesmo Seminário.

Em 1966 se interna no Seminário Rainha dos Apóstolos, de Curitiba, para continuar os estudos teológicos. No dia 7.9.1969, na Matriz de Martim Afonso é ordenado Sacerdote pelo Bispo D. José Martenetz. Como Sacerdote, exerce as suas funções na Catedral Eparquial da Vila Guaíra de Curitiba, até o fim do mês de julho de 1970, quando foi transferido para o cargo de coadjutor da Paróquia de S. Basílio Magno, de União da Vitória.

Em 1973, foi nomeado para a Reitoria do Seminário Menor de Mallet.

Em outubro de 1976, com a morte do Pe. Severo Preima, assume a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, de Mallet, onde permaneceu até o dia 9.3.1980, data em que é conduzido para o cargo de Vigário da Catedral de São João Batista, da Vila Guaíra, em Curitiba, e ao mesmo tempo recebe o encargo de Secretário da Cúria, Reitor do Seminário Maior da Eparquia, onde permanece até a presente data.



Pe. Edison Boiko

PE. EDISON BOIKO

Filho de Nicolau e Miroslava Pendiuk Boiko, nasceu no dia 7.10.1952 em Ponta Grossa.

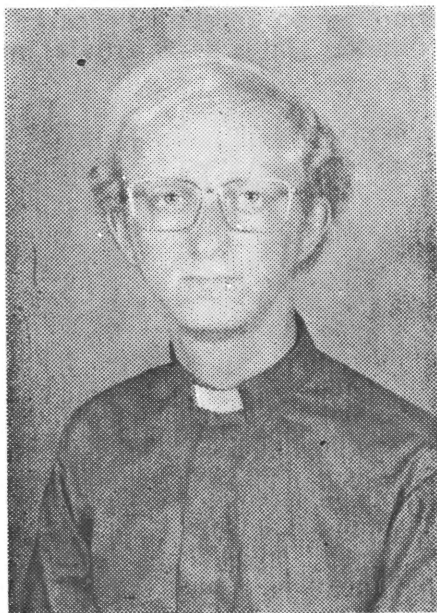
O curso primário iniciou no Educandário de Santa Tereza, de Rio Azul, e terminou no Colégio das Irmãs de Sant'Ana, em Rio Azul.

O Ginásio e Humanidades iniciou em Brusque — Santa Catarina e terminou no Studium Basilianum, de Curitiba.

A Filosofia e a Teologia cursou na Universidade Urbaniana Pontifícia de Propaganda Fide, entre os anos de 1971 a 1976. Em 1976 e 1977, estudou no Antonianum, de Roma, a Psico-Pedagogia.

Em 22.1.1978, em Mallet, foi ordenado pelo Bispo D. Efraim Krevey. Iniciou o seu ministério pastoral como Coadjutor da Paróquia de Mallet e Diretor do Seminário Menor.

No dia 2.3.1980, foi nomeado Vigário de Mallet, cargo em que permaneceu, juntamente com a Direção, até o dia 15.8.1984, quando partiu para o Pontifício Colégio Ucraino de São Josafat, em Roma, onde pretende doutorar-se em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana.



Pe. Sérgio Hryniewicz

PE. SÉRGIO HRYNIEWICZ

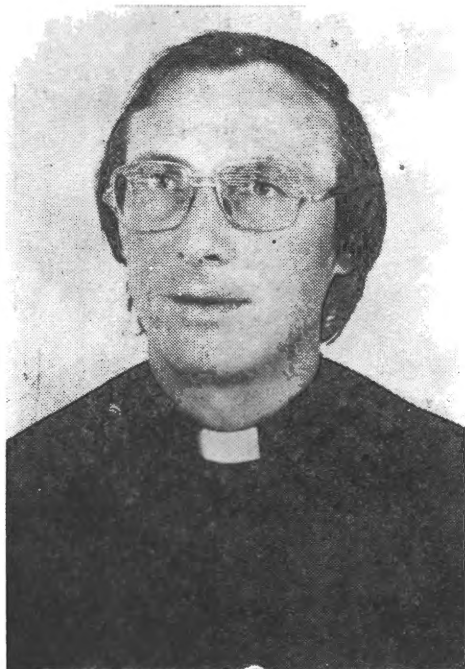
Nasceu em Mallet, no dia 21.8.1952, filho de Pedro e Olga Zavalu Hryniewicz. Começou o primário na Escola da Colônia 3 e terminou no Colégio das Irmãs de Mallet. Em 1964 foi admitido no Seminário Menor de Mallet.

Nos anos de 1965, 66 e 67 fez a 1.^a, 2.^a e 3.^a séries no Seminário de Nossa Senhora de Lourdes, em Brusque, Santa Catarina. Em 1968 a 1970 — o 4.^o ano ginásial e o Científico no Seminário de São José, de Ponta Grossa.

Em 1971, foi enviado para o Colégio de São Josafat em Roma, de onde frequentou a Universidade de Propaganda Fide, terminando os estudos Filosóficos e Teológicos em 1976. Nos anos de 1976 a

1977 cursou a Teologia Espiritual. Em 22.1.1978, foi ordenado pelo Bispo D. Efraim Krevey, em Mallet.

Em 1979, foi designado Coadjutor da Catedral Eparquial de Curitiba. Em 8.3.1980, foi nomeado como Vigário da Paróquia da Natividade de Nossa Senhora, de Vera Guarani, onde acaba de construir uma nova igreja, de material, já que a antiga foi devorada pelas chamas de um grande incêndio, permanecendo apenas intacta a imagem de Nossa Senhora. O povo e todos acreditam num milagre, razão pela qual a nova igreja foi construída rapidamente com a ajuda excepcional dos fiéis.



Pe. Jaroslau Susla

PE. JAROSLAU SUSLA

Nasceu no dia 27.11.1949, em Rio Claro, Município de Mallet, filho de Valdomiro e Eugênia Doleney Susla.

Fez o curso ginásial e científico em Brusque — Santa Catarina.

Em 1971 termina o curso de Filosofia na Universidade Pontifícia de Propaganda Fide, em Roma.

Em 1973, iniciou os estudos teológicos na mesma Universidade e, ao seu término, recebeu a Ordem do Diaconato pelo Bispo D. Miroslau Marussyn.

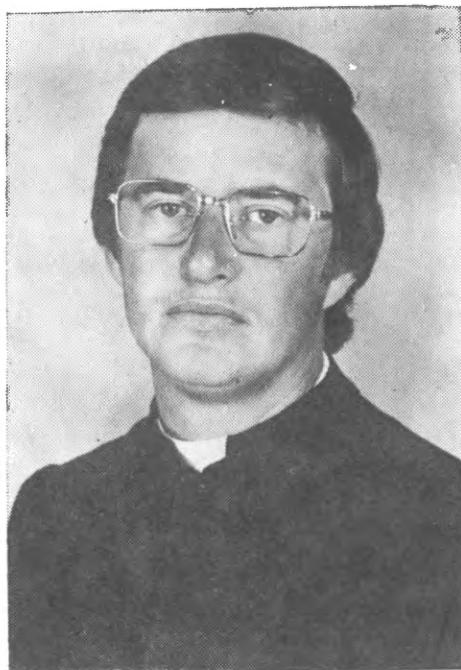
Retornando ao Brasil, recebeu as Ordens Sacras do Presbitero.

rato em 22.01.1978, pelas mãos de D. Efraim Krevey, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, de Mallet.

Em 19.3.1978, foi empossado como Pároco da Paróquia da Natividade de Nossa Senhora, de Vera Guarani.

Em 9.3.1980, foi transferido para a Paróquia de São Basílio Magno, de União da Vitória, onde exerceu o cargo de Coadjutor.

Em 25.2.1985 foi nomeado Vice-Reitor do Seminário Menor de Mallet e Coadjutor da Paróquia de Mallet.



Pe. Daniel Kozlinski

PE. DANIEL KOZLINSKI

Nasceu no Alto do Paraíso, localidade próxima de Pato Branco, no dia 18.2.52, filho de Pedro e Rosa Lúcia Kozlinski. Na capela ucraina do Paraíso, foi batizado e mais tarde fez a 1.^a comunhão.

Em 1965 ingressou no Seminário Menor de Mallet. Em 1966 fez o curso ginasial e o científico no Seminário de São José, de Ponta Grossa.

Em 1972 partiu para Roma, internando-se no Pontifício Colégio de São Josafat, de onde freqüentou a Universidade de Propaganda Fide, concluindo a Filosofia e o 1.^o ano de Teologia.

Por motivos vários, em 1976 retornou ao Brasil, e em 1977 continuou os estudos teológicos no Studium Theologicum dos Padres Claretianos, de Curitiba.

No dia 21.11.1979 recebeu a ordem do Diaconato na Igreja do Imaculado Coração de Jesus, de Mallet.

A ordenação sacerdotal se deu no dia 10.2.1980, na Igreja Nossa Senhora do Patrocínio, do Alto do Paraíso, pelo Bispo D. Efraim Krevey.

Como sacerdote, recebe o encargo da Reitoria do Seminário Maior e Coadjutor da Catedral Eparquial.

Desde agosto de 1980 até setembro de 1983 foi Vigário da Paróquia de São José, de Dorizon, e Vice-Reitor do Seminário de Mallet. Em setembro de 1983 foi nomeado Reitor do Seminário de São Josafat, de Mallet, e Vigário da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, onde, como tal, continua exercendo sua missão.



Pe. Dionísio Pedro Zalutski

PE. DIONÍSIO PEDRO ZALUTSKEI

Filho de Nicolau e Irene Tratch Zalutski. Nasceu no dia 8.7.1934, na Colônia de Francisco, Guarapuava.

Entrou para o Noviciado dos Basilianos em Ivaí a 12.1.54, fazendo os votos simples em 30.1.1956, e, em 19.5.1959 os votos perpétuos.

Em 15.2.1978 passou para o Clero Eparquial e continuou os estudos no Studium Theologicum, dos Padres Claretianos, de Curitiba, entre os anos de 1978 e 1980.

Aos 4.1.1981, na Igreja de São José, de Dorizon, o Bispo D. Efraim Krevey, ordenou-o como presbítero.

Hoje é Vigário da Paróquia do Rio das Antas, em Cruz Machado, atendendo ainda outras capelas.



Pe. Roque Hunhevicz

PE. ROQUE UNHEVICZ

O Pe. Roque Roberto Hunhevicz, nasceu em União da Vitória, no dia 15.7.1957, filho de Nicolau e Eugênia Hunhevicz.

Terminando os estudos primários e ginasiais, foi enviado para o Colégio Pontifício de São Josafat de Roma, em 1974; concluiu Filosofia e Teologia na Universidade Urbaniana de Propaganda Fide, entre os anos 1974 e 1979.

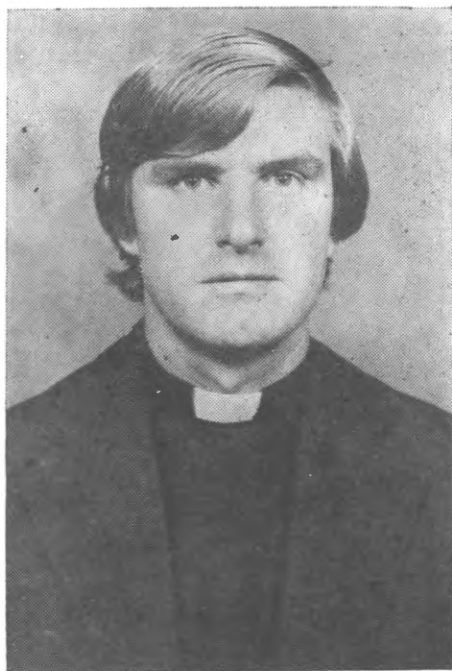
Nos anos de 1979 a 1982, especializou-se em Teologia Bíblica, quando recebeu o grau de Magistério.

Em 15.5.1983, D. Efraim Krevey ordenou-o Sacerdote.

De 30.5 até 15.8.1983, foi Coadjutor da Paróquia de Mallet e Vice-Reitor do Seminário. Em seguida foi designado Coadjutor da Catedral de São João Batista de Curitiba e ao mesmo tempo Reitor do Seminário Maior da Eparquia.

Presentemente se encontra no Pontifício Colégio Ucraino de São

Josafat, em Roma, para doutorar-se em Teologia Bíblica na Universidade Urbaniana, em 1986.



Pe. Metódio Krawetz

PE. METÓDIO KRAWETZ

Nasceu no dia 20.6.1954, no Lageado de Cima, Mallet. Filho de Paulo e Maria Krawetz, sendo o 11.º filho dos 12 que o casal possui.

Os padres do Verbo Divino o encaminharam para o pré-seminário de São José dos Pinhais, onde fez o 4.º e o 5.º ano primário. Em 1968, foi encaminhado para o Seminário do Verbo Divino, de Ponta Grossa, onde ficou até a 3.ª série ginasial.

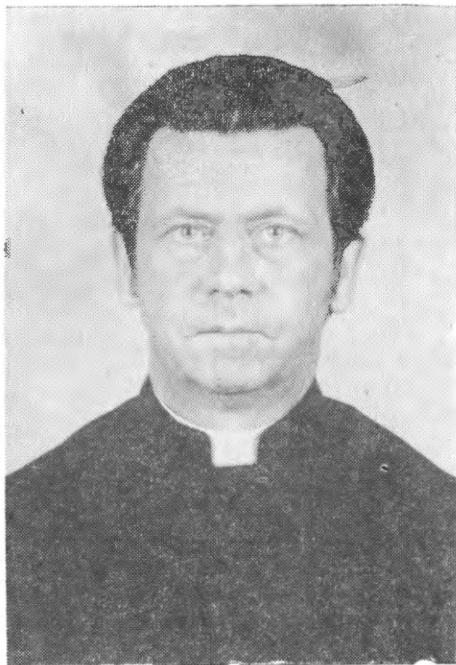
Conversando com o Padre Severo Preima, resolveu ficar no rito dos seus pais, indo estudar a 4.ª série no Seminário Basiliano de Prudentópolis. Os estudos do Científico fez no Studium Basilianum do Batel, em Curitiba. Em 1974 foi enviado para Roma, por D. Efraim Krevey, para cursar a Filosofia e a Teologia. Após estes estudos frequentou o Pontifício Instituto Oriental, onde por três anos estudou as Ciências Orientais e se especializou em Litúrgica Oriental, conseguindo o grau de Bacharelato e o Licenciado em Magistério.

Em 1982 retornou para o Brasil, para a casa de sua mãe, e prestava serviços no Seminário Maior até a data de sua ordenação sacerdotal, que se deu no dia 24.7.1983.

No dia 1.º.9.1983, recebeu a nomeação para ser o titular da Pa-

róquia de São José, de Dorizon, que assumiu no dia 25 do mesmo mês. Ao mesmo tempo foi designado Vice-Reitor do Seminário Menor de São Josafat, de Mallet.

Nessa incumbência permaneceu até 25.2.1985, quando foi transferido para União da Vitória, onde exerce o cargo de Coajutor da Paróquia de São Basílio Magno.



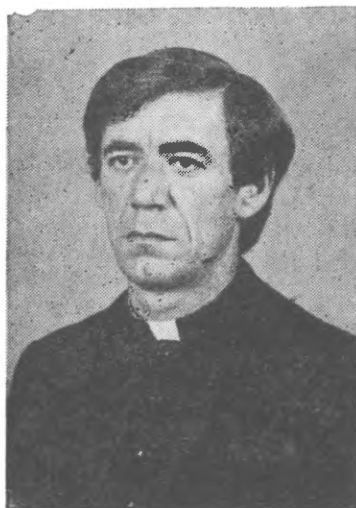
Pe. Bogdan Fleituch

PE. BOGDAN FLEITUCH

Nasceu na Colônia Vitória, Município de União da Vitória, no dia 03.02.1936, filho de Pedro e Bárbara Holooka Fleituch. Em 1954 ingressou no Seminário Menor de Prudentópolis, sem, no entanto, concluir seus estudos ginasiais.

Em 1956, foi enviado para Roma para o cargo de cozinheiro na Cúria Basiliana. Voltou depois ao Brasil, abandonando a Ordem dos Basilianos. Continuou os seus estudos nos anos de 1972 a 1977 em Porto União. Durante os anos de 1981 e 1984, inclusive, estudou Teologia no Studium Theologicum, dos Claretianos, de Curitiba.

Foi ordenado sacerdote na Igreja de São Basílio, de União da Vitória, pelo Bispo D. Efraim Krevey, no dia 26.8.1984. Foi nomeado Reitor da Missão Ucraino-Católica de Canoinhas — Santa Catarina, iniciando assim o seu trabalho na cura das almas.



Pe. Nivaldo Kozlinski

PE. NIVALDO KOZLINSKI

Filho de Gregório e e Olga Sednik Kozlinski, nasceu no dia 4.5.1947, na localidade de Alto do Paraíso, Pato Branco. Fez o curso Ginásial no Seminário Basiliano de Prudentópolis, entre os anos 1960 a 1964. A Filosofia estudou no Studium Basilianum, do Batel, em Curitiba.

A Teologia estudou no Studium Theologicum, dos Clarestianos, em Curitiba, nos anos de 1981 a 1984.

Foi ordenado Sacerdote pelo Bispo D. Efraim Krevey, no dia 30.09.1984, na Igreja do Perpétuo Socorro, da Colônia de Alto do Paraíso, Pato Branco. Foi nomeado Coadjutor da Catedral e Auxiliar-Ecônomo da Cúria Eparquial.

DIACONO JOÃO KARPOVITCH

Nasceu em Antonio Olinto, no dia 7.3.1937. Filho de Volodymyr e Catarina Romanovitch Karpovitch. Começou os estudos na Escola Rural de Campina, Antonio Olinto.

O Pe. João Michaltchuk, Vigário de Antonio Olinto, o preparou para a 1.^a Comunhão. Em 1949, tendo falecido o Vigário, a Paróquia foi entregue aos cuidados dos Padres Basilianos e o Padre Benedito Melnik fazia suas visitas à Paróquia, periodicamente. E como sempre, o Pe. Melnik procurava e encaminhava os meninos para o Seminário de Prudentópolis. E assim, em 1951, João foi encaminhado ao Seminário de Prudentópolis. Em 1953, foi aceito no Noviciado Basiliano, de Ivaí. Durante o Noviciado, apanhou uma grave doença, que mais tarde foi motivo suficiente para afastá-lo do Noviciado, e de continuar os estudos no Seminário Maior.



Diácono João Karpovitch e Sra. Irene.

Retornou para a casa de seus pais. Com o correr dos tempos, conseguiu a sua nomeação para professor da escola local, onde dava aulas de catecismo e preparava as crianças para a 1.^a comunhão. Tendo sido renovado o Diaconato permanente pelo Concílio Vaticano Segundo, o Pe. Tarás Oliynek o preparou convenientemente para poder ser ordenado Diácono, o que lhe foi conferido por D. José Martenetz. Presentemente está exercendo as atividades próprias de Diácono em Antonio Olinto.

CAPÍTULO XIV

A HIERARQUIA DA IGREJA UCRAÍNO-CATÓLICA NO BRASIL

D. JAIME DE BARROS CÂMARA — ORDINÁRIO PARA OS FIÉIS DE RITOS ORIENTAIS NO BRASIL

Em virtude do número sempre crescente de fiéis de ritos orientais residentes no Brasil, e para favorecer-lhes o dom espiritual de modo mais frutuoso, a Sagrada Congregação "PRO ECCLESIA ORIENTALI", tendo considerado o assunto com seriedade, expediu um Decreto pelo qual confiava esses mesmos fiéis a um único Ordinário, com todas as faculdades necessárias para o bom atendimento.

Eis o motivo, porque o Papa Pio XII se dignou benignamente criar e formar para todos os fiéis de ritos orientais residentes no Brasil um único Ordinariato.

Para o cargo foi escolhido o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro, com faculdade de constituir um ou mais Vigários Gerais. O Decreto de Criação do

Ordinariato se deu no dia 14.11.1951, e a posse no domingo da Páscoa, dia 13.4.1952. Já em seguida foi nomeado para o cargo de Vigário Geral o Mons. Clemente Preima, acumulando os cargos de Vigário da Paróquia de Mallet e de Vigário Geral.

D. Jaime de Barros Câmara só deixou o Cargo quando foi criada a Eparquia do Rito Ucraino-Católico em Curitiba, e D. José Martenetz assumiu o cargo.

D. Jaime foi um grande amigo dos ucranianos, sempre atento e prestimoso na solução dos problemas que o cargo lhe impunha. Um verdadeiro defensor dos ritos orientais, dando verdadeiras lições aos latinos de como deviam tratar e respeitar os orientais, que, para os mesmos, nada mais eram do que ritos meramente tolerados, esquecendo-se ou desconhecendo as preocupações constantes que a Santa Sé demonstrou em todos os séculos pela conservação dos mesmos na Igreja. Enfim, muito fez D. Jaime em favor dos orientais, seguindo a orientação dos Sumos Pontífices.

D. JOSÉ R. MARTENETZ osbm

Primeiro Bispo Ucraino-Católico do Brasil. D. José nasceu no dia 7.2.1903 em Lviv, Ucrânia Ocidental, recebendo o nome de Romão na pia batismal.

Em 1912, com a idade de 9 anos, veio ao Brasil acompanhado de seus pais, diretamente para Prudentópolis, onde fez o curso primário no Colégio das Irmãs Servas de Maria Imaculada.

Com a idade de 11 anos, aos 14 de janeiro de 1914, ingressou no Seminário Diocesano de Curitiba, no Batel, onde terminou os estudos ginasiais e a filosofia em 1922. Nesse ano volta à Ucrânia, para a cidade de Mukatchiv.

No dia 2.01.1923 entra para o Noviciado dos Basilianos, recebendo então o nome de José. No dia 24 de agosto de 1924 fez os primeiros votos e a 9 de outubro de 1927 fez a Profissão Solene na Ordem de São Basílio Magno. Nesse ano segue para Roma, a fim de concluir os estudos teológicos na Universidade Gregoriana. No dia 1.º de janeiro de 1928 recebe as sacras ordens das mãos do Bispo Grego Papadópulos.

Após a ordenação sacerdotal, retorna ao Brasil, para Prudentópolis, onde no dia 4 de junho de 1935, juntamente com o Pe. Josafat Roga, criou o Seminário São José.

Desde o dia 1.º de Janeiro de 1948 exerce o cargo de Protoconsultor da Província dos PP. Basilianos no Brasil, acumulando ao mesmo tempo as funções de redator do semanário "Prácia" e de professor do Seminário São José. Para exercer esses cargos, se entrega com corpo e alma. Juntamente com o Pe. Cristóforo Savenko Meschkiv criam o Instituto Secular das Catequistas do Coração de Jesus.

Em 1948, escolhido para o cargo de Superior Provincial dos PP. Basilianos no Brasil.

Em 1953 retorna a Roma, para assumir a Protoconsultoria da

Ordem de São Basílio e a reitoria do Pontifício Seminário de São Josafat. Nesse tempo participou da comissão de tradução da Bíblia para o ucraino.

Em 10.5.1958 o Papa Pio XII o nomeia como o primeiro Bispo Ucraino do Brasil, como coadjutor de D. Jaime Câmara, ordinário para os fiéis de ritos orientais.

No dia 15 de agosto de 1958, festa da Assunção de Nossa Senhora, recebe a sagração episcopal, tendo como consagrantes: D. Ambrósio Senychen, D. Estefano Kocitsko e D. José Skmondiuk — todos Bispos de rito ucraino dos Estados Unidos.

Ao final do mesmo ano, voltou ao Brasil, indo residir na Vila Guaíra, em Curitiba. Em 30.5.1962, o Papa João XXIII cria o Exarcado para os fiéis de rito ucraino no Brasil e D. José Martenetz é empossado no cargo no dia 19.9.1962.

Em 29.11.1971, o Papa Paulo VI designou como Bispo Coadjutor da Eparquia, com direito à sucessão, a D. Efraim Krevey, data em que foi igualmente criada em definitivo a Eparquia Ucrainiana de S. João Batista, de Vila Guaíra — Curitiba, sendo D. José Martenetz seu primeiro Eparca.

Em 1968, a Igreja Ucraina do Brasil recebeu a honrosa visita do Arcebispo Maior e Cardeal José Slipêi, que visitou então os principais centros ucrainos.

Em 5.7.1980, esteve em visita a Curitiba S.S. o Papa João Paulo II — quando numa grande concentração católica no Centro Cívico, saudou os ucrainos em língua ucraina.

Em 7 de novembro de 1978 — aniversário de nascimento de D. José Martenetz, com 75 anos de vida — em vista de sua saúde precária, o mesmo renunciou em favor de D. Efraim Krevey. Presentemente, D. José se encontra no Seminário Maior dos PP. Basilianos, de Curitiba, gravemente doente.

D. José é um profundo conhecedor das línguas ucraina, antigo-eslava, hebraica, grega, portuguesa, russa, polonesa, italiana e alemã.

Emérito historiador, e autor de vários artigos ocasionais, de um grande pensador e sólida doutrina. Em Prudentópolis editava a revista "Autodidata", em ucraino.

Após uma longa vida de trabalhos e sacrifícios no cumprimento de sua árdua missão, está sendo, na grave doença, um exemplo de resignação e de submissão à vontade de Deus.

D. EFRAIM BASÍLIO KREVEY osbm

Nasceu no dia 12.12.1928, na Colônia Saltinho, Município de Ivaí-Calmon — Paraná. Frequentou o curso primário em Saltinho, nos anos de 1937 a 1939. Em 1940 entrou para o Seminário São José, de Prudentópolis. Em 1942 terminou o curso ginásial. Em 1943 entrou para o Noviciado dos Basilianos, em Prudentópolis. Em outubro de 1944, fez os primeiros votos. Em 1945 iniciou os estudos de

humanística e de filosofia em Iracema — Sta. Catarina. Nos meados de 1948 exerceu as funções de Prefeito dos Estudos no Seminário de Prudentópolis. Ao final desse ano embarcou para Roma, a fim de iniciar os estudos teológicos na Universidade Gregoriana. No dia 1.º de janeiro de 1950, fez a sua profissão solene em Roma.

No dia 12.12.1951, foi ordenado Sacerdote pelo Bispo D. João Butchko, em Roma.

Em julho de 1952 volta ao Brasil e é nomeado Coadjutor da Paróquia de Prudentópolis e professor do Seminário São José. Em agosto de 1955 foi nomeado Diretor do Seminário São José, e em 1959 foi constituído como Superior do Convento dos PP. Basilianos de Prudentópolis e Vigário da Paróquia de São Josafat. Esses cargos exerceu até 1969. Durante esse período, conseguiu concluir as obras do Convento e do Seminário, criou o Grupo de Amadores de Teatro, de crianças e construiu o Clube Ucraino. Durante a sua gestão, se desenvolveu a Congregação Mariana de moços e moças e dirigiu um coro paroquial. Em 1961 foi orientador no Noviciado das Irmãs Servas de Maria Imaculada, e Diretor das Catequistas do Coração de Jesus. Em 1965 foi escolhido para o cargo de Consultor Provincial, e em 1969 foi removido para a Casa de Estudos do Batel, em Curitiba, exercendo o cargo de Superior e de professor. Em 1970 foi escolhido para o cargo de Provincial da Ordem dos Basilianos no Brasil.

Em 29.11.1971 o Papa Paulo VI nomeou-o como Bispo Coadjutor da Eparquia de S. João Batista, com direito à sucessão. Foi sagrado Bispo na Basílica de S. Pedro, em Roma, pelo próprio Pontífice Paulo VI, no dia 13.2.1972. Em 1978 sucedeu a D. José, que havia resignado em virtude de sua precária saúde.

D. Efraim, jovem e cheio de iniciativas, vontade firme de fazer algo em benefício de seus fiéis, tem demonstrado uma capacidade de trabalho fora do comum. A Eparquia que dirige não é rica. Entre dificuldades financeiras de toda ordem, pôde realizar obras necessárias em favor do povo. D. Efraim consegue, como num passe de mágica, realizações estupendas, como a reconstrução da Catedral, a construção do Clube Poltava e da residência eparquial.

A extraordinária atividade pastoral de D. Efraim, após poucos anos de sua sagração, já possui uma longa e impressionante folha de serviços prestados à comunidade ucraino-católica. As suas visitas às paróquias, às capelas, às escolas, aos colégios, aos hospitais e asilos são constantes e proveitosas.

No dia 21.10.1982, foi agraciado com o título de Cidadão Benemérito do Paraná, que lhe foi entregue pelo Presidente da Assembléia Legislativa do Paraná, na sede da mesma.

Participou de todos os sínodos de bispos ucranos, que se realizaram em Roma, e de grandes eventos da Igreja Ucrânia nos Estados Unidos e Canadá.

Na sua Eparquia, criou Comissões Eparquiais: Catequética, Litúrgica, Vocacional. Anualmente se realizam encontros anuais de todos os sacerdotes eparquiais, e um outro, específico, com todos os

Vigários, com o intuito de estudar e resolver todos os problemas de comum acordo.

Vamos provar a nossa assertiva acima, com a enumeração de obras que na sua gestão já foram realizadas e aprovadas. Seu primeiro ato e propósito foi o de reformar, reorganizar, e por em funcionamento adequado, o Seminário Diocesano Menor de Mallet.

1.º — Foi construído e inaugurado um centro religioso, cultural e esportivo da comunidade ucraino-católica para os jovens, em



Atual residência episcopal e sede da Eparquia Ucraniana de São João Batista, em Curitiba-PR, inaugurada no dia 1.º de dezembro de 1974.

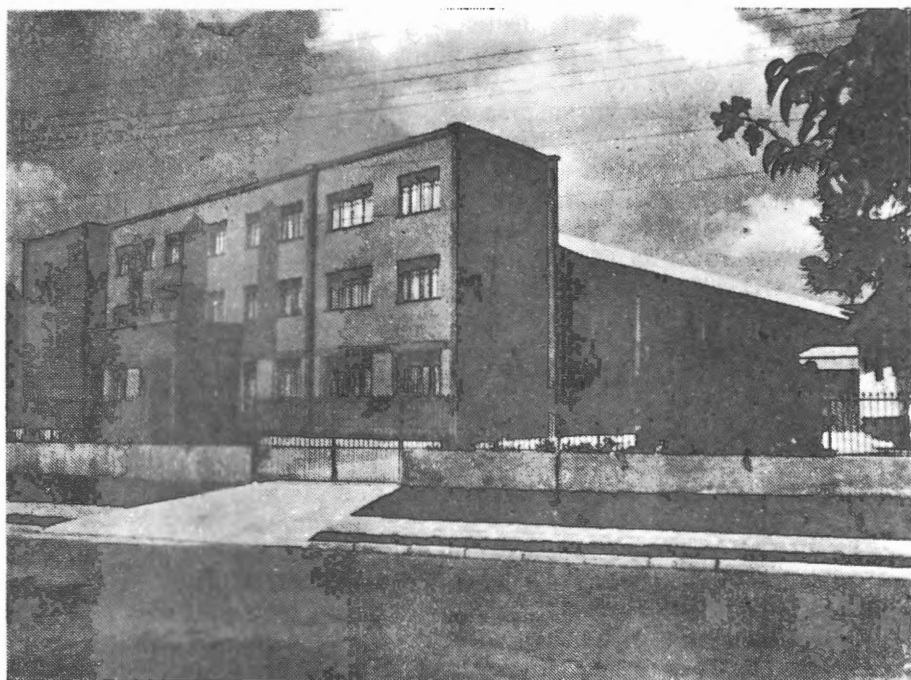
Curitiba, com espaçoso salão, palco, cancha de esportes, cuja planta tem as dimensões de 31 x 50 m e que é a sede do Clube "Poltava".

2.º — Foi inaugurada a casa do Noviciado das Irmãs Basilianas, no Bairro do Boqueirão, em Curitiba, e anexo à mesma um Jardim de Infância. É uma grande construção de alvenaria.

3.º — As Irmãs Basilianas inauguraram uma Escola Primária em Canoinhas — Santa Catarina, onde vivem cerca de 120 famílias de rito ucraino.

4.º — Na Linha Vitória, em Cruz Machado, está funcionando o Orfanato de São José, sob os cuidados das Irmãs Josefinas, mantendo ainda uma Escola Primária e um Noviciado, com cerca de 15 candidatas.

5.º — Enumeração das localidades onde foram edificadas igre-



Centro Religioso, Cultural, Recreativo e Desportivo da Eparquia Ucrainiana de São João Batista — Clube "Poltava", inaugurado no dia 10 de outubro de 1982.

jas de alvenaria do rito ucraino-católico: Craveiro — Itaiópolis — Santa Catarina; Pombas — Itaiópolis — Santa Catarina; Água Mineral — Prudentópolis; Itapará — Irati; Irati; Ivaiporã; Paulo Frontin; Eduardo Chaves — Prudentópolis; Caetê — Ortigueira; Guarapuava; Ponta Grossa; Apucarana; União da Vitória; Vera Guarani; Papanduva — Prudentópolis; Papanduva — Santa Catarina; Pitanga; Maringá; Boqueirão — bairro de Curitiba; Pinheirinho — bairro de Curitiba; Pato Branco; Itaiópolis — Santa Catarina; Abranches — em Curitiba; Mafra — Santa Catarina; Reserva; Três Barras — Sta. Catarina; Caçador — Santa Catarina; Sapucaia — Cascavel; Upá — Campo Mourão; Canoinhas — Santa Catarina; Candói — Guarapuava; Juranda e General Carneiro.

6.º — Casas de alvenaria para Irmãs Religiosas: — Irmãs Servas de Maria Imaculada: Mamborê; Tijuco Preto - Prudentópolis; Cantagalo; Candói - Guarapuava; Mafra - Santa Catarina; Barra Bonita - Prudentópolis; Pitanga; Caetê - Ortigueira e Guamirim - Irati, além da casa e Escola de 1.º Grau de Roncador. — Irmãs Catequistas de Sant'Ana: Casa da Cúria Geral, no bairro do Pinheirinho, em Curitiba; Casa do Noviciado, em Rio D'Areia, Prudentópolis; e ainda uma casa em União da Vitória. — Irmãs de São José: Casa

do Noviciado, no bairro de São Cristóvão, em União da Vitória. — Catequistas do Coração de Jesus: casa em Ponte Nova - Prudentópolis.

7.º — Em 6.6.1977, foi criada a Paróquia de Cascavel.

8.º — Foi construído o novo convento dos PP. Basilianos de Iracema — Santa Catarina.

9.º — Foi construída pelas Irmãs Servas de Maria Imaculada uma Casa de Oração em Ponta Grossa.

10.º — Foi reformada e ampliada a Catedral da Eparquia de São João Batista, da Vila Guaira — Curitiba.

11.º — D. Efraim está no firme propósito de construir, em alvenaria, uma Casa de Descanso e Recuperação Eparquial, em Marcelino — São José dos Pinhais.

12.º — D. Efraim realizou as seguintes viagens em função do seu munus: 5 viagens aos Estados Unidos; 6 viagens ao Canadá; 6 viagens a Roma; 3 viagens à Argentina; e 2 viagens ao Paraguai.

13.º — Cada ano é realizado um Congresso da Juventude Ucraino-Brasileira, em geral. São bastante concorridos e se realizam sempre em cidades diferentes.

D. José Martenetz, sentindo-se adoentado e sem condição de atender sua Eparquia, havia solicitado à congregação das Igrejas Orientais um Coadjutor, no que foi atendido com a indicação de D. Efraim Krevey. Ao apontarmos as obras e as atividades do jovem Bispo, não pretendemos com isto desmerecer a ação missionária



Catedral Ucraino-Católica de São João Batista, em Curitiba-PR, solenemente reinaugurada no dia 28 de abril de 1985.

deveras notável de D. José, não só como membro culto e zeloso da Ordem de S. Basílio, à qual pertence, mas também como Eparca, realizando obras que conhecemos e admiramos.

CAPÍTULO XV

EVENTOS QUE ACONTECERAM EM CURITIBA, PONTA GROSSA E PRUDENTÓPOLIS (ENTRE 28 DE ABRIL E 5 DE MAIO DE 1985)

Em virtude de uma decisão corajosa, D. Eíraim Krevey conseguiu promover três magníficas manifestações da presença atuante da Igreja Ucraino-Católica no Brasil. Elas devem merecer um destaque especial, não só pela movimentação dos fiéis ucraino-católicos, mas também pela repercussão que obtiveram com a organização de seus programas e o êxito de suas realizações.

A primeira solenidade se deu em Curitiba, no dia 28 de abril de 1985, com a solene reinauguração da Catedral da Eparquia; a segunda, no dia 1.º de maio, aconteceu em Ponta Grossa com a inauguração da Casa de Oração pertencente às Irmãs Servas de Maria Imaculada, destinada a retiros, conferências e encontros; a terceira, em Prudentópolis, no dia 5 de maio, com a festiva comemoração do 50.º aniversário da fundação do Seminário Menor São José, pertencente aos Padres Basilianos.

Essas solenidades, que foram realizadas em dias diferentes, tiveram a participação de importantes autoridades eclesásticas, providas de diversas partes do mundo. Além do Núncio Apostólico no Brasil, D. Carlo Furno, esteve presente o Cardeal Myroslav Ivan Lubachiwsky, ainda recentemente elevado às honras cardinalícias, com residência em Roma; arcebispos e bispos ucraino-católicos do Canadá, Estados Unidos, França e Argentina. Também se fizeram presentes o Arcebispo de Curitiba D. Pedro Fedalto e seu Bispo Auxiliar D. Albano Cavalim; D. Geraldo Pellanda, Bispo de Ponta Grossa; além dos bispos de Guarapuava e União da Vitória. Os sacerdotes da Eparquia compareceram quase na sua totalidade. Esteve também presente o Protoarquimandrita (Superior Geral) Pe. Isidoro Patrylo, da Ordem de S. Basílio Magno, com sede em Roma. Notamos ainda a presença de vários Monsenhores da América do Norte, Canadá, Argentina e Paraguai.

Entre as Congregações Religiosas femininas, notamos: Madre Geral das Irmãs Servas de Maria Imaculada — SMI, de Roma; Madre Provincial das Irmãs Basilianas, da Argentina; Superiora Geral das Irmãs Catequistas de Sant'Ana, do Brasil; Superiora das Irmãs de São José, de União da Vitória; Superiora Geral das Catequistas de Coração de Jesus; Madre Provincial das Irmãs SMI, da Polônia; Madre Provincial das Irmãs SMI, da Iugoslávia; Representante da Madre Provincial das Irmãs SMI, da Argentina; Superiora das Catequistas do Coração de Jesus, de Encarnación. Paraguai; além das Madres Provinciais das Irmãs SMI do Canadá, Estados Unidos e Brasil.



Hierarcas da Igreja Ucraino-Católica, participantes da Assembléia Pré-Sinodal realizada na sede da Eparquia em Curitiba, em 29 e 30 de abril de 1985. Na primeira fila, da esquerda para a direita: D. Basílio Losten, D. André Sapelak sdb, Metropolita Stephan Sulyk, Em.^a Cardeal e Arcebispo-Mor D. Myroslav Ivan Lubachiwsky, Metropolita Máximo Hermaniuk, D. Efraim B. Krevey osbm e D. Inocêncio Lototzky osbm. Na segunda fila, da esquerda para a direita: D. Basílio Filevych, D. Demétrio Greschuk, D. Jerônimo Chimy osbm, D. Miguel Hrynchychyn cssr, D. Myron Daciuk osbm e D. Roberto M. Moskal.

Da solene celebração Pontifical participaram o Núncio Apostólico, arcebispo e bispos ucraino-católicos e latinos, e todos os sacerdotes presentes, num total de cerca de 30 concelebrantes, sob a orientação do principal celebrante, D. Myroslav Ivan Lubachiwsky, Cardeal e Arcebispo-Mor da Igreja Ucraino-Católica.

Foi uma cerimônia soleníssima, para glorificar a Deus e agradecer as bênçãos e beneplácitos que a Providência Divina tem proporcionado à Igreja Ucraina no Brasil.

Vamos oferecer aos nossos leitores um apanhado geral de cada festividade realizada.

EM CURITIBA

No dia 27 de abril de 1985, às 20:30 hs — Noite Festiva a cargo do Coral Ucraino de Curitiba e do Grupo Folclórico Poltava, no Centro Religioso Cultural da Eparquia — Clube "Poltava". A execução de todos os números do programa foi muito aplaudida.

Domingo, dia 28.4.85, às 9:30 — Solene Pontifical no rito ucraniano, na Catedral de São João Batista. Foram celebrantes o Núncio Apostólico D. Carlo Furno, o Cardeal Myroslav I. Lubachiwsky, todos os arcebispos e bispos presentes, de ambos os ritos, e muitos sacerdotes da Eparquia. O Coral Ucraniano de Curitiba executou os cânticos, e, durante a Comunhão, vários sacerdotes auxiliaram na distribuição da mesma.

As 12 hs — Almoço Festivo da comunidade com as autoridades eclesiásticas e civis, no amplo salão do Clube "Poltava".

Nos dias 29 e 30 de abril realizou-se uma Assembléia Pré-Sinodal do Episcopado da Igreja Ucraniano-Católica na residência episcopal.

Participaram dessa Assembléia: D. Myroslav Lubachiwsky, D. Máximo Hermaniuk — Metropolita de Winnipeg, Canadá; D. Stephan Sulyk — Metropolita de Filadélfia, USA; D. Miguel Hrynchyshy cssr — Exarca de Paris, França; D. Inocêncio Lototzky osbm — Eparca de Chicago, USA; D. Myron Daciuk osbm — Bispo-Auxiliar de Winnipeg, Canadá; D. Basílio Filevych — Eparca de Saskatoon, Canadá; D. Demétrio Greschuk — Eparca de Edmonton, Canadá; D. Basílio Losten — Eparca de Stamford, USA; D. Roberto M. Moskal — Eparca de Parma, Ohio, USA; D. Jerônimo Chimy osbm — Eparca de New Westminster, Canadá; D. André Sapelak sdb — Eparca de Buenos Aires, Argentina; e D. Efraim Krevey — Eparca de Curitiba.

EM PONTA GROSSA

No dia 1.º de maio, às 10 hs — Bênção e Inauguração da Casa de Oração das Irmãs Servas de Maria Imaculada, em Ponta Grossa - PR, cognominada "Vila Josaphata Hordachevskia".

As 10:30 hs — Solene Pontifical celebrado por D. Myroslav, bispos e padres presentes e cantado pelo coral das irmãs, sob a direção da Irmã Celina, no auditório da Casa.

As 12 hs — Banquete de Confraternização no Clube Pontagrossense, quando se fizeram ouvir vários oradores, saudando os visitantes, que também fizeram uso da palavra, em agradecimento. O coral das Irmãs brindou os presentes com a execução de lindas canções populares.

EM PRUDENTÓPOLIS

No dia 4 de maio, sábado, às 20:30 hs — Concerto em homenagem ao Jubileu de Ouro do Seminário Menor São José (1935 - 1985), pelos alunos do mesmo, realizado no Centro Social de São Josafat.

No dia 5 de maio, domingo, às 9:30 hs — Missa Pontifical em Ação de Graças, na Matriz de São Josafat, sendo concelebrantes: Cardeal Myroslav, D. M. Hermaniuk, bispos e sacerdotes presentes. O coral do seminário menor executou os cantos, sob a direção do Pe. Valdomiro Koubetch.

Às 12 hs — os convidados foram brindados com um almoço festivo no Centro Social de São Josafat.

É inegável que esses três acontecimentos da Igreja Ucraino-Católica no Brasil são três marcos históricos de grande significação e satisfação para os fiéis ucraino-católicos.

Ao recordarmos as páginas iniciais deste livro, sobretudo as que se referem ao início da imigração ucraina e à chegada dos primeiros missionários ucrainos ao Brasil, ficaremos estupefatos com o contraste e como tudo mudou para melhor. Como cresceu o prestígio da Igreja Ucraino-Católica, cujos sacerdotes já não são meramente tolerados! Os nossos irmãos na fé e de idêntica missão já se conscientizaram e compreenderam a verdadeira missão da Igreja Ucraino-Católica no Brasil. Não é um quisto racial, mas uma força que se integra no serviço de Deus para a salvação das almas.

D. Efraim demonstrou sobejamente através dessas promoções o seu zelo apostólico e o seu trabalho invulgar de conduzir bem o seu rebanho.

Os senhores Bispos ucrainos da Diáspora Ucraina ficaram emocionados diante de tudo o que presenciaram. Viram, por exemplo, em Mallet, o povo com as autoridades municipais e os alunos das escolas locais receberem com grande calor a comitiva dos Bispos ucrainos, tendo à frente o Cardeal Myroslav Lubachiwsky. O mesmo entusiasmo foi apreciado em todas as visitas que foram realizadas, como em Iracema, União da Vitória, Paulo Frontin, Vera Guarani, Dorizon, Rio Azul, Irati e Ivaí.

São acontecimentos raros que marcam uma época. Merecem ser registrados nas crônicas paroquiais, para que os porvindoíros tenham consciência do que se fez e o que se está fazendo para a conservação da fé, do rito, das tradições e dos costumes do povo.

D. Efraim, com certeza, ficou satisfeito e orgulhoso com o comparecimento em massa de fiéis para homenagear tão ilustres visitantes, que muito enaltecera a Eparquia Ucraino-Católica do Brasil.

III PARTE

CAPÍTULO XVI

CONTRIBUIÇÃO DA ETNIA UCRAÍNA NA COLONIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE APUCARANA

Quando a Companhia de Terras do Norte do Paraná (Cianorte) decidiu colonizar o Norte do Paraná, até então pouco conhecido e coberto de imensas florestas virgens, cortado por rios bastante volumosos, procurou povoá-lo com elementos de outros Estados. Esta vasta região é rica de terras férteis, denominadas terras roxas.

Surgiram então os primeiros agentes, que iniciaram uma intensa propaganda, demonstrando que as terras eram fertilíssimas, próprias não só para o plantio do café, mas de todos os cereais.

Com uma propaganda inteligente e bem programada, conseguiram chamar a atenção de todos, e muitos acreditaram, iniciando-se assim uma intensa emigração interna.

Eram elementos que vinham conhecer a região para aí se estabelecer, provenientes dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O Sul do Paraná também se movimentou: o elemento de origem ucraina, cujos ascendentes já haviam desbravado as florestas do Sul do Paraná e do Norte de Santa Catarina, aceitou o desafio de derrubar novas florestas, sabendo que iria enfrentar as piores condições, para iniciar a tarefa ingente que se lhe apresentava, com a esperança de dias melhores e de um futuro promissor.

Já desde o início, Antonio Ostrenski, imigrante da Ucrânia, entrando em contato com a Cianorte, se comprometeu de trazer o elemento ucraino, que já havia dado a sua contribuição generosa na colonização do Sul do Paraná, e onde as famílias, de numerosa prole, numa média de 8 filhos por família procuravam se expandir, adquirindo mais terras em outras regiões do Estado do Paraná. Daí a emigração interna.

Sentiram a necessidade de procurar mais terras, onde os filhos pudessem formar as suas famílias e conseguir maiores recursos para melhorar a sorte, em vista de um futuro promissor. O Sr. Ostrenski exigiu da Companhia Norte do Paraná que lhe fossem reservados 5.000 alqueires de terra da atual Gleba Nova Ucrânia. Os lavradores que vinham do Sul do Paraná traziam apenas algumas ferramentas agrícolas, como foices, machados, serras e mais alguns alimentos para iniciar a tremenda luta na derrubada das matas. Partindo de um rancho coberto com folhas de palmito, que construíam nas lareiras das matas às margens dos córregos, iniciaram a ingente e difícil tarefa de preparar as terras para o plantio do café e de outros cereais necessários para o sustento.

Não havia ajuda nenhuma de quem quer que fosse. Essas primeiras famílias que aqui se estabeleceram ficavam expostas aos animais selvagens, peçonhentos como cobras, onças, aos insetos e a toda sorte de imprevistos desagradáveis para iniciar o seu trabalho, na esperança de obter um futuro melhor.

Descrever os sofrimentos, os trabalhos, as lutas, as dificuldades não só para se alimentar, mas também para atender as doentes com enfermidades que são inevitáveis em tais condições de existência, não é fácil. Vinham tentar melhor sorte, sem recursos. Não havia estradas como hoje. Traziam a mudança, levando consigo o que era mais necessário em carroças e carroções de tolda, viajando por picadas e abrindo picadões, atravessando rios ou os desviando para lugares de passagem. Viajando duas, três e quatro semanas, trazendo apenas o necessário para iniciar uma nova vida, difícil e cheia de imprevistos.

Podemos afirmar que foram famílias heróicas que se implantaram nessas terras desafiando a tudo e a todos, para vencer por um preço elevado as necessidades e sofrimentos, e dar a sua contribuição na construção do grandioso que hoje apreciamos, admiramos e bendizemos.

Assim, em 1936 apareceram as primeiras famílias pioneiras ucrainas, que aportaram em Apucarana e se estabeleceram na Gleba Barra Nova e que mais tarde recebeu o nome oficial de Nova Ucrânia. Eis alguns nomes dessas famílias corajosas que aqui vieram: Demétrio Truch, Theodoro Kovaltchuk, Constante Chinkévitch, André Kurilo, João Piecnei, Lúcio Demetriv, Simão Hnativ, Miguel Sagatei, Leão Ostachuk, Estanislau Halunka, Oleksa Galhan, Estefano Stryzakoski, Nicetas Cherbatei, as famílias Kovalh, Kozam, Olhantchuk, Procópio Kudrai, os irmãos João, Pedro e Demétrio Koslek, João Kostiureska, João e Alexandre Popovitch, e outros.

O afluxo do elemento ucraino continuou nos anos subsequentes, e assim vieram mais famílias, como os Irmãos Miguel, Pedro e Demétrio Iaremko, Francisco Havreliuk, Basílio Schafranski, Miguel Berehulka, Gregório e Nicolau Treuk, Nicolau Berehulka, Nicolau Nazarco, Moisés Haponiuk, Pedro Kuspilh, Demétrio Kuspilh, João Betzel, Atanázio Kunitski, João Mereniuk, Miguel Zarubaiko, e outros.

Após a 2.^a Guerra Mundial, muitos ucranianos que foram forçados ao trabalho na Alemanha ou feitos prisioneiros, se negaram retornar para a sua Pátria de origem, que estava sob o cruel jugo moscovita comunista. Preferiram tentar a sorte e gozar da liberdade em outros países, como nos Estados Unidos, Canadá, Argentina, Austrália e Brasil.

Para o Brasil aportou uma grande leva de emigrantes ucranianos, que se estabeleceram na sua maior parte no Estado do Paraná.

Apucarana recebeu muitas famílias, no entanto, poucas permaneceram aqui. Algumas reemigraram para os Estados Unidos e o Canadá. Outras ainda procuraram Curitiba e São Paulo. Dentre as famílias que por aqui ficaram, anotamos as seguintes: Miguel Bailak, hoje grande industrial; José Klotzak, industrial; Paulo Boruchenko, engenheiro. Por essa ocasião vieram outras famílias de outros pontos do Estado, como: Waldomiro Hruska, Estefano Kutianski, Pedro Denega, Jorge Podolan, todos industriais e comerciantes.

Um povo profundamente religioso e com um estupendo acervo de tradições religiosas, acostumado à prática de um rito pomposo e de intensa comunicação, se preocupou desde o início com a vinda de algum sacerdote. Essa falta era sentida demais. Recorreram, através do seu chefe colonizador Ostrenski, com uma vigorosa solicitação aos PP. Basilianos, então mantendo como centro de suas atividades pastorais a Prudentópolis e adjacências. Entretanto, assoberbados pelo trabalho de atendimento espiritual numa vasta região do Sul do Paraná, e com poucos sacerdotes, não puderam de imediato dar a sua anuência. Somente mais tarde, com a vinda de mais sacerdotes, é que esporadicamente puderam fazer visitas aos seus fiéis, no máximo duas vezes ao ano. Assim o primeiro missionário que veio para a Gleba da Nova Ucrânia, foi o Pe. Marquiano Skirpan. Aqui, em casas particulares celebrava missas, batizava, confessava, visitava os doentes e assistia aos matrimônios. Pe. Marquiano já desde o início entusiasmou o povo com a necessidade de se construir uma capela. O povo acolheu a idéia, mas sem recursos não pôde de imediato realizá-la. A terra produzia cereais em abundância, mas não havia transporte, nem mercado para o milho e o feijão que apodreciam na lavoura.

De 1939 a 1942, esporadicamente atendiam os fiéis os seguintes Padres: Pe. José Martenetz, hoje Eparca renunciante e enfermo; Pe. Cristóforo Savenko Meschkiv, Pe. Pedro Baltzar, Pe. I. Malaniak, Pe. Bóris Kotziv, Pe. Basílio Zinkó e Pe. Mariano Strujak. Em 1951 veio para Apucarana o Pe. Volodymer Solomka, sacerdote secular que veio da Ucrânia após a 2.^a Guerra Mundial, junto com os novos imigrantes. Esse se estabeleceu em Apucarana e permaneceu aqui até os fins de 1952, quando se transferiu para Maringá. Aconteceram então novamente as visitas dos PP. Basilianos, cada três meses.

Enfim veio o atual Reitor da Missão Ucrâno-Católica de Apucarana, que é o autor destas linhas.

Houve a nomeação do Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, para o cargo de Ordinário de todos os

fiéis de ritos orientais no Brasil. Com esse fato novo, D. Jaime designou o Pe. Valdemiro Haneiko para a Reitoria de Apucarana. D. Geraldo Singaud, então Bispo de Jacarezinho com jurisdição sobre todo o Norte do Paraná, não permitia, apesar da insistência, que o Pe. Valdemiro Haneiko se estabelecesse em Apucarana, donde com maior facilidade pudesse atender outras localidades de fiéis ucranianos. Infelizmente, o Bispo não atendia os pedidos de D. Jaime.

Posteriormente, já residindo em Apucarana, o Pe. Valdemiro estendia a sua missão a outras localidades, às vezes distantes, como Wenceslau Braz, Morango, Vila Progresso, Guadiana, Maringá e Gleba Atlântica. Na Colônia Nova Ucrânia construiu, com a ajuda do povo, uma grande igreja de alvenaria, que fica no km 10 da Estrada do Rio Bom, em terreno doado pelo Sr. João Baraniuk.

Na cidade de Apucarana, depois de muito esperar e muitas tentativas, foi construída em tempo recorde, como por milagre, em apenas dois anos, uma igreja de alvenaria. É hoje a igreja escolhida pelo povo de rito latino para os casamentos, pois consideram-na a mais bonita da cidade e a mais aconchegante.

Tendo sido eleito Deputado Estadual em 1958, exerceu esse cargo até o ano de 1962, quando foi nomeado para o cargo de Inspetor Regional de Ensino de Apucarana, cargo no qual permaneceu até o ano de 1983. Presentemente, aposentado do Ensino, exerce unicamente o seu cargo de pastor de almas.

Em se tratando de fiéis de rito ucraniano, convém nos lembrarmos de que também existem fiéis da Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana em Apucarana. Há cerca de 80 famílias ortodoxas. O primeiro sacerdote ortodoxo de Apucarana foi o Pe. Onéstchenko, que em 1938 aqui chegou. Depois dele, os Padres: Basílio Postolan, e Waldomiro Szpak. Atualmente os ortodoxos estão sob os cuidados do Pe. Valdomiro Haraczuk. Ainda em 1950, foi construída uma igreja ortodoxa na Colônia Nova Ucrânia.

Na cidade de Apucarana foi também construída e inaugurada uma nova igreja ortodoxa de alvenaria, em 1970.

No Município de Arapongas, e mais precisamente na Colônia Orleans (Orle) havia uma comunidade ucraniana emigrada da Ucrânia Oriental, composta de cerca de 30 famílias. Eram todos ortodoxos. Por ocasião do grande movimento de renascimento ucraniano em todos os setores das atividades na Ucrânia, acreditando na propaganda moscovita do paraíso soviético, a maioria das famílias de Orle reemigrou para a Ucrânia. Após um ano, houve cartas da Ucrânia, para pessoas conhecidas de Arapongas, lamentando a saída do Brasil, a falta de liberdade e a dificuldade intransponível de retornar ao Brasil, porque os soviéticos não permitem. Ficaram por lá os nascidos no Brasil, reclamando a sua cidadania brasileira, mas não receberam autorização para retornar porque os europeus não reconhecem o "jus solis", mas o "jus sanguinis".

Além dessa contribuição do elemento ucraniano em Apucarana no campo agrícola, comercial e industrial, convém anotar outras contribuições no campo social, educacional e político. Entre os que

mais se destacaram, pertencentes à etnia ucraina, foram: Dr. Pedro Firmam Neto, descendente de ucranios, nasceu em Dorizon, formou-se em Advocacia, e foi o 1.º Promotor Público de Apucarana. Depois foi eleito Deputado Federal por Apucarana. No 1.º Governo de Moisés Lupion, foi Secretário dos Negócios da Agricultura do Paraná. Presentemente, aposentado, reside no Rio de Janeiro. Dr. Estêvão Mussak, advogado, trabalhou no Fórum de Apucarana; Adão Ivankiw, 1.º Coletor Federal de Apucarana; Dr. Jaroslau Sessak, engenheiro construtor; D. Alexandrina Sessak, professora formada, tendo exercido o cargo de Vereadora na Câmara Municipal de Apucarana; Dr. Bogdan Schmuliansky, engenheiro construtor; Dr. André Celso Szpak, médico; Dr. Eugênio Ostrenski, Agrônomo; Dr. Daniel Blanski, médico; Dr. Acyr Ivankiw, advogado e Tabelião de Notas, fundador da Associação e posterior Sindicato de Bancários. Ultimamente concluíram os estudos superiores os apucaranaenses: Dr. Miroszlau Bailak e Dra. Lécia Bailak, filhos do industrial Miguel Bailak. Formou-se em Engenharia Florestal: Dr. Valmir Szpak.

Importantes firmas comerciais e industriais se estabeleceram em Apucarana, como as de Miguel Bailak, Jorge Podolan, Irmãos Maistrovicz, Jaroslau Sessak, Waldemiro Hruska, Pedro Denega, Estefano Kutianski, José Klotzak e outros.

Em atividades educacionais são muitos os professores que labutaram e labutam ainda, dando a sua contribuição ao desenvolvimento educacional e formação da juventude. O Colégio Nossa Senhora da Glória é também um Colégio que enaltece a nossa sociedade, dirigido por Irmãs de origem ucraina, da Congregação das Servas de Maria Imaculada.

E, por último, convém não esquecer que em 1978 a Chefia do Poder Executivo Municipal de Apucarana foi entregue, em eleição direta, com grande margem de votos sobre o seu concorrente, ao Prefeito Woldimir Maistrovicz, que soube cumprir a sua missão de bom administrador e enaltificado mereceu o reconhecimento de todos.

Eis, em resumo, algo de positivo que podemos anotar e transmitir aos nossos leitores sobre a participação efetiva do elemento de origem ucraina no desenvolvimento da Cidade Alta, hoje, nos seus 40 anos de Emancipação Política, em franco progresso, para o goáudio de todos os Apucaranaenses.



Epílogo

De há muito pensava eu em contribuir para a história da imigração ucraina e para registrar uma homenagem justa e merecida aos intrépidos missionários da fé, que aqui vieram para cumprir uma árdua tarefa, no meio de um ambiente hostil, proporcionando aos seus patrícios as riquezas da fé cristã, acostumados às práticas religiosas em sua terra de origem.

Resumidamente, historiamos as vicissitudes dos imigrantes ucrainos ao chegarem ao Brasil, terra que seria a pátria de seus filhos. Quantas lutas, quanto trabalho, quantas dificuldades nos primeiros anos após a sua chegada.

Não desanimaram e, lutando sempre, venceram.

A prova clara e evidente são os seus filhos e netos que galgaram posições importantes no seio da sociedade em que vivem, ocupando cargos de relevo, demonstrando o valor e a capacidade do elemento ucraino, e integrando-se na comunidade como bons brasileiros e cônscios cidadãos, que amam esta terra dadivosa, esperançosa e rica, sob o signo do Cruzeiro do Sul.

É nosso desejo, também, que este trabalho modesto sirva para acentuar e registrar um grande acontecimento histórico para todo o povo ucraino, qual seja, o Batismo do Povo Ucraino, promovido pelo Príncipe S. Valdomiro, o Grande, às margens do rio Dnipró (Dnieper), em Kêiv, no ano de 988.

A recordação deste fato histórico e cristão será comemorada em 1988, daqui a três anos, como o MILÉSIMO ANO DO BATISMO DOS UCRAÍNOS em toda a diáspora ucraina, mas dificilmente na própria Ucrânia, que presentemente se encontra amordaçada e subjugada pelo comunismo soviético ateu.

Fica assim registrado como uma HOMENAGEM do autor ao 1000.º ano da fé cristã na Ucrânia, que os ucrainos e seus descendentes têm orgulho de recordar, com gratidão aos seus antepassados, que recebendo a graça do Batismo, inauguraram a era cristã na Ucrânia.

Índice

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	13
PREFÁCIO	17
 I PARTE — UCRAÍNA E UCRAÍNOS	29
Capítulo I — Ucrânia	29
Capítulo II — Resumo Histórico	30
Capítulo III — O Ucraino	33
Capítulo IV — Língua Ucrânia	33
— O Insuperável Rouxinol dos Trigais da Ucrânia	35
Capítulo V — Vida Religiosa	39
Capítulo VI — Sacerdote	39
Capítulo VII — Espírito Religioso	40
— As Canções Natalinas	40
Capítulo VIII — Folclore Ucraino	41
Capítulo IX — Emigração	45
Capítulo X — A 1. ^a Concentração Ucrânia no Brasil, em Dorizon	49
Capítulo XI — Os Maiores Núcleos da Etnia Ucrânia no Brasil	50
 II PARTE — CLERO DIOCESANO UCRAÍNO NO BRASIL	53
Capítulo XII — Sacerdotes Seculares Ucrainos no Brasil	53
Capítulo XIII — Sacerdotes Seculares Ucrainos no Paraná	55
Pe. Nicolau Michalevitch	55
Pe. Nicon Rozdolsky	55
Pe. João Voliansky	59
Pe. Paulo Petretskei	59
Pe. Pedro Ossintchuk	60
Pe. Miguel Berejuk	61
Pe. João Michaltchuk	61

Pe. Pedro Protskiv	62
Pe. Emiliano Ananevich	64
Mons. Valdemiro Haneiko	67
Mons. Pedro Busko	67
Mons. Clemente Preima	69
Pe. Mateus Siantchuk	72
Pe. José Skulhskey	72
Pe. Demétrio Poperetchnei	72
Pe. Nicolau Dubetskei	74
Pe. Volodymer Solomka	74
Pe. Metódio Koval	74
Pe. Severo Preima	76
Pe. Carlos Treuk	77
Pe. Flor Vodonis	78
Pe. Paulo Barabach	79
Pe. Volodymyr Barabach	80
Pe. Sérgio Krasniak	80
Pe. Josafat Gaudeda	82
Pe. Edison Boiko	83
Pe. Sérgio Hryniewicz	84
Pe. Jaroslau Susla	85
Pe. Daniel Kozlinski	86
Pe. Dionisio Pedro Zalutskei	87
Pe. Roque Hunheviz	88
Pe. Metódio Krawetz	89
Pe. Bogdan Fleituch	90
Pe. Nivaldo Kozlinski	91
Diácono João Karpovitch	91
Capítulo XIV — A Hierarquia da Igreja Ucraino-Católica no Brasil	92
D. Jaime de Barros Câmara — Ordinário para os Fiéis de Ritos Orientais no Brasil	92
— D. José Romão Martenetz osbm	93
— D. Efraim Basílio Krevey osbm	94
Capítulo XV — Eventos que Aconteceram em Curitiba, Ponta Grossa e Prudentópolis (entre 28 de abril e 5 de maio de 1985)	99

III PARTE

Capítulo XVI — Contribuição da Etnia Ucraina na Colo- nização e Desenvolvimento de Apucarana	103
---	-----

EPÍLOGO	109
---------------	-----

